

Álbum Biográfico

Guerreiras da Ancestralidade



**Mulherio das
Letras Indígenas
2022**



**Mulheres em
Movimento 2022**
Fortalecendo a Solidariedade
e a Confiança



POVOS DA FLORESTA



VENDA PROIBIDA

Álbum Biográfico

Guerreiras da Ancestralidade

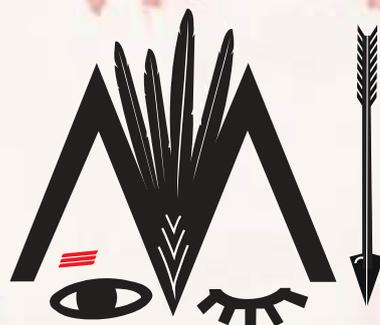
2022



POVOS DA FLORESTA

Álbum Biográfico

Guerreiras da Ancestralidade

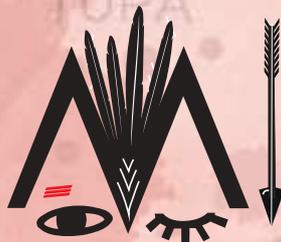


**Mulherio das
Letras Indígenas
2022**



**Mulheres em
Movimento 2022**
Fortalecendo a Solidariedade
e a Confiança





Ficha Técnica

ÁLBUM BIOGRÁFICO Guerreiras da Ancestralidade

ISBN: 978-65-996470-8-6

Edição: Amare Editora CNPJ: 31.484.974/0001-11

Coordenação Editorial: Vanessa Ratton

Revisão: Eunice Tomé

Supervisão Gráfica: EP Produções CNPJ 34.303.471/0001-90

Rua Demario Góis, 06, Pajuçara, Natal, RN-CEP 59133-355

Fotografias dos perfis: acervo das autoras

Fotos e textos extraídos de sites estão com a devida citação da fonte nas páginas correspondentes.

Projeto gráfico e capas: Eva Potiguara

Diagramação: Ana Maria Puerta Guimarães

Logo do Mulherio das Letras Indígenas: Equipe de designer: Emelin Frances, Emily Parintintin,

Eva Potiguara, Hellen Kariú, Joana Truká, Telma Tremembé

Curadoria:

Aldenora Pimentel

Aline Ngrenhtabare Kayapó

Bárbara Flores Borum-Kren

Cláudia Flor D'Maria

Eva Potiguara

Márcia Wayna Kambeba

Telma Tremembé

Direitos desta edição são reservados ao Mulherio das Letras Indígenas, por intermédio dos selos das suas editoras associadas: Amare e EP Produções. Esta obra não pode ser vendida e deve ser distribuída gratuitamente para as instituições, assim como disponibilizada em pdf, contanto que seja divulgado os créditos do coletivo e de suas coautoras.

Ficha catalográfica:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Álbum biográfico Guerreiras da Ancestralidade : Mulherio das Letras Indígenas /
organização

Eva Potiguara, Vanessa Ratton. -- 1. ed. -- Guarujá, SP : Amare, 2022.

Várias autoras.

ISBN 978-65-996470-8-6

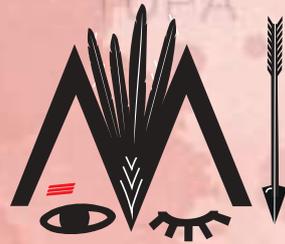
1. Ancestralidade 2. Cordel 3. Cultura indígena 4. Histórias de vidas 5. Mulheres -
Biografia 6. Mulheres indígenas 7. Poesia brasileira 8. Prosa brasileira
I. Potiguara, Eva. II. Ratton, Vanessa.

22-132678

CDD-980.41092

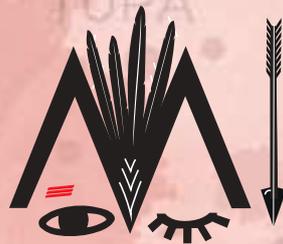
Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres indígenas : Histórias de vida 980.41092
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Dedicatória

Dedicamos esta obra às mulheres indígenas de nossas ancestralidades. Às guerreiras combatentes nas lutas, nos crimes de abusos, nos silenciamentos e apagamentos de mais de cinco séculos de invasão, genocídio e etnocídio. Somos gratas pelas sementes que plantaram, pois graças a essa semeadura, somos filhas, netas e bisnetas de seus frutos.



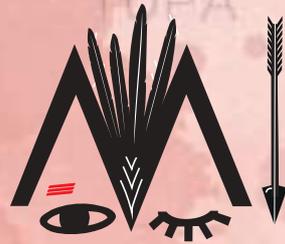
Prefácio

São Sagradas, as Mulheres Indígenas

A Convenção Americana de Direitos Humanos afirma que o direito de um ser humano viver em um ambiente deve ser saudável. A monocultura brasileira causa o desmatamento, a exaustão do solo, o consumo de água e energia em projetos irrigados, assoreamento dos rios, conduz ao uso de agrotóxicos, fertilizantes, que contaminam os lençóis freáticos e recursos hídricos e polui as nossas sagradas águas. As piores degradações são as queimadas, o desmatamento pelas madeireiras, hidroelétricas e agronegócio. Os povos indígenas e toda a população da Amazônia são os que sofrem os maiores impactos.

No momento, o Marco Temporal agride os direitos dos povos indígenas e uma luta que é travada contra os governantes reacionários, em Brasília, por uma vasta manifestação de indígenas. A demarcação das terras indígenas parou e a violência nelas cresceu. O Brasil e o mundo sofrem consequências das mudanças climáticas, do ar e da terra. A poluição do ar, dos alimentos e dos rios trazem enfermidades irreversíveis para a humanidade.

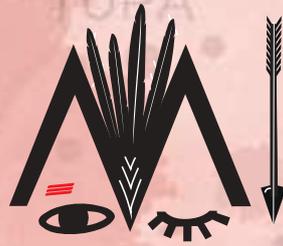
A Conferência sobre Meio Ambiente, organizada pela ONU, em 1992, mobilizou o mundo inteiro contra os transtornos causados pelo desequilíbrio dos biomas. Mas as ações dos garimpeiros ilegais, envenenamento dos rios, narcotraficantes, milicianos, contrabandistas, grileiros, exploradores de madeira vêm tirando a vida de nossos povos. E os governos nada fazem para a defesa da população pobre.



As mulheres indígenas são as mais afetadas. São as que sofrem a violência física, psicológica, estupro e marginalização, nas cidades, quando afetadas em seu habitat. Vivemos na maior crise política, hídrica, ambiental, social, sanitária e financeira. A comida falta na mesa do trabalhador, a saúde está esfacelada sem sabermos quantos ainda morrerão pela Covid-19 e suas variantes. A malária, a tuberculose, o HIV, entre outras doenças derrubam os povos indígenas e quilombolas da Amazônia e do país inteiro.

A Carta da Terra, redigida em 1992, pelos povos indígenas como um documento internacional em defesa dos direitos constitucionais é ignorada. A Carta Magna de 1988, no capítulo dos indígenas, aponta que o sistema econômico viola os direitos. Povos indígenas, quilombolas e população local guardam a identidade e a ancestralidade como maiores patrimônios para vidas futuras, pois o planeta Terra é nosso avô e as mulheres indígenas são sagradas como a natureza.

Nessas últimas quatro décadas de minha vida, trabalho para o fortalecimento e visibilidade da mulher indígena. Primeiro através do GRUMIN/ Grupo Mulher-Educação Indígena, fundado em 1989, na área indígena Potiguara, na Paraíba, e, depois, através dos jornais e da literatura indígena, com textos para crianças, jovens e adultos.



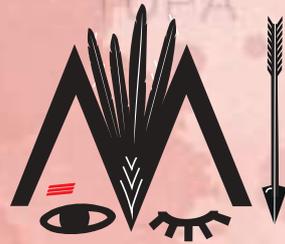
Prefaciar uma antologia só de mulheres indígenas, que contam suas histórias como testemunhas das dores sofridas por elas e suas famílias, é o maior presente que eu poderia receber. Outras antologias virão na certeza de tornar mais visíveis as histórias contadas por elas mesmas. Como disseram as jovens escritoras, Marcia Kambeba e Aline Kaiapó: “Eliane Potiguara lutava sozinha para tornar possíveis os direitos das mulheres e fazê-las visíveis, quando se discutia a questão de gênero e direitos e muitos indígenas não entendiam”. Por isso, nós escritoras, cumprimos a excelência na conscientização dos povos por meio de nossas letras indígenas nos meios de comunicação, nas tecnologias de informação, nos setores educacionais, inclusive político-partidário, pois sem políticas públicas, para nós mulheres e o meio ambiente, não se constrói nada.

Esta antologia é um grande incentivador de almas e consciências. Fazemos desta antologia um livro de cabeceira e, quando chorarmos, lembremos dessas histórias que foram sufocadas ao longo de muito tempo: a história de nossas irmãs.

Eliane Potiguara

Agosto de 2022,

Saquarema, Rio de Janeiro

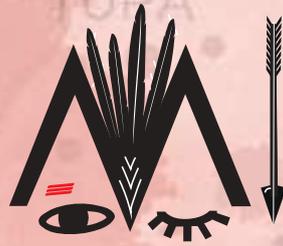


Apresentação

Chamado!

Venham, mulheres, homens e crianças de nossa terra, conheçam e saboreiem as palavras de nossas irmãs, que nos devolvem nossas origens, a palavra de nossas avós, bisavós, tataravós, senão de sangue, por certo de palavras! Foi de seus cantos junto às nossas redes e de suas artes junto ao fogo que nossa vida de todos os dias se forjou! Sem elas, não poderíamos nos queixar de estarmos jururus, capengas, na pindaíba e nem da coceira da pereba que parece catapora! Pior: nem poderíamos pedir e saborear mingau, uma das primeiras palavras que aprendemos, nem uma tapioca, ou jabuticaba, pitanga, mandioca, aipim ou macaxeira, abacaxi, açai, jeringum, amendoim, cajá... nem pedir um suco de caju ou de maracujá! Já imaginaram vivermos sem pipocas, sem paçoca, sem nunca provar uma moqueca? E ficaríamos tontas no zoológico, perguntando o tempo todo “que bicho é esse?”, sem saber chamar o jacaré, o sabiá, a perereca, a araponga, a arara, a ariranha, cutia, gambá, jabuti, tamanduá, sagui, capivara, quati, tucano, tatu e nem mesmo um urubu. Não saberíamos avisar “cuidado com a jararaca, a piranha, a saúva, o cupim,” ... e nem nos contariam onde se pode pescar siri, lambari, pirarucu... Não saberíamos se somos caipiras ou caçaras, nem poderíamos marcar encontro junto ao pé de samambaia, do ipê ou da embaúba. Agora deixemos de nhenhêhêm, e leiamos e aprendamos com nossas irmãs, sabedoras de suas origens que são de todas nós

Maria Valéria Rezende



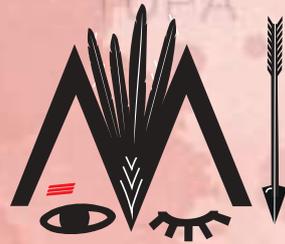
Curadoria

O Álbum Biográfico do Mulherio das Letras Indígenas é uma obra literária que reúne escritoras e poetisas indígenas de várias etnias e regiões do país, compondo uma espécie de “mapeamento” de representantes de vários povos originários, que transcendem o território brasileiro. O projeto inclui as narrativas de história dos povos, suas raízes, ancestralidades, os desafios, conflitos e suas vitórias na vida pessoal e coletiva na aldeia ou na cidade. Tudo contado na perspectiva do olhar das mulheres indígenas deste coletivo, com uma acolhida sensível às guerreiras em retomada. Esta obra foi pensada e produzida pelo coletivo Mulherio das Letras Indígenas.

Desde o projeto gráfico, ao designer, aos escritos e edição, tudo feito por nossas parentas, num clima de cooperação e amorosidade. Somos uma rede de irmãs em marcha pela visibilidade de todas sem distinção, com muita honra e a força de nossos encantados. As letras indígenas, aqui registradas, são escritas insubmissas existenciais de nossas manas, em diversos gêneros textuais (poesia, conto, crônica) sem fins lucrativos. A obra será distribuída gratuitamente nas redes sociais, nas escolas e bibliotecas públicas, conforme foi determinado pelo coletivo.

Desejamos tornar conhecidas, as escritoras aldeadas e não aldeadas; da zona rural e da zona urbana; mulheres libertas do anonimato do apagamento e do silenciamento que ainda vivem. Fazer a curadoria deste álbum, foi enriquecedor para nossos espíritos e para nossos povos em geral, pois somos parte de uma história ainda pouco conhecida e que, agora, contamos com as nossas próprias vozes.

Aldenora Pimentel
Aline Ngrenhtabare Kayapó
Bárbara Flores Borum-Kren
Cláudia Flor D’Maria
Eva Potiguara
Márcia Wayna Kambeba
Telma Tremembé



ODE ÀS MULHERES INDÍGENAS QUE NOS INSPIRAM:

nossas Escritoras Pioneiras e as Guerreiras da Ancestralidade

Cátia Tupinambá	10
Célia Xakriabá	11
Chirley Pankará	12
Eliane Potiguara	13
Joenia Wapichana	14
Joziléia Kaingang.....	15
Lúcia Paiacu Tabajara	16
Márcia Wayna Kambeba	17
Margarida Alves	18
Raimundinha Tremembé	19
Shirley Krenak	20
Sônia Guajajara.....	21



Cátia Tupinambá

E-mail: catiaquerino6@gmail.com

Maria do Carmo Querino de Almeida (Cacica Cátia Tupinambá), liderança indígena da Aldeia Patiburi, localizada na terra indígena Tupinambá de Belmonte, extremo sul da Bahia, é formada em Magistério Indígena. Ocupando a posição de viúva e mãe de três filhos: Danilo Galdino dos Santos, de 32 anos; Carlos Alberto Santos Junior, com 28 anos; e Camila Santos de Almeida, atualmente com 27 anos, sendo ainda avó de três netos. Foi Incluída no Programa de Defensores de Direitos Humanos, desde o ano de 2017, em decorrência de ameaças de morte. Participa de diversos cursos de capacitação, seminários, conferências e palestras pelo Brasil, denunciando a violação de direitos contra os povos indígenas.



Célia Xakriabá

Instagram: @celia.xakriaba

Célia Nunes Correia, também conhecida como Célia Xakriabá, natural de Itacamrambi/MG, tem 32 anos e atua intensamente em prol das causas indígenas. Mestre em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília e doutoranda em Antropologia pela UFMG, Célia faz parte da Articulação Rosalino Gomes, presente no Norte de Minas, sendo uma das fundadoras da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA).

Em 2015, com apenas 25 anos de idade, Célia foi a primeira mulher indígena que entrou para formar parte da equipe do órgão central da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, permanecendo até 2017, onde colaborou com a abertura de escolas indígenas e quilombolas e a reabertura de escolas do campo em todo o estado, atuando ao lado de Áurea Carolina como assessora parlamentar na Câmara dos Deputados. Nas ruas, nos territórios, nos palcos e nas redes, Célia como grande influencer nas redes sociais, expressa a voz e a arte, em prol do direito ao presente e ao futuro.

Seu desejo de levar essa experiência para o Congresso Nacional e contribuir com a reconstrução da democracia brasileira, se tornou possível com a força de seus eleitores na campanha para Deputada Federal, em 2022. Célia busca honrar saberes ancestrais e usar esse conhecimento para proteger os biomas, os povos tradicionais e seus territórios, lutar por vida digna nas cidades, enfrentar a guerra climática, construir políticas de cidadania e retomar a democracia brasileira, a partir dos fundamentos da cultura, da educação, da justiça socioambiental e dos povos tradicionais. A jovem guerreira defende que as escolas dos povoados indígenas têm que oferecer uma educação baseada nos conhecimentos indígenas e nos processos pedagógicos de cada povo, que são diferentes, devido aos seus contextos diferentes. Também fala da indigenização, quilombolização e camponização das escolas ocidentais, para que os alunos, que não são parte dessas comunidades, possam aprender dos outros povos que constituem o país.

Primeira Deputada Federal indígena eleita por Minas Gerais em 2022.

Fonte: <https://www.celiaxakriaba.com>



Chirley Pankará

Instagram: @chirleypankara

Chirley Maria de Souza Almeida Santos, nasceu em Floresta, 08 de maio de 1974, também conhecida como Chirley Pankará, é uma pedagoga, mestra em Educação pela PUC-SP, doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e ativista indígena do povo Pankará de Pernambuco.

É formada em Técnico em Magistério, trabalhou como empregada doméstica, diarista, e após os 30 anos de idade, cursou Pedagogia e Teatro, e por meio da Arte e da Educação, trabalhou questões ambientais. É mestra em Educação pela PUC e participou do Observatório de Educação Indígena, importante para a implementação da Lei 11.645/2008, que prevê o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígenas.

Em 2009, começou a participar da Rede GRUMIN de mulheres indígenas, grupo focado na integração das mulheres indígenas no contexto sociopolítico do Brasil. Assim, ela passou a se envolver nas lutas relacionadas a território, igualdade e educação. Chirley foi a primeira mulher indígena a ocupar a Assembleia Legislativa de São Paulo como co-deputada pela Bancada Ativista, eleita em 2018. Para ela, as mulheres inspiradoras são a sua avó Maria Divina, parteira, rezadeira, artesã, pessoa que lhe deu força para lutar, para resistir e para ocupar esses espaços; a sua mãe, como grande fonte de inspiração; e as outras parentas indígenas, que também então se colocaram como candidatas para formarem a Bancada do Cocar, tanto nas Assembleias Legislativas, como no Congresso Nacional. Ela destaca a importância de estarem no espaço de poder porque os povos indígenas colocam seus corpos, suas vidas para proteger mais de 80% da biodiversidade do mundo inteiro e, no Brasil, não é diferente. “A questão climática é de fato urgente e a sabedoria e vivência dos povos originários são essenciais para a construção de políticas públicas voltadas para a mitigação da crise climática, mas é importante entender que as soluções não serão imediatas, mas que é possível que sejam ouvidos também para a reconstrução das nossas instituições e das políticas públicas”, explica.

Fonte: <https://midianinja.org/news/eu-quero-ser-uma-voz-coletiva-chirley-pankara-acredita-na-coletividade-contra-o-retrocesso/>



Eliane Potiguara

Instagram: @elianepotiguara

Eliane Potiguara, 72 anos, considerada a primeira escritora indígena do Brasil, recebeu em dezembro de 2021 o título de doutora “honoris causa”, do Conselho Universitário (Consuni), órgão máximo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nossa “Madrinha inspiradora”, como carinhosamente a chamamos, ela também é Embaixadora Universal da Paz em Genebra (Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix – Genebra – Suíça). Essa maravilhosa contadora de histórias teve seu nome indicado, após a reunião do Círculo Universal dos Embaixadores da Paz, entidade ligada à ONU (Organização das Nações Unidas), para trabalhar a favor da paz no mundo. Além de escritora, autora de “Metade Cara, Metade Máscara”, ela é poeta, ativista, professora, empreendedora social de origem étnica potiguara de seus avós, migrantes nordestinos. Se formou em Letras e Educação pela UFRJ e extensão em Educação e Meio Ambiente pela UFOP. Fundou a primeira organização indígena, o GRUMIN (Grupo Mulher - Educação Indígena) e Enlace Continental de Mulheres Indígenas. É Embaixadora da Paz pelo Círculo de Escritores da França. Participou da elaboração da Declaração Universal dos Povos Indígenas/ONU, por seis anos nas sessões em Genebra. Nossa guerreira, possui sete livros solos, teve seus textos publicados em diversos sites, antologias e e-books, nacional e internacional. Premiada pelo Pen Club da Inglaterra e Fundo Livre de Expressão (USA).

Fonte: www.elianepotiguara.org.br



Joenia Wapichana

Instagram: @joeniawapichana

Joenia Batista de Carvalho nasceu em Boa Vista (RR), no dia 20 de abril de 1973, filha de João e Anúzia. Militou no movimento indígena desde a adolescência e adotou a alcunha de Wapichana para homenagear a sua etnia, sua origem e a cultura de seu povo, que vive no vale do rio Tacutu, na região de serras do estado de Roraima.

Formou-se em direito pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), no ano de 1997. Dois anos depois, assumiu o cargo de coordenadora do departamento jurídico do Conselho Indígena de Roraima (CIR). Em 2008, realizou uma sustentação oral no Supremo Tribunal Federal (STF), em que defendeu a legalidade da homologação dos limites contínuos da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, localizada ao longo de três municípios roraimenses. Repercutiu na imprensa por ter sido a primeira vez que uma indígena subiu à tribuna daquela corte para fazer uma sustentação oral e pelo próprio histórico de disputas políticas, envolvendo fazendeiros e indígenas sobre a demarcação das terras da Raposa do Sol.

Em 2011, concluiu o mestrado em direito internacional na Universidade do Arizona, nos Estados Unidos. Assumiu em 2013 a presidência da Comissão de Direitos dos Povos Indígenas da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), criada naquele ano. Filiou-se à Rede Sustentabilidade (REDE), em 2017 e participou do projeto RenovaBR, dedicado à capacitação de novas lideranças políticas, com o propósito de se preparar para a corrida eleitoral, por uma vaga na Câmara dos Deputados. Norteou sua campanha pela garantia dos direitos dos povos indígenas e por políticas públicas de sustentabilidade, além de encampar os direitos das mulheres e os direitos sociais em geral. Recebeu 8.491 votos e conseguiu se eleger deputada federal.

A sua posse na Câmara, em 2019, representou o ingresso da primeira mulher indígena para um cargo no Legislativo Federal no país. No exercício do mandato, seguiu a sua agenda social, no desenvolvimento sustentável, nos direitos dos povos indígenas e das mulheres. Recebeu o Prêmio das Nações Unidas de Direitos Humanos, em 2018. Escreveu, como coautora, o livro Povos Indígenas e a Lei dos “Brancos”: o direito à diferença, publicado em 2006.

Fonte: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/joenia-batista-de-carvalho>



Joziléia Kaingang

Instagram: @jozi_kaingang

Joziléia Daniza Jagso, indígena mulher do Povo Kaingang. É antropóloga, doutora pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Vice-presidente do Instituto Kaingang - INKA. Membro cofundadora da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade - ANMIGA. Coordenadora de projetos da ANMIGA. Membro fundadora da Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos - ABIA. Membro da ARPINSUL e da APIB. Assessora de Projetos do COMIN. Editora na Revista de e para Mulheres Indígenas FAG TAR - A FORÇA DELAS - <https://fagtar.org/>. Editora no projeto Vozes Indígenas na saúde da FIOCRUZ. Coordenadora pedagógica da Licenciatura Intercultural Indígena - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2016-2020). Especialista em Educação de Jovens e Adultos Profissionalizantes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Graduada em Geografia – Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Experiência na área de Antropologia Social, com ênfase em interdisciplinar, nos temas: Mulheres indígenas, saúde e sexualidade indígena, território e educação. Experiência: Coordenadora Pedagógica e professora de projeto de pesquisa e ação (V, VI e VII) na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na UFSC - 2016-2020. Estágio docência na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na UFSC - 2014 Coordenação do Projeto Eg Rá - Nossas Marcas no Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual e IPHAN 2011 - 2013. Estudo do Componente Indígena LT 138 kV Planalto - Constantina/RS, 2011. Levantamento e salvamento arqueológico na UHE Foz do Chapecó - 2008-2010.



Lúcia Paiacu Tabajara

Instagram: @luciapaiacutabajara

Lúcia Tapuia Paiacu, nascida em 1961, no município de Apodi/RN, é filha de um agricultor e ex-combatente, seu Sebastião Clementino Tavares e de uma lavadeira, dona Maria das Neves da Conceição, das Aldeias Tapuia Paiacu, do Rio Grande do Norte, e Tabajara, de Pernambuco. Ela é a cacica da aldeia Tapuia Paiacu e conseguiu obter na justiça, a mudança do nome por uma questão de orgulho quanto às suas origens. Ela conta: “Minha vontade pela mudança é pelo silêncio que sempre houve, pela história e pela injustiça com qual a tribo Paiacu sempre foi tratada aqui, com referências ruins”. Em busca de resgatar a origem da sua aldeia, Lúcia criou, em 2013, o Museu do Índio Luiza Cantofa, em homenagem exatamente à líder indígena dos Paiacus, morta em 1825. Lá, ela diz reunir peças antigas encontradas na região de Apodi, além de contar a história de seu povo. “É um povo muito sofrido, mas muito forte e resistente. E que lutou muito por essas terras”, conta. Lúcia cita sempre ter tido interesse e zelado pela história de seus ancestrais, o que se aprofundou nos últimos anos, com a criação do museu. Em meio a esse processo de resgate histórico, ela afirma que a comunidade Tapuia nunca foi extinta. “Nós ainda resistimos. Temos que parar de dizer que isso aqui é um cemitério de índio”, diz. Ela explica que os próprios antepassados tiveram receio de se admitirem como indígenas, mas cita que tradições culturais da tribo sempre estiveram presentes. “Após a morte de nossa líder, em 1825, houve um medo das gerações seguintes se declararem como Paiacus, com medo da violência que isso poderia causar”. As peças do acervo do museu são adquiridas de todos os lugares do município de Apodi e de regiões próximas. Sendo também obtidas através de famílias que tinham peças guardadas dos seus avós, peças essas de formas líticas, como: machadinhas, cachimbos, agulhão de osso, gargantilha de pedra, lascas de pedras, pilão de pedra, entre outras. Estas peças estão expostas no Centro Histórico para quem desejar conhecê-las.

Fonte: <https://books.scielo.org/id/8hp3p/pdf/oliveira-9786587108605-06.pdf>



Márcia Kambeba

Instagram: @marciakambeba

Pertencente a etnia Omágua/Kambeba, a poeta e geógrafa Márcia Wayna Kambeba nasceu na aldeia Ticuna, em Belém do Solimões (1979). Aos oito anos, mudou-se com a família para São Paulo de Olivença, onde estudou até o ensino médio. Por influência da avó, que era professora, poeta e lecionou por mais de 40 anos na aldeia onde nasceu, compartilhando toda sua vivência ribeirinha, Márcia Kambeba começou a escrever seus primeiros versos aos 14 anos. Mais tarde, Márcia Kambeba fez nova mudança para Tabatinga, também no Amazonas, onde se graduou em Geografia pela UEA. Ela precisou abrir mão inclusive de refeições para adquirir material de estudo, mas, no fim, conseguiu se especializar em Educação Ambiental e fazer seu mestrado, o qual traz a cultura do povo Kambeba, desde o século XVI até os dias atuais, na UFAM. Atualmente, reside no Pará e tem investido na carreira artística e em suas poesias, que têm semelhanças com o cordel e repercutem sobre a violência contra os povos indígenas, além dos conflitos gerados pela vida na cidade. Com a excelência da dissertação com a qual concluiu seu mestrado, que tinha como tema a identidade e o território do povo Omágua/Kambeba, Márcia teve a ideia de transformar o trabalho em poesia. Assim, nasceram: “Ser indígena, ser Omágua” e “União dos Povos”, que elucidam sobre a afirmação indígena e sobre os indígenas que não perderam sua essência e ancestralidade, mesmo morando nas cidades. A partir disso, também escreveu seu primeiro livro, “Ay kakyri Tama”, que significa “eu moro na cidade”, nome também de um dos poemas que o compõe e que acabou se tornando música. Seus textos não são apenas belos, mas propõem um processo de descolonização e podem ser trabalhados em sala de aula, a fim de proporcionar uma melhor compreensão da cultura indígena. Seu trabalho resgata a mulher de várias formas, como escritora, cantora, contadora de história, líder, sábia e guardiã da floresta. Ela acredita que o feminino é muito presente: há um cenário que permite que a mulher, porta-voz e representante da nação, se apresente de várias formas.

Fonte: <https://www.mulheresdeluta.com.br/marcia-wayna-kambeba/>



Margarida Alves

In Memoriam

Margarida Maria Alves nasceu em Alagoa Grande, em 5 de agosto de 1933. Embora não se tenha informação da etnia de sua família, Margarida tinha descendência indígena, vista como cabocla, ou parda pela sociedade da época. Ela era filha mais nova de uma família de nove irmãos e viveu no Sítio Jacu, zona rural de Alagoa Grande, até os 22 anos de idade. Porém, ao ser expulsa da terra por grandes latifundiários, a família de Margarida teve que ir morar na periferia da Paraíba (PB). Sendo assim, ela carregava a questão das terras desde cedo. Margarida nunca conseguiu estudar, foi completar a quarta série do ensino fundamental mais velha do que a média de escolaridade comum. Se tornou Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, na Paraíba, em 1973, aos 40 anos. Foi uma grande ativista de direitos humanos e trabalhistas no país. A militante esteve à frente na luta pelos direitos básicos dos trabalhadores rurais em Alagoa Grande, como: carteira de trabalho assinada, 13º salário, jornada de trabalho de oito horas diárias e férias. Também lutava em defesa dos trabalhadores poderem cultivar suas próprias terras, pelo direito do fim do trabalho infantil nas lavouras e canaviais e para que essas crianças pudessem estudar. Durante o período em que esteve à frente do sindicato local de sua cidade, foi responsável por mais de cem ações trabalhistas na justiça do trabalho regional, tendo sido a primeira mulher a lutar pelos direitos trabalhistas no estado da Paraíba, durante a ditadura militar. Seu nome e sua história de luta inspiraram a Marcha das Margaridas, que foi criada em 2000, após 17 anos de seu assassinato na porta de sua casa, em 12 de agosto de 1983. Recebeu o Prêmio Pax Christi Internacional, em 1988. Todos os anos, na semana que antecede o dia 12 de agosto, na cidade de Alagoa Grande, a população traz à tona a memória da sindicalista, que foi a precursora feminina na Paraíba na defesa dos direitos dos trabalhadores do campo.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Margarida_Alves



Raimundinha Tremembé

In Memoriam

Raimunda Marques do Nascimento, conhecida como Raimundinha Tremembé, é a primeira filha de Francisco Marques do Nascimento (atual cacique João Venâncio da etnia Tremembé-CE) e de Lúcia Ferreira do Nascimento. A indígena nasceu no dia 13 de junho de 1971 no município de Acaraú. Raimunda possuía uma gênese familiar advinda dos troncos velhos de sua etnia, e em posição de destaque na militância do movimento indígena: sua tataravó, sua Tia Chica da Lagoa Seca, rezadeira e organizadora do Torém na década de 1970. Sua bisavó Maria Quitéria, sua avó Maria Venância eram lideranças indígenas, assim como seu pai, que era cacique.

Raimunda começou seu protagonismo na Educação Indígena Diferenciada do estado do Ceará na década de 90, quando os Tremembé estavam no processo de luta pela educação e realizando reuniões para discutir esse processo. Pois, as crianças indígenas eram discriminadas nas escolas regulares, por pessoas que muitas vezes eram envolvidas em conflitos de posses de terra. Ela tinha 18 anos, quando criou a escola “Alegria do mar” em 1991, a primeira experiência de escola indígena no Ceará, sendo então, a protagonista desse tipo de educação. A educadora partia dos saberes ancestrais de seu povo, mais especificamente do ritual do Torém, para ensinar as crianças. O alcance pedagógico de Raimunda inaugurou no estado a mobilização, não somente do povo Tremembé, mas de todos os indígenas por uma Educação Indígena Diferenciada.

A partir do protagonismo de Raimundinha, a luta pela Educação Indígena Diferenciada foi ampliando-se no estado do Ceará até a conquista do primeiro Magistério Indígena, primeiramente, em nível médio e, posteriormente, em nível superior.

Raimunda faleceu no dia 15 de maio de 2009, com 37 anos de idade em sua casa, na Aldeia da Praia de Almofala, deixando oito filhos e um legado para a educação e a cultura dos povos indígenas do Ceará. Mesmo após seu falecimento, a indígena é considerada figura central na educação dos Tremembé. O modo como lecionava nos revela, desde seus movimentos iniciais, um ensaio de autonomia e de protagonismo feminino na educação. Raimunda ainda vive através das escolas indígenas!

Autoria: Arliene Stephanie Menezes Pereira e Telma Tremembé



Shirley Krenak

Instagram: @shirleykrenak

Pertencente ao povo Krenak, a ativista e escritora formada em Comunicação Social, atualmente coordena o Instituto Shirley Krenak, que desenvolve diversas atividades nas áreas ambiental, educacional, social e cultural. Autora do livro “A Onça Protetora” e à frente do projeto “Sons que Curam”, cuja essência capta o cantarolar dos pássaros e os ruídos das matas, a fim de promover a cura do saber ouvir e o fortalecimento dos chamados da mãe terra, ela sabe que a sua luta também é focada na libertação feminina. Para ela, “o machismo está presente em todas as partes, inclusive dentro das comunidades indígenas. Infelizmente, nós passamos por uma série de problemas por conta do estruturalismo patriarcal, mas fazemos o possível para valer o nosso olhar em relação ao mundo e levar adiante o discurso sobre a importância que nós, mulheres, temos na sociedade. Também defende que a mulher é um ser dotado de muito saber e, mesmo enfrentando batalhas desproporcionais, ela encontra forças para continuar sonhando”, diz. Esperançosa, Shirley acredita num futuro mais promissor, em que o papel da mulher será justamente o de curar a terra tão maltratada. “Nós somos o equilíbrio sobre essa terra, literalmente, ‘estuprada’. O nosso papel é o de reflorestar as mentes, plantar novas sementes, ecoar a sabedoria e gritar para o mundo inteiro: ‘Parem de nos matar! Chega de feminicídio! Respeitem-nos, por favor!’”. É movida pela certeza de que o corpo feminino deve ser protegido, e ela aposta, cada vez mais, no processo instrutivo. “Os corpos – da mulher e da natureza – só serão salvos com educação. E é por isso que temos que investir em todas as áreas do conhecimento. Todos os povos indígenas já são empoderados para a luta. A mulher indígena tem um poder enorme e centrado na visão coletiva de entendimento de pertencer à terra. É isso que nos mantém de pé e que nos faz acreditar no futuro. A força dos nossos ancestrais – sobretudo, das guerreiras Krenak – nos conduz para a luta”. E prossegue: “Quero viver o dia em que será possível nadar em um riacho sem minérios; conviver com o não-indígena em paz. Quero ser aceita como mulher, ser ouvida em minha causa... Quero que o meu canto seja entoado, que a marcha do meu corpo seja seguida e que a minha pintura seja respeitada”.

Fonte cedida pela autora: HARPER'S BAZAAR | MARÇO, 2022



Sônia Guajajara

Instagram: @guajajarasonia

Sônia Guajajara é uma maranhense, que se destaca pelo ativismo indígena e ambiental, estando na linha de frente na luta contra vários projetos que ameaçam os direitos e a vida dos povos indígenas, bem como o meio ambiente. Nossa guerreira é reconhecida internacionalmente, por causa das dezenas de denúncias que já fez na Organização das Nações Unidas (ONU), no Parlamento Europeu e nas Conferências Mundiais do Clima (COP), de 2009 a 2021, sobre violações de direitos indígenas. A maranhense já viajou por mais de 30 países do mundo, na luta pelos seus ideais. Com uma grande trajetória de ativismo, ela entrou para a lista das 100 pessoas mais influentes do mundo, realizada pela Revista Time, em junho de 2022. Nascida na Terra Indígena Araribóia, no Maranhão, em 1974, Sônia é do povo Guajajara/Tentehar.

Filha de pais analfabetos, aos 15 anos foi convidada para cursar o ensino médio no Estado de Minas Gerais. Depois, voltou para o Maranhão e, em 1991, formou-se em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e, em 2003, se formou em Enfermagem na mesma universidade. Em 2005, cursou pós-graduação em Educação Especial.

Na sua trajetória de militância, ela se destaca na luta pelos povos indígenas, sendo eleita, em 2009, vice coordenadora da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB). Em 2013, foi eleita coordenadora executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), onde começou a atuar no movimento indígena em âmbito nacional. Está terminando o seu segundo mandato (2017/2022) e mantém uma agenda intensa na luta pelos direitos indígenas no Congresso Nacional, estando na linha de frente contra projetos que retiram direitos e ameaçam os povos indígenas. Eleita Deputada Federal por São Paulo em 2022.



Sumário

Adriana Pesca Pataxó	26
Aline Ngrenhtabare Kayapó.....	30
Amanda Simpatia	33
Ana Kariri	37
Antônia Flechiá Tuxá	40
Ari Araci	42
Auritha Tabajara.....	45
Bárbara Flores Borum-Kren.....	49
Barbara Matias Kariri.....	52
Bea Guarani.....	55
Beatriz Tuxá.....	58
Benilda Kadiweu	60
Bruna de Medeiros	64
Bruna Karipuna.....	67
Carliane Kanindé	71
Cláudia Flor D' Maria	74
Clenia Kambiwá.....	77



Cristina Tapuya Opará	80
Danielle Munduruku	82
Delmara Mura	85
Denizia Kawany Fulkaxo	87
Elis Mura	90
Ellen Lima	93
Emelin Frances	96
Emilly Parintintin	99
Eva Potiguara	102
Fabi Guarani Mbya	106
Gleice Ferreira	109
Glicéria Tupinambá	112
Hellen Kariú	115
Iasypitã Potiguara	117
Idiane Cruzá	120
Indiana Lima	122
Jama Wapichana	125



Joana Chagas.....	128
Joana Truká.....	131
Ju Cassou Aruã.....	133
Karollen Potiguara.....	136
Kayah Namãpura Mura.....	138
Kelly Potiguara.....	140
Lidiane Kariú.....	143
Luana Guarani.....	145
Lucia Tucuju.....	148
Madú.....	150
Márcia Mura.....	152
Mariana Cambirimba.....	154
Maurille Jeritz Kukama.....	157
Mell Pury.....	160
Miguelina Tupinambá.....	163



Nora Pimentel.....	166
Pacha Carbo.....	169
Perpétua Suni Kukama.....	171
Potyra Terena.....	173
Rosinha Kapinawá.....	175
Sineide France.....	177
Sônia Wajãpi.....	179
Taí Tuwi'xawã.....	182
Tayná Cá Arfer Tuxá.....	184
Tayra Kambeba.....	187
Telma Tremembé.....	189
Vanessa Ratton Guarani Mbya.....	191
Wany Tuxá.....	194
Zélia Puri.....	196



Adriana Pesca Pataxó

E-mail: adrianapescapaiva@gmail.com

Instagram: @drikinhapeska

Sou Adriana Pesca. Hitxá Pataxó é meu nome étnico. Nasci no Território Indígena de Coroa Vermelha, localizado em Santa Cruz Cabrália, como era historicamente conhecido, na época da invasão às terras dos nossos povos indígenas, dando origem à terra que hoje chamamos de Brasil. Como demarcado em meu nome, sou da etnia Pataxó, povos que vivem no Extremo Sul da Bahia.

Nasci na aldeia, sou filha de mãe indígena e de pai negro, neta de avô artesão e avó parteira. Quando eu tinha três anos de idade, meus pais saíram da aldeia para morarem em um distrito próximo, onde havia maior possibilidade de estudos para os meus irmãos mais velhos.

A partir daí, sempre retornávamos à aldeia todos os anos. Cresci por algum tempo tendo que circular pela aldeia e pela cidade, sendo confrontada a todo momento pela visão estereotipada daquilo que se construiu historicamente sobre o que é “ser índio”.

As minhas experiências formativas me tornaram professora, e retornei à minha aldeia de origem, após concluir minha formação, me tornando, então, professora indígena da Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha. Após alguns anos, me tornei também professora do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha, em cujas instituições atuo até hoje.

A escrita e a poética sempre estiveram presentes nas minhas passagens, com elas construí uma marca representativa de quem sou e da minha história. Já com formação superior em História, ingressei na primeira turma de Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena do estado da Bahia, universidade estadual pioneira na área de Linguagens e Artes.



Adriana Pesca Pataxó

No meu TCC, trouxe à tona o diálogo de algo que, desde o início de minha jornada, me inquietava muito: a pseudo-representação que se fazia acerca da história, das narrativas e da imagem de nós, indígenas. Sempre sob o olhar do outro, do homem branco europeu, a partir de imagens racistas, estereotipadas e de inferioridade. Assim, as minhas pesquisas e discussões se mantêm ancoradas nestas reflexões.

Em 2019, ingressei no mestrado pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e tive a oportunidade, junto a outros parentes Pataxós, de cobrar a presença indígena em espaços acadêmicos, por meio do engajamento da visibilização, de representação das vozes indígenas, das produções autorais dos povos originários, bem como, das minhas próprias produções como mulher Pataxó, escritora e educadora.

Fui ampliando a minha relação com o coletivo de escritores e escritoras indígenas, possibilitado pelas redes midiáticas, em grupos de pesquisas e encontros virtuais, embora em dias sombrios como os da pandemia da Covid-19. O movimento dessas vozes vem me unindo aos parentes que já estão no movimento da literatura indígena e a todas essas vozes que já vêm ecoando e sendo reexistência.



Adriana Pesca Pataxó

O QUE É SER ÍNDIO PRA VOCÊ?

Índio, esse termo genérico que não diz quem sou

É o mesmo termo que tenta dizer o que eu sou

Mas o que é ser índio pra você?

Essa marca estereotípica que me acompanha aonde vou.

Minha pele, meu cocar, meu colar ou minha língua?

O meu traje, o meu canto, a minha pintura ou a minha sina?

Ser indígena, afinal neste contexto atual

Revela a face de uma violência colonial que não termina

Mas o que é ser índio pra você?

É estar na minha aldeia, entoando o meu awê?

Ou é estar na retomada que tu dizes não ser nada?

Além de um desejo constante de ser dono dessas terras

Além de um querer incessante de afundar as caravelas

Além de um olhar delirante, de territorializar

Quem, afinal, disse quem eu sou?

Não foi o eu que me habita,

Mas o seu desejo insano de me colonizar.



Adriana Pesca Pataxó

Se ser índio pra você
É uma história mal contada
Não se refira a mim como imagem cristalizada
Não me enquadre em seu desejo de me tornar invisível
Nem tente me definir por padrões desse seu nível

O que é ser índio pra você
Não diz nada sobre mim
Diz apenas da imagem que convém que seja assim
Não sou índio, sou indígena, sou Pataxó e outros mais
Sou povo, multiplicidade
E esse índio inventado não é a única verdade



Aline Ngrenhtabare Kayapó

E-mail: aline.juskayapo@gmail.com

Instagram: @panhonka

Sou Aline Ngrenhtabare Lopes Kayapó, pertencço ao povo Mebengokré, Aymara-Peru e Tupinambá de Uruitá, atual município de Vigia de Nazaré, no Pará. Nasci na Santa Casa de Misericórdia em Mairi, atual cidade de Belém, no estado do Pará. Cresci nos melhores bairros do mundo para mim: Jurunas e Terra Firme, ambos, subúrbios de Belém. Cresci ouvindo muito brega, rock e músicas que eu acreditava ser MPB. Desde muito nova fui introduzida às artes cênicas, onde desenvolvi minha capacidade crítica. Com 16 anos, fui apresentada ao MST e ao movimento de ocupação urbana, fato que fez com que o desejo de trabalhar com esse tipo de vulnerabilidade só crescesse. No Bairro do Jurunas onde passei grande parte da minha primeira infância, tenho muitas memórias boas, pois lá eu estava rodeada de mulheres muito fortes: minhas tias, mãe e avó. O Jurunas, durante muito tempo, havia se tornado o lugar de refúgio ideal, para o que eu passaria poucos anos depois. Aproximadamente, aos sete anos fui abusada sexualmente por um senhor. Minha família confiava nele e sempre me deixava sob seus cuidados, quase sempre, para que minha mãe pudesse ir ao hospital. Depois de uma longa fase de rebeldia, me converti ao cristianismo, passei a frequentar uma congregação onde, para o meu azar, o abusador da infância, também estava. Depois de muita autorreflexão, aprendi duas importantes lições estando fora do “corpo congregacional”: a primeira, foi a de perdoar, e a segunda, a jamais dar o outro lado da face, nem por tentação.



Aline Ngrenhtabare Kayapó

Paralelamente a essas questões, tentava desesperadamente passar no curso de Direito. Entrei na universidade em um tempo em que já era necessário dizermos quem somos. Um lugar onde seu corpo fala, e o meu gritava em silêncio. Digo isso, porque não é novidade que desse alicerce jurídico em nossa sociedade só restam ruínas, e uma garça com suas patas atoladas na lama de um direito imoral, mergulhado no sangue de nossos antepassados. Depois de um tempo, quando eu já sabia a importância de carregar um corpo político consciente do que me rodeava, consegui acessar portais de dores e orgulhos, que têm sido imprescindíveis para minha construção, enquanto ser vivente nesses mundos. Conheci o movimento feminista com suas ideias e atitudes revolucionárias, cheias de coragem para enfrentar não apenas o patriarcado, como o machismo, que por sua vez está contido em praticamente tudo que nos rodeia, e graças aos encantados, pude ver também o que tem nos afastado. Vi que por mais que tenha boas intenções, o movimento feminista não terá o poder de entender a profundidade de nossas questões, pois se tratam de memórias ancestrais muito diferentes. Pensando nesses movimentos que nos atravessam e nos emparedam contra essa sociedade que não sabe lidar com a diversidade dos saberes dos povos originários, surgiu em meu coração a motivação de criar um agrupamento de mulheres indígenas, onde pudéssemos contar umas com as outras, em diversas situações diferentes. A esse movimento chamamos de “Wayrakunas”. A cada encontro e reunião que eu era convidada, sentia que o que queimava em mim, também queimava em muitas parentas, então resolvi falar com centenas delas, uma a uma. Dizia dos nossos ideais, e o que acreditávamos. Falava e falo que precisamos garantir a segurança de nossos corpos que são a extensão dos nossos territórios geográficos ancestrais. E assim o nosso movimento, que é uma rede revolucionária de resistência artística-política e filosófica de indígenas mulheres, tem crescido.



Aline Ngrenhtabare Kayapó

A VERDADE

A verdade!
A palavra que limpa
Em nós, sangrou
O urucum borrou e o preto não limpou
Por isso doeu e dói!
O espírito é assim, semente que vai e volta
E voltou
A Wayra soprou
O vermelho circulou
O preto marcou
Porque a resistência não acabou

DESCARAVELE-SE

Lembranças de resistências
Perdidas no tempo
Achadas na memória
Que conhece o caminho de volta
Que lateja
Que dói
História
mal dita
De nós
A muirakitã
Nunca tivestes!
Caravélicos
Fétidos!
Contra ti guerreamos
Às nossas entranhas não voltarás
A correnteza é amiga
Para longe te levará
sem caminho pra voltar!



Amanda Simpatia

E-mail: amandaionara@hotmail.com

Instagram: @poetisa_ionara

Quando cheguei na Terra, no dia 08 de novembro de 1994, no solo onde transborda a foz do Rio Potengi na Zona Norte de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, Brasil, território de Pindorama, eu recebi o nome de Amanda Ionara Farias de Oliveira, por minha mãe, Ana Maria Farias Dantas, e meu pai, João Nilo Oliveira de Souza.

Enquanto criança, tive a oportunidade de residir em solo paraibano, no município de Baraúnas. Lá, cresci entre a mata aberta e os pequenos roçados, pois minha avó materna, Maria das Virgens Dantas, ou melhor, vó Teté, criou-me ensinando-me a preparar o roçado, plantar, colher e ainda tirar mel de abelhas.

Além disso, nesse espaço paraibano, junto de meus parentes da roça, conheci as serpentes, os tanques de águas salobras, cacimbas, açudes e a seca. Meus parentes maternos são indígenas que se concentraram no Seridó Norte-rio-grandense, mas que se misturaram aos judeus e aos portugueses, dada a colonização.

Quando na adolescência cheguei, voltei ao solo em que nasci, Natal, terra de água farta e doce, sem roçados, mas com energia elétrica.

Sem a presença da figura paterna, tive dificuldades em saber mais da história de meus avós paternos, no entanto, o que hoje sei, é que meu avô Manoel e minha avó Margarida foram agricultores, nascidos e residentes no município de São José de Campestre.



Amanda Simpatia

Vó Margarida, pelo que eu soube, quando revelei ao meu amado pai que escrevia cordel, também escrevia versos e cartas para a comunidade de Campestre, na sua época. Esse fato foi muito importante para dar continuidade à minha carreira de escritora, poetisa e cordelista, nos anos que sucederam 2015.

Confesso que quando criança e adolescente, não entendia o ser indígena e, por isso, foi bem tardio o processo de retomada de minha consciência aos ancestrais que existiram, sobreviveram e oportunizaram minha existência aqui.

Entre andanças, nas pesquisas, criações literárias e papos geográficos, percebi que sou indígena originária das terras que hoje chamamos de Brasil, não porque me disseram que sou, mas porque enquanto eu buscava saber dos meus antepassados - seja por parte materna ou paterna - notei o desconhecimento e a invisibilização das mulheres e dos homens que aqui habitavam antes dos judeus e portugueses, como se fosse crucial nunca citar referências de quem fosse indígena entre nossos familiares.



Amanda Simpatia

FEITICEIRA DA MATA

Feiticeira da mata... por vezes, me transformo!

Quem me mata? Não mata!

Transmuto-me em atas!

Pálidas reuniões humanas que sem fé, cantam a mim!

Segredos queridos das plantas me querem!

Mas quem entrega a pérola na orla?

Superioridade incomoda!

Todas as plantas competem

por raios solares...

Querem iluminar-se, sair do frio, mas, mera ilusão do pensar!

Plantas vivem a pensar e do lugar não saem.

Dimensões somos ao tocá-las e encontro de partículas a gerar sinfonia!



Amanda Simpatia

QUANDO A MULHER ESCREVE

Para tantos é um ato
de romper com o sistema
que diz ser a mulher
a besta fera do tema
que trata o Apocalipse,
mas ela é um poema.

A mulher quando escreve
na vida deixa legado
além dos filhos que tem
na escrita fica marcado
que inteligência tem
todo o ser dela criado.

Na arte, inspiração
Para mentes que tão brilhantes
descrevem-na sem o pudor
dos sonhos de navegantes,

a mulher e a escrita
são fontes de diamantes.
Escreve, mulher, também!

Escreve para contar
ao mundo tua história
que até quiseram apagar,
mas, no seio da linda terra
és semente a germinar.



Ana Kariri

E-mail: anasilvakariri@gmail.com

Instagram: @anasilvakariri

Meu nome é Ana Silva Kariri, nasci em Esperança na Paraíba, mas cresci em Lagoa do Mato, onde vive minha família, no sítio de minha bisavó Maria Cícera, que pertenceu aos Kariri remanescentes dos Banabué.

Minhas matriarcas vêm desse tronco onde minha bisa foi acolhida, pelo que sabemos ela veio de um massacre em Pernambuco ou Sergipe e chegou na cidade em aproximadamente 1896, vivendo até 1976, quando estava com aproximadamente 105 anos. Minha avó Angelita Bevenuto vive no sítio, antigo povoado Banabué, em Esperança. No mês de março de 2022, minha avó completou 102 anos, tornando-se a Kariri mais velha da Paraíba.

Sou a neta mais velha de Angelita e minha mãe também era a filha mais velha. Com isso, herdei o legado e a memória da história da minha família.

Recentemente, fui escolhida liderança pela AFIK-PB (Associação de famílias Kariri da Paraíba), junto com dona Nalva e Yadekan Kariri para ajudar no processo de reconhecimento Identitário e territorial dos que estão chegando e se reconhecendo Kariri da Paraíba. Um dia, ainda vamos voltar para nosso território de origem. Eu, atualmente, me divido entre BH, RJ e SP, onde faço minha militância cultural e ativismo para fortalecer o nome da etnia a que pertenço.

Sou escritora, Artista Plástica, Arte Educadora, Coordenadora de projetos, mãe e avó. Faço parte do conselho de cultura de Duque de Caxias na cadeira Afro-brasileira e Indígena e da Comissão de Paz, em Cotia, e do RENIU-Mulheres.



Ana Karirí

EU SOU

Sou menina, sou mulher, sou o amor fustigante que flora e doura o mandacaru. Sou fera, ferida ardente, cheia de cicatrizes. As minhas raízes ancestrais, são únicas e intransferíveis.

Nasci em Esperança, cresci com cheiro de mato, tomando banho de cacimba, pegando umbu do pé. Sou mãe, sou aquela que lambe a cria e quando assustada, não sei recuar.

Avanço e não tenho medo de lutar. Fui criada para ser guerreira, as matriarcas não me permitiam chorar. A inspiração nas artes e na poesia de resistência vem das energias que me movem, vem da força dos Encantados, de Badzé, das matriarcas unidas pelo rosário da Mãe Maria e da Mãe Gaia.

Sou filha dessa terra dos “brasis”, chamada Pindorama, Abya Yala. Sou Pará Poty. Xondaria batizada no Pico do Jaraguá. Sou flor do mar que abre caminhos.

Me reconstruo, diariamente, um dia de cada vez, pra entender o que somos ontem e hoje. Amanhã, sempre será talvez. Hoje, nada me falta, nem comida ou a acolhida dos amigos e filhos.

Olho para o alto e penso: “um dia chegarei no topo dos meus sonhos”. Quando necessito, busco forças em Nhanderú e escuto a sabedoria das mais velhas sussurrarem em meu ouvido: “Levanta a cabeça Opará senão a sua odé cai.” Aprendi a engolir o choro, a engolir os sapos e de tanto engolir as censuras, escolhi o silêncio.

Um dia, resolvi que o silêncio não me bastava. Aprendi a gritar e, hoje, eu grito! Grito as minhas dores todas e acalento os meus amores.

Hoje, escolho me empoderar. Como a flecha, a minha palavra não faz curva.

Sou filha da resistência, sobrevivente de um povo sofrido, sou paraibana, uma nordestina que não aceita mais cabresto.

Sou a memória do meu povo, a memória da caatinga, do povo que faz o caminho de volta. Minha infância foi vivida pelas bandas de Lagoa do Mato e Remígio, onde meu umbigo foi enterrado pela minha bisa Maria, debaixo do pé do cajueiro.



Ana Kariri

A minha avó é matriarca centenária e, até os dias de hoje, é contadora de histórias. E eu, de conto em conto, reafirmo este legado. Enquanto plantamos o milho sagrado, as Marias que somos, calejadas pela labuta, benzemos pra tirar o mau-olhado e os feitiços mandados. No Ouricuri preparamos a chegada do tempo novo e, com os verdadeiros mestres dos saberes, fazemos nossos rituais da Jurema sagrada e do catimbó de raiz.

Na primeira noite de lua crescente, dançamos com saias rodadas cheias de flores de chita e rezamos para reverenciar os nossos ancestrais. O meu maracá abre os rezos, os brincos e colares enfeitam o meu corpo, as vestimentas coloridas dizem de onde venho. Sou e sempre seremos: a poesia do sertão. A minha essência desperta e me convida a ser a mulher que EU SOU.

Sou VIDA, sou EMOÇÃO, sou FORTE e continuo sendo a ARTISTA e liderança indígena nordestina. Sou ANA, sou MARIA, sou SILVA que veio da mata, sou KARIRI da Paraíba!



Antônia Flechiá Tuxá

E-mail: antoniatuxa@hotmail.com

Instagram: @antoniatuxa

Sou Antônia de Assis de Oliveira (Antônia Flechiá Tuxá). Nascida na cidade de Rodelas, no dia 18/08/1968, filha de Maria de Assis e Antônio Saturnino da Silva, terceira filha de cinco irmãos. Casada com Luiz Marcelo de Oliveira, mãe de Hoberdan Marcelo Flechiá e Ayrumã Flechiá. Neta de José Brune Flechiá, indígena que dedicou sua vida às práticas do sagrado.

O caboclo Zé Brune, assim como era conhecido, teve o cuidado de repassar os conhecimentos, a fé e a força da ciência ancestral. E hoje, eu, sua neta Antônia Flechiá, sigo seus ensinamentos. Essa é minha ancestralidade, o que me constitui como ser nesse mundo humano.

Sou Licenciada em matemática pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco (CESVASF), tenho Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena (UNEB), especialista em Estado e Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais (UFBA) e em Educação Indígena pela Faculdade Futura. Mestranda em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras (PPGEAFIN- UNEB).

Em 2006, as forças de nossa mãe terra e de nossos ancestrais me conduziram a assumir a liderança de meu povo Tuxá, como Cacica. Também estou há 11 anos como professora de educação básica em minha comunidade. Em minha jornada de ativista indígena, desenvolvo projetos voltados para a defesa do meio ambiente, assim como também pelos direitos de igualdade, demarcação dos territórios, saúde e educação das nações indígenas.

A minha escrita possui como inspiração o protagonismo da história coletiva das populações indígenas, em especial do povo Tuxá. Outro objetivo é denunciar a negação dos nossos direitos constitucionais.

Faço da palavra a minha força para externalizar a potência e a riqueza da cultura Tuxá e, assim, promover o reconhecimento e a valorização desses saberes para o bem-viver coletivo de nosso povo. Portanto, acredito que esse é um modo de contribuir com a consolidação dos projetos societários para os povos originários.



Antônia Flechiá Tuxá

IDENTIDADE E RESISTÊNCIA INDÍGENA

Sou originária da terra Pindorama, filha da força da natureza ancestral.
Sou fruto de um povo que resistiu à invasão, provocando um rio de dor.
Sou a resistência do processo de genocídio, originária desta terra desigual.
Quando Cabral nesta terra pisou, a posse desse território arquitetou.
Há 522 anos tentam nos silenciar, essa violência gera apagamento, destruição,
derramamento de sangue, matam em massa os povos desta nação.
Deixam crianças órfãs, mulheres viúvas, anciãos sem proteção.
Sou fruto das lutas sangrentas e trago nas veias a resiliência.
Quando perguntam quem sou eu, neste mundo perverso e desumano, respondo:
Sou a criança, a menina, a mulher, a mãe e a avó que você massacrou e estuprou.
Sou filha da mulher, viúva desamparada, que você em nome da dominação criou.
Sou humana, forte e luto pela igualdade de direitos, em meio a tantas desigualdades e
barbaridades praticadas contra os nossos direitos.
Quem és tu que pensas que podes nos tratar com preconceito e desrespeito?
Você, fruto provido de um lugar distante,
Não tens o direito de invadir o nosso habitat, nos expulsar e exterminar.
Sou a vida das florestas que sobreviveu as cinzas do seu ódio exacerbado.
Quando nos queimam e, em cima do nosso chão, o concreto instalam.
Ao olhar as marcas do passado, percebo o culpado desse desgoverno.
Chamado de democracia capitalista, na verdade, é pura hipocrisia,
De quem governa sem humildade, poço de egoísmo e maldade.
Destroem direitos conquistados para o bem-viver das comunidades.
Ainda quer saber quem eu sou? Sou ser de direitos,
Sou fruto de um povo resistente, que sobreviveu à destruição da inundação.
Sou mulher indígena, guerreira, filha oriunda do rio São Francisco
Protagonista da nossa cultura, educação e tradição, sou povo Tuxá do sertão.
Resistiremos às violências e humilhações, ressurgiremos a cada dia,
Mais fortalecidos e unidos na luta por igualdade de direitos para toda a nação.



Ari Araci

E-mail: arieliipaola@gmail.com

Meu nome de batismo é Ariely Paola dos Santos, sou filha de Jeisa Gonçalves Paula e Carlos Antônio dos Santos. Nasci em São Paulo/SP no dia 13 de setembro de 1997 e criada em Natal/RN. Sou uma mulher indígena em retomada, que apesar de ter nascido na capital de São Paulo, tenho ancestralidade firmada no Rio Grande do Norte, por meus avós paternos e maternos, e os que vieram antes deles.

Na infância, passei muito tempo com minha avó Geralda Gonçalves de Araújo, que é natural de Santa Cruz, região Agreste do Rio Grande do Norte e, junto dela, aprendi a conversar com as plantas e os poderes de cura que a natureza possui. O convívio com vovó e todas as suas plantas, despertou em mim uma sensação antiga e me fez entender o porquê da intimidade com a terra e seus encantados, e que os traços que minha mãe e eu carregamos são ancestrais.

Comecei a escrever na adolescência, “diários de sonhos” e pequenas poesias que me atravessam como canto de guerreiras ancestrais e como eco da natureza que em mim brota. Não compartilhava ou publicava as poesias, as escrevia apenas em meus cadernos ou declamava aos ventos e às árvores, por apagamento de minha identidade.

Tive minha primeira poesia publicada, Iroko (Gameleira), no ano de 2020, na coletânea “Teremos Meio Ambiente?” da Editora Perse - SP. Atualmente, estou cursando Gestão Ambiental, para defesa de meus parentes da natureza, a água, a terra e o ar. Continuo a escrever versos e poesias, com as vozes de minhas ancestrais, que me guiam no caminho de retomada e a plantar com o “dedo verde”, que herdei de vovó.



Ari Araci

SOU RIO!

A boca do mundo
o ventre
guarda o fundamento
o sagrado
embaixo da terra
escoa
Terra fértil, solo, colonizado.
Dentro de mim
mora um rio
que
escorre
entre as pernas
como o
riacho
transborda
nos olhos salgados,
o mel doce
na boca
guardado.



Auritha Tabajara

E-mail: aurileneescritora@hotmail.com

Instagram: @ita.tabajara

Sou Auritha cordelista,
Nascida longe da praia,
Fascinada pela rima
E melodia da jandaia,
No Ceará foi a festa,
Meu leito foi a floresta,
Nas folhas de samambaia.

Francisca Aurilene Gomes, nasceu num pequeno interior do Ceará, em casa, pelas mãos de duas sábias parteiras, avó Francisca Gomes e Antonia Portela. Primeira neta dos avós maternos e, por essa razão, o nome ancestral de Auritha, com o qual assina suas obras literárias. Cresceu ouvindo as lindas histórias de tradição contadas por sua avó.

Apaixonada pela rima, faz poemas, desde que aprendeu a ler e escrever. Atualmente, mora em São Paulo. É escritora cordelista, Terapeuta Holística em ervas medicinais, contadora de histórias indígenas, palestrante e oficinaira.

Seu primeiro livro foi editado e adotado pela Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará e tem como título: Magistério indígena em versos e poesias. Tem vários textos em cordéis publicados nas antologias indígenas, em revistas online, como: Maria Firmino dos Reis, IHU, e a revista ACROBATA. Sua mais recente publicação é Coração na Aldeia, pés no Mundo.

Auritha é a primeira mulher indígena a publicar livros em literatura de cordel no Brasil.



Auritha Tabajara

RESPEITE A MÃE NATUREZA!

1º Por que será que nascemos?

Alguém já se perguntou?
Será que é pra ser senhor,
Em quantidade e poder?
E só ganhar sem perder?
Achando que é chiqueza,
Ser bonito e ter beleza,
Sem querer que o outro tenha,
Faz de tudo uma resenha,
Respeite a mãe natureza.

2º Mas se poluir os rios,
Onde mora os peixinhos,
Matando os passarinhos,
Jogando lixo no chão,
Me chamando de irmão,
Se não ver tanta tristeza
maltratando com bruteza,
Tudo que é diferente,
Pois seja mais consciente,
Respeite a mãe natureza.

3º Todo mundo aqui já sabe,
mas não custa reforçar,
É preciso dela cuidar,
Somos filhos, fruto e semente,
Aqui não somos cliente,
Digo com toda franqueza,
Ter cultura é ter riqueza,
Se manter bem ativada,
Memória bem cultivada,
Respeite a mãe natureza.



Auritha Tabajara

4º Se não tem a consciência,
De cuidar e mantê-la viva,
Acorde a iniciativa,
Seja um bom cidadão,
Lembre-se da alimentação,
Que tem lá na sua mesa,
É que alguém deu dureza,
Pra que brotasse da terra,
Seja no sertão ou na serra,
Respeite a mãe natureza.

5º O oxigênio não se compra
Nem tu vives sem respirar,
Não é só pra admirar,
O verde da plantação,
Que existe na região,
Queria sentir firmeza,
mas só vejo malvadeza,
Queimada e desmatamento,
Tenha cuidado com o vento,
Respeite a mãe natureza.

6º Somos filhos desta terra
Se falta água no rio,
É triste o desafio?
Água pra nós é sagrada!
A terra abençoada,
Que tira toda impureza,
E faz crescer a beleza,
Gerando nosso futuro,
Não queime o seu monturo,
Respeite a mãe natureza.



Auritha Tabajara

7º Sou nativa Tabajara,
Desta terra cearense,
De serras ipueirenses,
Desde a quinta geração
Histórias e construção,
E memória com certeza,
Minha avó é uma lindeza,
Minha maior referência,
Nos ensina com paciência,
A respeitar a mãe natureza.



Bárbara Flores Borum-Kren

E-mail: barbaranflores@yahoo.com.br

Instagram: @barbaranflores

Minhas pistas de volta para casa, quase foram apagadas para sempre, mas minhas raízes são fortes e profundas e me guiaram até o meu povo Borum-Kren – Remanescentes Botocudos do Uaimií/ Região dos Inconfidentes – MG. Povo sobrevivente de uma guerra “justa” declarada, resistente num território ainda em disputa pela riqueza mineral.

As histórias me eram contadas de forma fragmentada, como algo distante, inclusive com ares lendários e folclóricos. Mesmo assim, eram histórias que habitavam meu imaginário, que me nutriram e me fizeram ter orgulho e guiaram os meus passos.

Na infância, desenvolvi vergonha da minha aparência, em resposta aos processos de exclusão e racismo, pelos quais passei, onde me fizeram acreditar que eu era uma criança feia e inferior. Cresci com baixa autoestima por ter sido socializada em ambientes, onde eu era vista como exótica, e que aqueles que se pareciam comigo eram estigmatizados e colocados no passado, como se não existissem mais.

E nos meus momentos de maior tristeza e solidão, eu escrevia...

Escrevia histórias sobre Yãmã, uma menina indígena que crescia livre e feliz com seu povo em seu território originário, em meio aos parentes seres humanos e não humanos, seres árvores, seres montanhas, seres rios... Yáman escutava histórias do avô na beira da fogueira, aprendia os antigos ensinamentos no idioma de seu povo e, assim, ela se desenvolvia para se tornar uma grande guerreira, para que um dia pudesse se sentar na beira da fogueira e contar histórias de feitos vitoriosos para seus netos e para a família inteira.



Bárbara Flores Borum-Kren

Hoje, eu sou mãe da Rhara, Cainã e Kauai; pertencço ao povo Borum-Kren (remanescentes Botocudos do Uaimíí - indígenas do tronco Macro-Jê da região dos Inconfidentes/MG) e descendente Maxacali. Sou dançarina, professora, pesquisadora e escritora, graduada em Turismo, especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade.

Nessa minha jornada, me tornei mestre e doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente, vice-presidente da Associação do Povo Indígena Borum-Kren, idealizadora e gestora do Espaço Flores Astrais – espaço de artes, vivências corporais e fomento às culturas originárias. Também sou membro fundadora e integrante do grupo de pesquisa do Movimento Wayrakunas Brasil — Rede ancestral-filosófica, que se vincula à reflexão da resistência das indígenas mulheres no Brasil.

Para nós filhas/os e netas/os de indígenas mulheres, nascidas/os nas cidades e frutos do projeto de “embranquecimento”, nos restou somente o imaginário distante de que um dia aqui nesta terra existiram povos como o meu, que foi declarado extinto por um decreto, e mesmo assim, ao contrário, do destino imposto, resolveu se unir e levantar a cabeça para dizer a todos que: estamos Vivos e Fortes!!!



Bárbara Flores Borum-Kren

MEMÓRIAS DE YÁMAN: CAMINHOS DE VOLTA PARA CASA

Yáman era uma menina como muitas meninas da sua idade. Gostava de brincar, correr livremente sentindo o vento em seus cabelos, de nadar no igarapé e se imaginar dentro de um vasto oceano de águas quentes, que deslizam sobre seu corpo como um manto macio, que acolhe um bebê num dia frio.

Gostava de subir em árvores para alcançar as alturas. Entre águas profundas e copas da liberdade, ela se aconchegava no corpo quentinho de outras gentes de quatro patas.

A menina tinha um universo inteiro e vasto dentro de si, como uma cuia do barro mais forte que guarda todo tipo de alimento necessário para se nutrir.

Se nutria de histórias e memórias, de histórias suas e de histórias imaginárias, de histórias inventadas e de histórias das pessoas sábias...

Seus olhos de jabuticaba brilhavam na noite, como a coruja que observa no crepúsculo um prenúncio da própria sorte, cada vento diferente, folha caída, pedra no caminho, ruído obscuro ou mesmo uma risada no infinito...

Tudo era motivo de abrir mais o olhar, ampliar o ouvido e despertar aquilo que já era sabido.

Entre uma história e outra, Yáman crescia. Crescia, mas também esquecia. Até chegar um dia em, de tão longe estava de onde ela vinha, que para casa, voltar, já não sabia.

No eterno silêncio do mundo de si, foi desenvolvendo suas capacidades astutas de ler o que não foi escrito, escutar o que não foi dito e lembrar do que não foi vivido.

E aos poucos, foi percebendo, ao olhar para os lados, a presença de seres encantados, ora terrenos, ora alados. Seres que foram se juntando à sua caminhada e, por vezes, simplesmente para levar um recado.

As memórias, que de tempos em tempos reaparecem, na verdade eram também, as memórias daqueles que não vivem mais.



Barbara Matias Kariri

E-mail: barbara.leitematias@gmail.com

Instagram: [@flechalancadaarte](https://www.instagram.com/flechalancadaarte)

Me chamo Barbara Matias, indígena do Povo Kariri, nasci na comunidade do Marreco (Aldeia Marrecas) Quitaius, Lavras da Mangabeira/CE. Sou atriz, mas transito também no audiovisual e na escrita. Minha prática tem um caminho não-linear, uso o corpo como suporte para denunciar o memoricídio em diferentes plataformas artísticas e resgatar memórias originárias que foram apagadas devido o etnocídio/genocídio da nação Kariri, a fim de recontá-las, reperformar, denunciar e curar-se.

Sou autora do livro Pensando a pedagogia do teatro da sala de ensaio para a escola pública (Ed. APPRIS,2020). No Coletivo Arruaça Escoamento, Coletiva Flecha Lançada Arte, Coletivo Tamain, eu atuo como roteirista e atriz na Produtora de Cinema Anauá Filmes. Também faço parte da liderança jovem e ativista na Aldeia Marrecas e Retomada Kariri do Ceará; sou estudante de roteiro na Escola Porto Iracema das Artes de Fortaleza e doutoranda em Artes da Cena pela UFMG.



Barbara Matias Kariri

ASSINALE COM X SUA COR: BRANCO, PARDO OU NEGRO?

Assinale com X sua cor: Branco, pardo ou negro? Respondi, nenhuma. Todos tomaram um susto mas preferiram não comentar sobre. Estava na sexta série, aquele era o segundo ano estudando na cidade. Eu tinha muito medo da professora de português, que fazia questão de falar em alto tom que eu era a única aluna que falava e escrevia errado, como um aluno da segunda série. Era assim que ela me apresentava.

Naquele dia, fui ousada, como disse a diretora que me fez passar uma hora e meia de joelhos no milho, pra manter o bico fechado e, mais uma e meia nas pedrinhas, para parar de achar que pedra é santa.

Eu ali naquela sala de parede desbotada, de um lado a imagem do prefeito da cidade e do outro nossa senhora Fátima, eu tive medo da face daquele prefeito que desde que me entendi de gente seu sobrenome governava aquela cidade, a santa estava triste quase olhando pra baixo.

Fiquei ali, não sentia mais pedra, milho ou dor. Estava perplexa, calma e observando aquelas duas imagens que não me causavam nenhuma empatia. Quando não conseguia mais olhar aquelas duas imagens, naturalmente meus olhos foram fechando como o ápice de uma meditação, dos meus olhos não desciam lágrimas, nada daquilo fazia sentido, essa era minha única razão.

Ainda de olhos fechados, lembrei de uma história que sempre que minha mãe conta meu pai se envergonha, pensei em contar pra diretora, talvez, ela me ajudasse e até me pedisse desculpas por tudo aquilo, então, a partir dessa ideia, comecei a ensaiar em voz alta.

Minha mãe, quando conheceu pela primeira vez a casa da mãe do meu pai, estava com sua prima Stella que morava na capital e estava de férias na casa da minha avó materna Alice.

Quando as primas chegaram na casa da minha avó Zézinha tomaram um susto. Elas colocaram as duas mãos no rosto de frente da porta da frente que estava toda escancarada, como de costume. Stella gritou desesperada. Meus tios, Ananias, Cauã e Caué saíram correndo assustados. Meu pai Moacir ficou sem jeito e correu pra dentro de casa, colocou sua melhor roupa, que por sinal era a mesma que ele usou na festa do município em que conheceu minha mãe, quando voltou para atendê-las, compreendeu que o susto das moças era porque os rapazotes estavam trajando calçolas, e aquilo não era normal na cidade, a menos que fosse na praia.

Meu pai recepcionou as moças pedindo que elas adentrassem, a casa era tão vermelha por dentro quanto a terra, que elas vinham pisando, depois que desceram do fusca amarelo. As meninas de vestidos coloridos, sapatos e meias até os joelhos não sabiam como sentar-se, como conversar naquele lugar, com aquelas pessoas. Talvez minha mãe, por interesse nos olhos negros e expressivos do meu pai ou por morar numa cidade menor, aos poucos foi se permitindo e até achou cheia de graça a casa, observava lentamente, aquelas paredes eram da mesma tonalidade do chão, achou bonito meu tio Ananias catando piolho na minha tia mais nova. Buscava a cada segundo, encontrar os olhos do meu pai que estava um pouco assustado, nunca conhecera uma moça tão bem-vestida feito ela, sem contar que quando a conheceu era a terceira vez que ele pisava na cidade.



Barbara Matias Kariri

Alguns cheiros começaram a incendiar aquele lugar, era minha tia Janaina torrando arroz pro almoço. Foi até a sala, limpou duas cadeiras e pediu para as moças se sentarem. A minha mãe sabia que aquele povo que ela estava conhecendo tinha algo a mais, uma coisa que talvez a prima Stela nunca compreenderia, como os “donos da mata” dominavam até o vento.

Quando a tia Janaina chamou todos para almoçar, a Stella não aceitou, disse que não comia fora de casa. Quando minha mainha colocou a primeira colherada na boca, aquele arroz torrado com óleo de coco babaçu, que até agora enche minha boca de água, ela olhou pro meu pai e em silêncio pediu ele em casamento. Os dois riram e ela perguntou se depois que comesse aquela pratada ela podia repetir. Todos responderam juntos: - sim!

Nesse instante, uma mão suada batia nas minhas costas, não para me convidar para o almoço. Eu continuava na sala desbotada da direção, de frente das duas imagens. Tomei um susto, quase me engasguei e não era com arroz torrado no óleo de coco babaçu. A diretora olhou na minha testa e falou: Mocinha da sexta série, acabou seu castigo. Eu continuei ali e ela gritava cada vez mais alto, acabou seu castigo, você está livre, livre. Não vi motivos pra comemorar.

Pegou no meu braço direito, os milhos e as pedras ainda colados nos meus joelhos. Falei: - Agora eu posso responder? Ela me disse, já decidimos: - você é parda. Pensei, ela não entendeu nada assim como a prima Stella. Sai da sala pensando como as escolas continuam respondendo por nós.

Por favor, não me pergunte se sou branca, parda ou negra, quando você nem sequer me dar a oportunidade de expressar minha identidade indígena que todos os dias é apagada, queimada, calada por imagens de governantes que sempre assinaram na alternativa, branco.



Bea Guarani

E-mail: fanny.btr@gmail.com

Sou de sangue e ancestralidade dos povos Guarani, da região sul do Brasil e nordeste do Paraguai, com a antropologia Mbyá Guarani ainda investigando documentos ancestrais. Nome na linguagem dos Karai Kuéra: Beatriz Rodríguez. Nascida justamente no “Dia Internacional da Mulher indígena”, em 05/09/1966, em Assunção do Paraguai, porém, sempre com idas e vindas, até definitivamente ter a permanência no Brasil, morando em Natal/RN, desde 2009.

Tenho avós maternos na Cidade do Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, fui afastada de minha mãe biológica aos 30 dias e, desde criança, sofri abusos físicos, verbais, psicológicos e outros, dessa sociedade machista, hipócrita e autoritária, que me oprimiram por ter a pele morena, cabelo, fisionomia e caráter dos indígenas (me chamavam de “índia” com desprezo).

Aos oito anos eu fui morar com a minha avó paterna, onde frequentei educação pública escolar, em espanhol, e na oralidade de casa aprendi a língua que trago no sangue e que é marca de minha existência e resistência: o “avañe’ẽ” ou “guarani”.

Senti, desde cedo, uma grande necessidade de conhecer as minhas origens. Era como uma atração espiritual que não me desgrudava. O meu avô era imigrante italiano e a minha mãe biológica me proporcionou que eu estudasse no colégio Dante Alighieri, onde eu aprendi e me formei no básico dessa língua.

Aos 15 anos, uma senhora idosa, desconhecida se aproximou de mim na rua e disse-me: você tem que ajudar as pessoas, porque “Tupã Nemo Katupyry Tataindy” (Deus te deu luz da sabedoria), mas antes, terás que te encher com conhecimentos que facilmente entenderás.

Foi assim que, com sede do conhecimento, muito amante da natureza e da arte, e empurrada pela necessidade espiritual, comecei a rabiscar minhas inspirações vivenciais, cartas e respostas a pedidos dos colegas da escola para as suas namoradas, poesias e pequenas histórias, inspiradas no sentimento da alma indígena, emoções e observação, que trago até hoje.



Bea Guarani

Me formei em Ciências e Letras, e continuei a caminhada no estudo em diversas áreas, pois precisava ganhar o sustento com isso, cursei: Gerência Administrativa, Políticas Públicas, Relacionista Público, Oratória, PNL, Coach Junior, Empreendedorismo e Mentoria, Informador, Intérprete e Guia do Turismo para visita às Comunidades das Reservas.

Atualmente, atuo na Gestão Turística e ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), Agenda 2030 e idiomas, como auxiliar de traduções em pequenos ensaios e poesias para o guarani.

Participo de grupos de estudos das Letras e Ancestralidade no Brasil, Argentina e Paraguai, com ênfase na preservação da identidade indígena e afirmação da existência ancestral. Sou ativista de vozes que ecoam por direitos indígenas e pelas crianças em situação vulnerável. Também atuo pelo reconhecimento dos Direitos das Comunidades Indígenas, para que sejam de fato respeitadas e não simplesmente registradas na escrita da lei.

Meu grande desejo é ver a língua dos nativos ressurgir, e sendo falada pelas pessoas dentro e fora das comunidades. Minha palavra preferida é aguyje, “GRATIDÃO”



Bea Guarani

“MULHER... UM AGUYJE ANCESTRAL”

Para vocês, queridos amigos,
Para você, meu benquerer.
Contar-te minha vida hoje eu quero,
Para te fazer entender.

Houve um tempo em que até o meu sangue,
Tentaram desonrar e oprimir
E..., da nossa mãe natureza,
Fortemente pude me nutrir.

Deram-me o nome dos outros,
Querendo minha existência apagar.
Mais de 500 anos já tentaram,
Só conseguiram me energizar.

Fui ouvindo, me instruindo,
Pouco a pouco aumentei meu saber.
Confirmando dos encantados,
Sou indígena em todo o meu Ser.

Hoje reencontro os parentes,
Onde renasço com força é meu viver.
Para declarar do alto do mundo,
Minha ancestralidade jamais vai perecer.

Grite, encha o peito, solte o ar,
Vamos juntas irmãs!
Retornando ao nosso lar,
Não podemos voltar atrás...
Vamos crescendo na força,
Sem olhar para trás!

E anota bem na tua consciência:
MULHER INDÍGENA,
ANCESTRALIDADE VIVA,
TERÁS QUE RESPEITAR!



Beatriz Tuxá

E-mail: beatriztuxaa@gmail.com

Instagram: @beatriztuxa

Sou Beatriz Tuxá, da etnia Tuxá Kiniopará, faço da palavra poesia, e da sua melodia e harmonia, canção, por isso, também sou cantora e compositora. O tempo e a vida também me permitiram ser estudante de Comunicação com habilitação em Produção Cultural pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Em minhas canções e poesias trago as vivências e as histórias de meu povo. Desde criança eu gostava de participar de festivais como o TAL (Tempos de Artes Literárias), desenvolvido pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia e do FEPI (Festival de Poesia de Ibotirama). Assim, a poesia foi tomando conta de mim, a tal ponto que me perdi no mundo das palavras.

Como ativista da causa indígena, procuro desenvolver projetos que promovam visibilidade à cultura dos povos originários; por essa razão, estou como coautora do projeto “Audiolivro Tuxá Kiniopará - Um presente do passado para o futuro”, contemplado pelo edital Prêmios das Artes Jorge Portugal 2020. Outro trabalho de destaque que possuo é o Álbum sonoro “Memória Tuxá Kiniopará”, contemplado pelo Edital - Prêmio Cultural na Palma da Mão. Seguindo nessa mesma linha de produção, atuei como produtora do projeto “Ñañike - Entre poemas e sons”, contemplado pelo Prêmio Aliomar Pereira - Ibotirama.

Costumo dizer que minha essência navega pelas histórias de meus ancestrais, por essa razão, dedico parte de minha vida ao meu povo Tuxá Kiniopará. Acredito que como filha dessas terras, tenho o dever de lutar pela preservação, valorização e reconhecimento de nossa cultura, pois somos resistência e não podemos mais permitir que os nossos saberes sejam silenciados ou tão pouco apagados.

Faço da palavra a minha “arma” da alma, para resistir a dor de ver o meu povo perder suas terras para o invasor, seja ele, garimpeiro ou um bom moço disfarçado de doutor.



Beatriz Tuxá

CORPO-TERRITÓRIO

Habita em minh'alma
Amores descrentes e devaneios,
Sentimentos meus, sentimentos alheios,
Um grito alado e o riso da calma.

Habita em minh'alma
Um canto de mágoa, cheirando a tristeza,
A dança de corpos vagando em beleza,
Um risco invisível traçado na palma.

E o chão que eu piso cicatriza
Nascem cantigas, tons de maracá
Vozes guerreiras na noite a cantar
E a música de um povo se eterniza.

Sou rima da água profunda
E sangro em ondas ao amanhecer
Na gélida sangria que invade meu ser
Congelo em maré, meu peito se inunda.

Eu sou a aldeia gritando no vento
Ainda pintada no rosto criança
No brilho fugaz de alguma esperança
Feitiço profundo de alumbramento.



Benilda Kadiweu

E-mail: benilda.kadiweu@gmail.com

Instagram: @examelexe

PARECE QUE GOSTAMOS DAS MESMAS COISAS... GOSTAMOS MUITO DA NATUREZA, NÃO É MESMO?

Sou Benilda Vergílio. Pertencço ao povo Kadiwéu, remanescentes da nação Guaicuru que tiveram uma participação importantíssima na Guerra do Paraguai contra o Brasil.

Nasci na aldeia Alves de Barros, localizada no Município de Porto Murtinho, em Mato Grosso do Sul.

SOMOS FORTES/BRAVOS. HISTÓRIA ANTIGA, NOSSOS ANCESTRAIS ENFRENTARAM MUITA LUTA CORPORAL, QUANDO ÍAMOS PARA A GUERRA.

Quando ainda era criança, recebi uma homenagem dos meus avós paternos, batizada com o nome Examelexê, que na tradução: “é uma cantoria que relembra a história de luta pela sobrevivência das famílias ejiwajegi, na proteção das terras, em corpo e espírito”.

Na aldeia Alves de Barros, onde passei a minha infância, embalada pelas histórias contadas pelos mais velhos, criada pelos meus avós e bisavós. Vivenciei o melhor da arte e cultura da minha ancestralidade kadiwéu, com a confecção das miniaturas em cerâmica, feitas a partir de barro e argila, com pigmentos naturais e algumas seivas retiradas da natureza na fabricação da resina a partir do Palo Santo.

Ao som do tambor que ecoa os ouvidos e o mais profundo encontro com a essência de ser uma criança kadiwéu, com uma autoafirmação do prazer de viver a prática cultural que é passada de geração a geração.

Retirar mel de abelhas, buscar o jenipapo no jenipapeiro, colher urucum e a cal para os mais velhos praticarem as pinturas em dias de festividades com movimentos circulares, vertical e horizontal.



Benilda Kadiweu

A arte se fortaleceu, após eu ser obrigada a morar na cidade, pelos meus pais, pois na aldeia não tinha o ensino fundamental e descobri, depois, que foi uma forma de proteger a minha identidade e fortalecer minha ancestralidade.

Em algum momento para uma das professoras de português foi um problema, pois eu ilustrava todos os textos. Nessa trajetória, encontrei a professora Maria do Carmo, educadora que aceitou as minhas ilustrações nos textos e fez com que todos seus alunos fizessem o mesmo, em um caderno só de textos, se adaptando aos meus costumes e fortalecendo a cultura.

Foi um desafio muito grande voltar a escrever na língua kadiwéu, comecei a traduzir poemas, me inspirar e fazer poesias na língua indígena Kadiwéu.

A arte e poesia foram importantes para o fortalecimento da minha identidade, ampliaram a visão de mundo das pessoas e o respeito ao meu redor, foi um espaço de expressão e participação dos outros.

Entre no curso normal médio “Povos do Pantanal” para a formação de professores indígenas, recebi o título de professora para dar aula, especificamente, em Escolas Indígenas.

Sou Designer pela Universidade Católica Dom Bosco, desde 2009, tenho usado o Etnodesign para mostrar aspectos da cultura kadiwéu ao mundo, através da moda sustentável.

Minhas coleções revelam detalhes, grafismos e cores que remetem aos rituais e festividades do meu povo. Sou ativista pelos direitos dos povos Indígenas, defensora e propagadora da arte kadiwéu, sobretudo da cerâmica Kadiwéu, que é a principal fonte de renda das mulheres da minha etnia. Nesse sentido, participo de eventos que abordam a importância da preservação e a valorização da arte Kadiwéu.

As minhas coleções trazem peças exclusivas, que remetem às cores da cerâmica kadiwéu, a relação com o meio ambiente e a sustentabilidade, além dos aspectos históricos da minha cultura.

Provocar a reflexão sobre o universo simbólico da arte kadiwéu é respeitar seus significados, elemento relevante da cultura do meu povo guerreiro.



Benilda Kadiweu

Poema 1. Linguagem materna (F)

GODAMIPI

Nigina Godamipi jigina godawonadil, oyotete codaa owoo godicogegi me yewiga, ewo me dale godogetedi.

Nigina ane ejinaga me godewiga, eniododipi oniigaxitiniwake liyongipi,
nigina dinotakepodi oneyagaitema litakepodi.

Nigina iigo gonebi, codaa oko liyongipi.

Ica jotigide godakataga,

Codaa inoa nokododi ane ejonagatigi.

Niginoa godakataga leeditibige me dinelogodi,

Leeditibige me igo odoe .

Nigina witidaga, inoa ane jakataga, Godalokico codaa ina me godaagatigi,

Me diniditedi, codaa niginoa nogowekico.

Tradução: Poema 1

NOSSOS ANCESTRAIS

Os nossos ancestrais são os nossos esteios, dão vida para a nossa origem, fazem com que nossos sonhos respirem.

O nosso modo de viver, os pais ensinam aos seus filhos, os parentes deixam legado para seus parentes.

Essa terra é nossa, e somos filhos dela.

A nossa cultura, no passado e atualmente, o nosso modo de viver, precisam ser contados e passados.

Os guerreiros, tudo que temos, nossas festividades tradicionais, nossas lembranças... precisam ser escritas em versos, até mesmo nossas cantorias.



Benilda Kadiweu

Poema 2. Linguagem materna (F)

GODICOGEGI ANE NIIGOTEDI GODAMIPI.

Tradução: Poema 2

SOMOS FEITOS DA TERRA DE NOSSOS ANCESTRAIS.

Poema 3. Linguagem materna (M)

APOLICAGADEMIGIPI

Anigida noko nige jikanaga me yotaganagatigi gonioladi, anigida noko nige jikanaga me yaogate niginoa godidico ina gonadinagajetedi, anigida noko nigina iwalepodi ejiwajegi nige oika me oyowe niginoa liwilaganaga, anigida noko niginoa gonelegiwadi daga oika me oilidagadi apolicaganagadi, nigina ejiwaji ene ejiwajegi leeditibigi me iniwatale lidagataka napolicaganagatedi, anigida noko nige dagalegicoa nigidio iniwatagini godakataga, oada já joogotaga agakegica ejiwajegi jama.

Tradução: Poema 3

CAVALEIROS

No dia em que pararmos de falar a nossa língua materna; no dia em que não praticarmos mais a pintura corporal e as nossas pinturas; no dia em que as mulheres deixarem de praticar a confecção da cerâmica Kadiwéu; no dia em que os homens pararem de praticar a criação dos cavalos - um Kadiwéu para continuar sendo Kadiwéu - precisa ter pelo menos dois cavalos de estimação; no dia em que esses elementos da nossa cultura específica do nosso povo acabarem, poderá ser declarado que o povo cavaleiro foi extinto.



Bruna de Medeiros

E-mail: bruna04dez@gmail.com

Sou Bruna de Medeiros, de 20 anos, uma artista que vive no Litoral de Natal, Rio Grande do Norte. Desde criança, fui criada por meus avós paternos, aos quais tenho muito carinho.

Sempre fui ligada à arte, brincadeiras e invenções; apreciadora da natureza e tudo que brota da Terra.

Fui a primeira presidente mulher do Grêmio Estudantil “Frida Kahlo”, em 2019, no Ensino Médio. Participo de causas estudantis, incansavelmente, por nossos direitos.

Hoje, sou estudante de Licenciatura em Teatro, pela UFRN. Me afirmo antifascista, feminista, militante, poetisa e arteira.

Aprendi a amar e plantar com a minha avó Eva, mulher artesã, batalhadora, que tanto admiro. Foi com ela também que tomei gosto pela escrita. Encontrei nos livros os meus melhores amigos.

Sou de uma família de muitas mulheres, na qual o sentimento de independência e sororidade, desde muito cedo, foram consolidados.

Estou em processo de retomada, sigo buscando as minhas origens ancestrais, como aprendiz da vida, encontrando na arte diferentes realidades, formas bonitas de viver e vencer a intolerância social.

Por ser o meu primeiro trabalho publicado, a emoção e felicidade se fazem muito presentes. É com imenso prazer e gratidão que divido este espaço com mulheres incríveis e guerreiras, pois juntas venceremos por um futuro digno.



Bruna de Medeiros

SAGRADO

Natureza Grande Mãe
A ti vamos saudar:
Viva o respirar das matas!
Viva o canto da sabiá!
A ti peço licença
Para agora prosear
Pois, graças a ti, natureza
O grafite posso manusear
Formando palavras singelas
Para lhe reverenciar.
Oh! Grande espírito encantado
Viva o teu poder sagrado!
Sem árvore, não há vida
Sem folha, não existe ar
Pois, a folha tudo nos dá
Viva o vento de Oya!
A rede que descanso
Tecida por mãos fortes
É herança genuína
De um povo que tanto sofre
Por um reconhecimento,
Beirando a própria morte.
Mas da luta não foge
É valente, o coração
Não guerreia em vão
Existe e resiste
Por um pedaço de chão
Por um punhado de grão
Para no futuro colher
Os frutos da evolução.
Viva a Kunhã guerreira!
Viva a anciã!



Bruna de Medeiros

Viva a mulher rendeira!
Verdadeira artesã
Viva o poder feminino!
Que está enraizado
Guardado na floresta
Para ser eternizado.
Viva o caboclo!
Viva as crianças!
Que nos tragam esperança
Para este legado
Na busca dos direitos
Que nos foi negado
Viva o povo originário!
Viva a cura do fogo!
Viva meu antepassado!
Que me trouxe até aqui
Para ouvir o seu chamado.
Gratidão à Mãe Terra
À medicina das águas
Pela força e pela fé
Pelo sangue e labuta
Pelo amor, Axé!



Bruna Karipuna

E-mail: brunaoyk@hotmail.com

Instagram: @brunakaripuna

Sou Bruna dos Santos Almeida, do povo Karipuna, do Estado do Amapá. Graduada em Letras português/francês e pesquisadora indígena e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal do Amapá (Unifap). Atualmente, pesquisei sobre narrativas orais de mulheres Karipuna.

Iniciei a escrita em algumas publicações como Turé dos povos indígenas do Oiapoque (2009), organizado pelo antropólogo Ugo Maia Andrade; Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque (2013), organizado pela antropóloga Esther de Castro; Peixes e pesca: Conhecimento e práticas entre os povos indígenas do baixo Oiapoque (2019), organizado pela etnoecóloga, Pauline Laval, e pela antropóloga, Lux Vidal, ambas publicações com apoio do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena -IEPÉ.

As narrativas orais sempre estiveram presentes em minha vida desde criança na Aldeia Manga, lugar onde moro com meu povo Karipuna, em Oiapoque/AP. Os saberes da cultura de meus ancestrais caminham na aldeia, os caciques em suas vozes sábias. Com eles aprendi a lutar pelos direitos das nações indígenas com 13 anos de idade. Hoje posso afirmar que caminho sobre a terra carregando comigo a força de meu povo.



Bruna Karipuna

Com minha avó Edite dos Santos aprendi os segredos das ervas, que nos curam e nos consagram como seres vivos neste chão da Amazônia. Com ela, andei pelas matas, conheci os valores da nossa cultura e espalhei sementes pela floresta. Ela me ensinou que tudo tiramos da terra, e precisamos dela para sobreviver. Os rios, ela dizia que eram como o sangue que pulsa nas veias da terra e que nós, os humanos, deveríamos cuidar de tudo que a terra nos oferece. Muito que sou e sei dos saberes de meu povo Karipuna devo à minha avó.

Nesse caminhar pela terra e atravessamentos de muitos mundos, fiz da cultura Karipuna a essência de minha existência e força de resistência para lutar em prol da vida. Desse modo, minha vida como ativista do movimento indígena de Oiapoque é diária, hoje, estou como uma das coordenadoras do projeto Aramari da Amazônia, que busca dar visibilidade ao artesanato Karipuna de uso sustentável. Eu atuo também como coordenadora executiva do Instituto Alceu Karipuna-Akari, iniciativa desenvolvida pelo médico indígena, Alceu Karipuna, que leva atendimento de saúde às populações indígenas, além de apoiar a educação e a valorização da identidade indígena.



Bruna Karipuna

O PAJÉ E O AHETXIË

Os antigos contam que, em uma aldeia chamada komu, morava uma família. Eles haviam chegado recentemente naquele local, mas não pediram permissão para os donos do lugar. Construíram um kharbe, quando anoiteceu, eles começaram a conversar, haviam feito um fogo, para clarear e espantar os animais.

Eles dormiram. A mãe acordou com um estrondo vindo debaixo da terra. Acordou seu esposo, ele meio sonolento perguntou para ela.

– O que foi?

– Você não escutou este barulho?

Novamente eles ouviram o barulho, que parecia ser debaixo do Kharbe deles. Eles se olharam e falaram:

– Isso, não é boa coisa. Vamos até o nosso pajé amanhã.

Escutaram o barulho a noite toda. Quando o dia estava amanhecendo, pegaram sua canoa e junto com seus filhos foram até a aldeia Kokhox.

Nesta aldeia morava o grande pajé Kahipun, ele era respeitado por toda região do alto e médio rio Curipi. Ele fazia seus xitótó e curava as pessoas que o procuravam, seus sopros e defumações com tauahi eram essenciais para chamar seus karuanãs.

Chegando à aldeia, foram até o grande pajé, contaram o que havia acontecido com eles.

O pajé Kahipun, falou para eles: “vocês sabem que antes de abrir um lugar para morar, devemos pedir permissão ao dono do lugar. Vou fazer um xitótó”.

À noite, o pajé entrou na sua tokai, pegou seu tauahi e seu caxihi e começou a cantar, seus cantos foram trazendo vários Karuanãs. O primeiro que chegou foi Aramari, e logo em seguida o Gho Kaimã-xë, e assim todos karuanãs do pajé. O pajé foi com eles até o mundo dos invisíveis, lá na aldeia Komu. Sim. Temos este mundo, mas existe um mundo que somente o pajé conhece. O mundo dos invisíveis.

Chegando lá o pajé Kahipun, começou uma conversa com um enorme Ahetxië. O pajé falou:

Mo kamahad Ahetxië. Você quer um pouco de tauahi?

– Sim! Você trouxe caxihi?

– Sim mo kamahad! Eu trouxe vamos fumar e beber um pouco.

O pajé começou a conversar com o enorme Ahetxië, pediu para que ele deixasse a família morar naquele local. Mas o Ahetxië resistiu, falando que eles haviam entrado naquele local sem pedir sua permissão. O Ahetxië falou:



Bruna Karipuna

– Mo kamahad Kahipun, só vou deixar, se a cada lua cheia do mês de outubro de cada ano, eles me oferecerem um turé.

O pajé concordou e quando voltou do mundo dos invisíveis, falou para o casal, que havia feito um acordo com o dono daquele lugar, e que teriam que fazer um turé para o grande Ahetxiê.

E naquela aldeia, todo mês de outubro é celebrado o turé.

Glossário

Komu: nome da Aldeia

Kharbe: casa de farinha, casa para descansar

Kokhox: nome da aldeia

Kahipun: Karipuna

Xitótó: tipo de canto para chamar os seres invisíveis

Tokai: tipo de cabana usada pelos Pajés

Tauahi: tipo de fumo

Caxixi: bebida tradicional indígena

Gho kaimã-xê: Grande Jacaré cachorro

Ahetxiê: Peixe Espadarte



Carliane Kanindê

E-mail: carlianeprofa@gmail.com

Instagram: [@carliane_vieira18](https://www.instagram.com/carliane_vieira18)

Desde a adolescência, amo a poesia e hoje desenvolvo literatura de cordel. Acredito que, como tantas outras vivências, isso veio do meu pai, que costumava escutar cantoria e repente. Por vezes, brincávamos de rimar na sala de casa, quando ele fazia versos, e eu e meus irmãos, tentávamos lhe superar.

Mesmo com dificuldade, algumas metas vêm sendo alcançadas, principalmente, na educação. Hoje sou formada em Licenciatura Intercultural, atuo como professora na Escola Indígena da aldeia há doze anos. Contribuo com o processo educativo para que nossas crianças deem retorno no futuro, preparadas para fortalecer o movimento indígena.

Fui uma criança com uma infância humilde, mas cheia de sonhos, incentivada pelos meus pais que, mesmo analfabetos, buscaram me ofertar um futuro melhor. Segui agarrando todas as oportunidades e sempre usando as letras para me expressar no papel, além de participar do movimento indígena.

Amo estar com minha família, que é minha base fundamental, agradeço aos esforços do meu pai pelo papel excepcional que teve em minha vida. Hoje sou escritora e escrevo para registrar as memórias do meu povo, que busca se superar, contando a nossa história, o que já vivemos e aonde queremos chegar.



Carlíane Kanindé

MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA NA ALDEIA

No meu tempo de infância, as dificuldades de sobrevivência eram muitas, além da escassez de recursos e perseguição. Hoje, nossa realidade não é muito diferente, buscamos igualdade, respeito e sobrevivência. Diante dessa sociedade preconceituosa e excludente, recordo uma fase feliz que guardo em minha mente: a rotina de ajudar em casa aprendendo com os parentes, ir para escola estudar para ser alguém diferente. De quando a minha mãe saía de casa comigo e com meus irmãos, para procurar coco babão pra fazer farofa para a gente. Como filha de agricultor, nunca tive vida fácil, desde pequena via sempre seu esforço para nada nos faltar, mas, às vezes, era inevitável querer algo e ter que ouvir ele dizer: “*deixa as coisas melhorar...*”

A minha mãe o ajudava da forma que ela podia. Sendo a filha mais velha, me deixava com os meus irmãos em casa e seguia para o cafezal. Apanhar café como meeira, após meio dia de trabalho, o café era dividido e a parte que lhe cabia ela pilava e vendia, e com o dinheiro que apurava, ela fazia as compras. Isso não era suficiente, mas assim ela fazia: uma chinela para um, para outro uma blusinha e, assim, levávamos a vida.

Na inocência de criança, sem entender os porquês dessas coisas, às vezes, a gente reclamava do que tinha para comer, e a mãe sempre buscava um jeito de inovar, pegando o que tinha em casa e inventando um novo prato para nos satisfazer.

Foi assim que, certa vez, sem ter o que merendar, ela nos convidou para visitar a vovó e avisou que depois nos arredores de lá, nós todos sairíamos para juntar os coqueiros e, assim, saímos juntos com um balde vazio na mão, passando de coqueiro em coqueiro, catando coco seco no chão. E quando o balde estava cheio, era hora de voltar ansiosos para a festa de quebrar os cocos.

Chegando de volta na casa da vovó, sentamo-nos todos no chão na sombra da castanhola, cada qual com uma pedra na mão, quebramos os cocos e juntamos os miolos comendo um aqui e outro acolá e a mãe reclamando: “*Assim não vamos juntar*”. Quando a quebra terminava, a mãe me mandava buscar um pouco de farinha para misturar. Ela jogava os miolos de coco no fundo de um pilão, cobria todos com a farinha, pegava a mão de pilão e começava a pilar.



Carlíane Kanindé

Em poucos instantes, não se via mais os miolos, aqueles miolinhos juntamente com a farinha transformados num fubá, viraram também a nossa alegria e era bom só de cheirar.

Vovó passava um café, mamãe colocava um pouco de sal na farofa para acentuar o sabor, dividia entre todos nós e a gente merendava aquela comida diferente e voltava para casa com um sorriso nos lábios, um brilho no olhar e a certeza de que amor de mãe é sempre o melhor amor que há!

Desde cedo eu aprendi a cozinhar, adoro todos os pratos de milho e me atrevo a preparar desde um simples cuscuz, o mungunzá e o aluá. Registrei essa memória de um dia especial de recordação da infância, e essa alimentação que, apesar da dura realidade, animava nossa tarde mantendo nossa união.

Glossário

Jia: Área de mata nativa, território do povo Kanindé

coco babão: *Syagrus cearensis*, popularmente conhecida como catolé ou coco-babão, é uma palmeira nativa dos estados de Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará.

Meeira: 1. Quem trabalha na terra de outro para dividir a plantação; 2. Diz-se do agricultor que trabalha em terras que pertencem a outra pessoa. Em geral o meeiro ocupa-se de todo o trabalho, e reparte com o dono da terra o resultado da produção.

Mungunzá: canjica feita de grãos de milho doce ou salgada.

Aluá: é uma bebida fermentada refrigerante de origem afro-indígena, feita a partir da fermentação de grãos de milho moídos. Tradicionalmente, é fermentada em potes de cerâmica.



Cláudia Flor D'Maria

E-mail: claudiapatricia.nunesap@gmail.com

Instagram: [@claudia_flordmaria](https://www.instagram.com/@claudia_flordmaria)

Sou Cláudia Patrícia Nunes Almeida, uso o pseudônimo de Cláudia Flor D'Maria, em homenagem à minha avó Maria Coutinho. Carrego comigo a ancestralidade indígena de minha avó Maria. Ela era parteira, benzedeira e curandeira no Rio Tacuera/PA.

Quando eu era criança ela falava que eu era herdeira dos “Caruanas” dela, e isso foi fundamental para eu compreender, que eu não ando só, onde quer que eu vá sinto a presença de forças da natureza comigo, os espíritos da floresta me acompanham e Deus me guia pelos caminhos que a vida me traça, como travessias por esse mundo humano.

Com o tempo, eu fui entendendo os dons que Deus me deu para auxiliar as pessoas, quando precisam conversar e de algum apoio de cura das ervas e versos da terra. Sim, sou benzedeira e curandeira. Tomo banho de chuva para saudar a mãe terra, que nos nutre todos os dias. Sim, converso com as árvores, com o vento, com as montanhas e animais. Afinal, todos somos espíritos e filhos da terra.

Carrego comigo os saberes de meus ancestrais com muito orgulho. Sou filha de descendente indígena e ribeirinhos e estou em processo de resgate de nossa história indígena, para saber qual é a nação indígena que descendemos.

Atualmente, sou professora do Instituto Federal do Amapá, mestre e doutoranda em ensino. Como professora, pesquisadora e cidadã, tenho como objeto de pesquisa a cultura das minorias: afro e indígena. Minhas pesquisas versam sobre a importância e a necessidade de ter os saberes culturais desses povos, no currículo do Instituto Federal do Amapá.



Cláudia Flor D'Maria

Acredito que as culturas afro e indígena têm muito a nos dizer e a nos ensinar, logo, nós temos muito a aprender com os saberes culturais, provenientes dessas nações, uma vez que, por anos, as instituições oficiais de ensino promoveram o esvaziamento e o apagamento dessas culturas, como forma de colonizar e dominar os territórios dos povos originários. É mister entendermos a relação de poder e potência que a cultura possui no processo de reconhecimento da identidade do humano.

Como artista das letras, escritora, meus manuscritos trazem a cultura indígena e ribeirinha, minhas raízes em verso e prosa estão plantadas no chão da Amazônia e no jeito de ser do povo daqui. Sou uma mulher das águas barrentas do Amazonas, das lançantes e do remanso das águas do meu rio mar. Sou mulher das matas úmidas e dos cantos dos pássaros. Sou mulher mãe feito onça pintada que lambe sua cria e defende seu território. A Amazônia é minha casa e ela alimenta todas as vidas que carrego em meu corpo de mulher



Cláudia Flor D'Maria

SUBSTRATO DAS FLORES

Sou Terra batida
Sou Terra banida
Sou Terra caída
Sou vastidão neste Chão
Sou Terra preta
Sou Terra amarela
Sou Terra vermelha
Sou Terra cinzenta
Sou Terra branca
Sou vastidão neste Chão
Sou Substrato das folhas
Sou Substrato das dores
Sou Substrato dos amores
Sou Substrato das flores
Sou a Amazônia, Filha dessa Nação

CASTANHEIRA

Gigante imponente das matas
Filha da Terra dos Tefés
Guerreira Valente
Amor de Apiá
Que chorou por seu amor, não poder mais encontrar
A guerreira fora morta pelos Juruparis
Tupã compadecido pela sua morte a encantou
Antes era índia Caboré
Agora Castanheira:
Árvore forte e poderosa,
Provedora generosa, do néctar da vida,
Com seus frutos nutre os corpos,
que caminham nesse solo sagrado por Tupã



Clenia Kambiwá

E-mail: cleniakambiwa@gmail.com

Instagram: @suseaneclenia

Meu nome é Clenia Suseane da Silva, sou da etnia indígena Kambiwá, nascida em 13 de setembro de 1978, na aldeia Baixa da Alexandra. Atualmente, sou casada, tenho um filho, duas filhas e três netos. Fiz a licenciatura intercultural indígena pela Universidade Federal de Pernambuco, no campus do Agreste. Cursei Línguas, Artes e Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes.

A minha infância foi, a bem dizer, uma infância adulta. Sou a caçula de oito irmãos, um faleceu quando eu era criança e o outro há poucos meses. Onde eu morava não tinha rio, então, dormíamos sempre à beira dos poços artesanais, que nós mesmos construímos.

Carregamos a água com sonda e meus pais puxavam. Eu ainda era pequena, mas ajudava mesmo assim. Havia um rodízio de famílias para coletar a água e nos revezávamos, para que todos pudessem ser contemplados com a bênção da água.

Eu e meus irmãos também íamos para a roça trabalhar com nossos pais. Plantávamos e colhíamos. Era uma lida muito pesada mas, nessa época, ao menos tínhamos o que comer. Houve uma fase mais difícil, em que passávamos fome. Não havia nada para comer, então meus pais cozinhavam palma para nós. Foi o preço de três anos de seca.

Eu aliviava o meu sofrimento escrevendo. Escrevia poesias desde criança. Sempre gostei de rimas e comecei a criar cada vez mais. Em 2008, fiz um curso de escrita. Então, criei uma rotina: toda semana eu escrevia um poema sobre um tema que nos afetava.



Clenia Kambiwá

Eu nunca vivi fora da aldeia, tenho orgulho de fazer parte da tradição do meu povo. Eu sempre frequento o toré, eu canto o toré. Aliás, tenho muito orgulho de ser bisneta da primeira mulher a dançar o toré do povo Kambiwá. O nome dela era Tereza Barra e tenho muito orgulho dela. Ela me inspirou a seguir as tradições do meu povo. Eu gosto muito de fazer a imersão do toré em contato com a natureza. Eu amo estar na mata e me unir à força da natureza.

Uma vez por ano, todos nós KAMBIWÁS, participamos do retiro Aricuri, onde ficamos imersos em tempo integral na nossa cultura, realizando práticas espirituais e interagindo com a natureza.

Escrevo poemas que retratam meu povo e a nossa história. Vivo na aldeia sede, desde quando nasci. Acredito que a poesia nos aproxima da ancestralidade, pois ela é vida, é luta e resistência. As palavras são meus instrumentos de resiliência, de valorização e exaltação da cultura e das feridas do meu povo.

Sou indígena, sou poeta, sou mulher, sou guerreira!



Clenia Kambiwá

AS RIQUEZAS DO CROÁ

Lá na baixa do mosquito um passeio fomos dar, observando a flora daqui do nosso lugar,

Lá tem a grande riqueza do povo Kambiwá, é a maior concentração da plantação do croá.

O croá foi e sempre será uma grande riqueza para os Kambiwás, pois com ele confeccionamos a saiotá, o penacho e o colar, pedimos força a Tupã, e confeccionamos as vestes do praia.

Não há força maior no mundo que a união da jurema, Serra Negra e croá, a fibra nos cobre o corpo, o vinho vem purificar, a Serra Negra é Sagrada, fortalece a nossa alma e o índio Kambiwá.

Arrancar com sabedoria um lindo pé de croá, para que nas próximas gerações ele não venha faltar, pois amamos nossa cultura e preservamos o croá.

CULTURA KAMBIWÁ

O terreiro do gentil eu fui visitar, pedir força a Tupã e ao mestre enjucar para fortalecer a cultura e os guerreiros Kambiwá.

As matas eu agradeço ao pai Tupã, mãe Tamaim, as caiporinhas da mata e ao mestre Jataim, os encantados de luz que protejam nós tudim.

Um velho guerreiro, para mim, dizia assim: “purifique o seu espírito, não venha ao terreiro assim, tome banho de jurema canelinha e alecrim.

O quaqui e o porru, a saiotá e o maracá são eles que nos dão força para ciência praticar, não preciso de sandália para o toré eu pisar, pois da terra vem a força que a natureza dá, para crescer forte e saudável e o seu povo ajudar.

Glossário

Toré: dança ou ritual indígena

Kambiwá: na língua indígena significa volta à serra negra

Aricuri: ritual de dez dias em contato total com a natureza

Enjucar: nome indígena para a planta também conhecida como jurema



Cristina Tapuya Opará

E-mail: cristinabaques@yahoo.com.br

Instagram: @tapuyaopara

Meu nome de batismo é Maria Cristina da Silva Pereira, mas, faz muito tempo que não me reconheço, nem me sinto representada por esse nome. Sou bisneta de Joana Bezerra, mulher negra, e Maria Mendonça, mulher indígena. Sou neta de Otacília Xavier, mulher sertaneja. Sou filha de Maria de Fátima, mulher cabocla, forte e valente. Sou mãe de Ana Tarsila, o maior e melhor amor da minha vida. Todas essas mulheres da minha vida foram e são muito fortes e valentes. Então, tenho muito a quem puxar, o que muito me orgulha.

Assim, minha genealogia se constitui pela branquitude, negritude e a etnia indígena Tapuya. Faz tempo que toda essa herança genealógica vem me atravessando e habitando. Por ser essa vastidão de múltiplas escrituras corporais, tenho me movido e deslocado em processo de retomada afro-ameríndia, adotando o nome de Cristina Tapuya Opará.

Por isso mesmo, me sinto atravessada, representada, presentificada por minha genealogia afro-ameríndia, e me movo rumo à descolonização, que é a minha libertação de práticas culturais opressoras no campo da vida pessoal, cultural, educacional e artística.

Quando rompo com essas práticas opressoras coloniais, até então presentes na minha vida, estou resistindo para reexistir. Estou assumindo minhas identidades preta e indígena, a partir de uma escuta pessoal, que está resultando numa desconstrução contínua de uma identidade colonizada, fruto de um apagamento cultural, que tornou invisíveis culturas ancestrais e originárias, praticando com isso um etnocídio cultural.

A minha busca por referências de pertencimento étnico-cultural afro-ameríndio é uma retomada, descolonização da minha mente, do meu corpo, da minha identidade, dos territórios das minhas escrituras corporais.

Essas escrituras corporais ancestrais, originárias adormecidas em mim, estiveram sempre ecoando, me chamando e, hoje, estou aqui nesta escrita para ser, cada vez mais, essa mulher afro/indígena e dona de mim.



Cristina Tapuya Opará

CARTA PARA PAULO FREIRE:

Ao Mestre Com Carinho.

Brasil de Pindorama

Querido Paulo Freire, aqui quem fala é Cristina Tapuya Opará, sou professora de arte-teatro e ativista. Hum, acho que vi um brilho e um esboço de sorriso seu ao ler que sou *ativista*. Sim, adoro essa palavra e o que ela representa, juntar arte, cultura e participação política. Sou *ativista* na vida e na arte. Li alguns de seus livros, confesso que não li todos e só li quando me batia uma vontade imensa, não leio por obrigação, leio por prazer e necessidade de mudanças.

Querido Mestre, você tem feito muita falta por aqui, como seria bom te ver e ouvir de novo. Seria muito bom ter uma, várias palavras suas nesses momentos tão tristes e incertos, que estamos passando nesse Brasil de Pindorama. Uma pandemia terrível e um governo da necropolítica tem tornado nossa existência um verdadeiro inferno. Os dias, semanas, meses não têm sido fáceis e a grande maioria de nós tem vivido um dia de cada vez. Estamos isolados em ilhas ou bolhas. Há tempos, era a alma que adoecia e, agora, o corpo também.

Ansiamos pela cura e dias mais felizes, mas nem todas e todos estão se esforçando para que isso aconteça. Na verdade, existem grupos de pessoas que negam a ciência, incentivam e promovem confrontos políticos, dizem mentiras e desacreditam a democracia, querendo com isso acabar com a conquista de direitos e a construção de um Brasil de Pindorama e Áfricas, igual para todos os brasileiros e brasileiras. Querido e sempre necessário Paulo Freire, aqui nessas terras de tantos Brasis, pessoas negras, indígenas, pobres, periféricas, quilombolas, mulheres, LGBTQI++, defensores (as) dos direitos humanos, continuam sendo pessoas não gratas tendo suas vidas constantemente perseguidas e ameaçadas.

Querido Mestre, estamos vivendo em um período sombrio de ataques constantes contra os povos indígenas. Nossos povos originários, guardiões da floresta, estão tendo suas terras invadidas, suas vidas dizimadas. Mas, sabemos que a mãe do Brasil é Indígena e que o Brasil é Pindorama e, por isso mesmo, apesar das ameaças e perigos que nos rodeiam, não estamos parados, estamos dizendo ao nosso povo indígena para avançarmos. É, Mestre, estamos vivendo um verdadeiro retrocesso histórico. Tem sido extremamente difícil ter esperanças de dias melhores, mas você nos ensinou a ESPERANÇAR. Um ESPERANÇAR de se LEVANTAR E LUTAR. Nesses tempos tão sombrios se torna IMPERATIVO ESPERANÇAR. Paulo Freire, Presente! Hoje e Sempre.

Natal, Noiva do Sol, sendo esse o ano de 2021.



Danielle Munduruku

E-mail: danielledgb@gmail.com
Instagram: @daniellemunduruku

Eu me chamo Danielle Gonzaga de Brito. Nasci na cidade de Manaus, no Amazonas, e sou canoa, que antes apenas estava à deriva, mas agora volta para a enseada do rio. Trata-se da busca das vozes da minha ancestralidade, quase silenciada por um passado de dor e tristeza, mas que também se constitui de amor e alegria.

Foi essa voz ancestral, que esteve sempre presente na minha infância, através dos sussurros da voz de minha mãe. Ela nasceu no atual Território Indígena do Kwatá-laranjal, no município de Borba, no Amazonas. Território de descobertas e de suas primeiras leituras de mundo. Local este, deixado por ela com a lembrança dos últimos gritos de sua mãe; minha avó indígena Munduruku Águida, apelidada carinhosamente de *Passarinha*, que faleceu acometida por uma infecção generalizada, consequência da morte da criança em seu ventre, em decorrência da ingestão de um medicamento para o tratamento de malária; e dos latidos desesperados de seu cachorro, presente, que não pode ser levado com a família. Ao sair do território indígena de Kwatá, minha mãe, assim como muitos outros indígenas de sua época, foi convencida de que não era mais uma 'índia de verdade'.

Entre histórias de medo, lembranças de festivais, de preparos de comidas, de momentos de doenças e métodos de cura, de confecção de artefatos, sabores, odores, caças e de muito amor entre irmãos, que mamãe me contava e ainda conta sobre ser indígena Munduruku, mas essa voz foi apenas um sussurro, por muitos anos. Medo, vergonha e dor mantinham a voz de minha mãe apenas num sussurro, como um engasgo que tem dificuldade para ser diluído.



Danielle Munduruku

“Te tirei do mato”, meu pai não indígena repetia, sem entender de que mato ele se referia. Se eu soubesse antes de que mato ele falava, teria o levado até lá para que do bem-viver ele entendesse um pouco. Entendesse o porquê daqueles traços tão lindos que desenham o rosto de minha mãe e que herdei com orgulho. Silenciamentos, medo, violência e pobreza, todos paridos pela colonização, quase me fizeram ser canoa à deriva para todo o sempre. Mas bisá Socó e vovó Passarinho me fortaleceram, e agora fortaleço minha mãe na retomada de nossa ancestralidade. Não desejo nada que já não seja meu. Não peço permissão a quem me negou ser o que sempre fui.

Hoje, utilizo essa língua, essa língua que nunca foi minha, embora se diga materna, para falar com você, pois fui sequestrada da possibilidade de falar Munduruku. Hoje não tenho aldeia como território, quando vou ao Kwatá-laranjal não tenho uma casa ou um lar pra dizer que é meu, sou visitante no meu próprio território ancestral. Por outro lado, tenho meu corpo, meu corpo que agora é fortaleza e território.

Hoje não sou apenas Danielle, sou uma nação e, toda vez, que encontro outras vozes que clamam suas ancestralidades, me sinto mais forte. Sou mulher, professora e agora escritora indígena pertencente ao Mulherio das Letras indígenas, que sempre me apoiou e se ofereceu como refúgio. Hoje sou canoa que sabe exatamente para onde deve ir e vou, pois acredito na possibilidade de mundos outros e por defender uma ecologia de saberes transculturais.



Danielle Munduruku

MANIFESTO DE (RE)EXISTÊNCIA

A encardida que você chamou, suas cores transbordaram

Sawe, Povo Munduruku! A ti me apresentei, com tua permissão e a benção ancestral, clamei:

–Vó Passarinho! – na minha voz gritou comigo – Eu sou Munduruku!

Há sangue. Há sangue por todos os lados. Maldito, *pariwat*!

Há sangue em minha língua, sequestrada por teu português

Há sangue em meu peito, pelo peso da tua cruz

Há sangue escorrendo em minhas pernas, por cada ‘adestramento’ seu

Há sangue em todo meu corpo, do mercúrio entranhado em nossas terras, por tua ganância e pequenez, que só enxerga *ibubutpupuat*, onde há vida e ancestralidade

Mas tua voz que nada diz, pois teu passado sem ancestralidade e sem legado não sonha nada, a não ser com o Poder. O Poder de nada ser, pois apenas se resume ao Poder de nesse mundo conhecer.

Mas tua voz que nada diz, revela teu presente insuficiente, pois nega o passado de massacre e violência contra meu Povo, afirmando em teu pequeno lugar de Poder que não houve resistência, e que meu Povo preferiu se render.

E tua voz enfraquecida, disfarçada de amiga entre livros e teorias, misturada com palavras bonitas como as ditas ‘minorias’, se dizia falar por mim, mas quando falei: - *Oxipat*, *oburé*, não é bem assim... tua máscara desmoronou e, então, a voz do colonizador ecoou.

Sawe, Povo Munduruku! *Oxipat*, meus ancestrais

Há sangue em toda parte

E tua voz, já quase silenciada por minha existência colorida e anunciada, nega o sangue contínuo em tuas mãos, pois olha para o lugar errado, mesmo teus livros e tuas teorias apontado o contrário.

Pare de olhar para a minha ferida que tu criaste e olha para minha linguagem que TRANSbordou em TRANSlinguagem na TRANSculturação de uma nação que resistiu, resiste e resistirá. Pois não é a ferida que agora sangra, mas as palavras que se resignificaram em ação.

Sou Munduruku, mesmo você acreditando ou não!

Glossário

Sawe: salve, uma forma de dar boas-vindas

Pariwat: homem branco

Ibubutpupuat: dinheiro

Oxipat: coisa boa; bem-vindo; obrigada

Oburé: amigo(a)



Delmara Mura

E-mail: delmaramonteiroincognita@gmail.com

Instagram: [@delmara.mura.3158652](https://www.instagram.com/delmara.mura.3158652)

Delmara Mura é escritora indígena. Do povo Mura, vive no território de seu povo, às margens do Rio Madeira, em Rondônia. Nasceu em Novo Aripuanã-Amazonas, lugar onde viveu parte do seu tempo com a etnia Apurinã.

Na infância, gostava de tomar banho às margens de um lago próximo à farinha de sua avó. Na farinha, brincava com os primos, e ao término das fornadas de farinha, preparava junto com sua avó Menaca, o bolo de puba para assar na folha de bananeira. O cheiro do bolo de puba permanece na sua memória afetiva. Atualmente, no Distrito de Calama, às margens do Rio Madeira, tudo que aprendeu com seu povo: chás, óleos com raízes e folhas, socializa com outros povos e etnias.

Além do seu povo Mura, convive com os povos Canoe e Parintintin. A vida de Delmara Mura é marcada por guerrear e fazer a retomada Mura em seus territórios.



Delmara Mura

INFÂNCIA INDÍGENA

Nos tempos de cunhã na farinha da minha vó

Comia beju sica

Tomava banho de rio

Brincava da pira

Nos tempos de cunhã na farinha da minha vó

Comia bolo de puba com castanha da Amazônia

Torrava farinha

Brincava de correr ao redor da farinha com a minha parentada

Nos tempos de cunhã na farinha da minha vó

Tomava banho do lado dos sacos de mandiocas

Eu de molho n'água

Cortava mandioca

Torrava farinha

Na remada da farinhada os tempos de infância vivido



Denizia Kawany Fulkaxó

E-mail: zia.16@hotmail.com

Instagram: @deniziacruz

Trazer aqui uma descrição da minha trajetória de vida pessoal e profissional, apresentar um relato na primeira pessoa do singular só é possível por se tratar de um relato de natureza plural e coletiva, pois diz respeito à caracterização de uma identidade individual, que foi e continua sendo definido pelo pertencimento e acolhimento comunitário, em um contexto indígena. Ao mesmo tempo em que estou falando em meu nome, sei que também estou falando em nome do meu povo e, principalmente, em nome das mulheres indígenas.

A escrita de si é também e advém da escuta do outro. Essa é uma escrita onde a escuta se deu com olhos nos olhos e a expressão de um estado de pertencimento. Como indígena, eu sei a importância da escuta. Também sei da importância da escrita, pois sou autora indígena. Assim, sei que a escrita deve servir como espelho, deve servir como estímulo, como alavanca para novas falas, novas pesquisas de autoria indígena.

Escrevendo sobre o mundo que vivi e apresentando a minha vida real, a vida de uma mulher indígena, mãe, professora, pedagoga, advogada e escritora, que encontra na literatura a oportunidade de falar sobre si e sobre os seus, trazendo glórias e revezes, mas consciente da luta e da necessidade de seguir lutando pelas causas indígenas, pelas causas do meio ambiente, pelas causas dos direitos humanos e pela Educação Escolar indígena.

Essa hoje é a minha luta, o meu caminho, a estrada que resolvi trilhar, e hoje a faço lado a lado com meu companheiro, que também é um escritor indígena, e assim vamos tecendo e contando, desmistificando e refazendo um novo imaginário sobre nós, os povos originários, dessa mãe terra.



Denizia Kawany Fulkaxó

MYDZÉ E O MARCO DA VIDA

Mydzé é uma pequena guerreira, uma menina sempre presente nas rodas dos mais velhos, muito atenta às histórias do nosso povo e muito preocupada com os problemas do meio ambiente.

Ela faz mutirões para limpar o nosso rio Opará, está sempre organizando mutirões de limpeza, quer seja no rio ou nas lagoas. Conversa com os parentes sobre o lixo nas ruas e nas matas.

Mas, Mydzé também tem as suas inquietudes com os problemas que ela ouve sobre os ataques, preconceitos e perseguições que nosso povo sofre.

Certo dia, ela descobriu que seus colegas estavam muito agitados, com tantas informações sobre os movimentos de resistência e defesa contra os ataques que os povos indígenas sofrem em suas comunidades, e eles ouvem aqui e acolá. Ao chegar na sala, a professora pede para que todos sentem para iniciar as aulas.

Em seguida, a professora pede para a turma se dividir em pequenos grupos de quatro pessoas e que cada grupo faça um texto sobre esses acontecimentos; alguns falam sobre o Toré, outros falam sobre a constituição brasileira, outros sobre o meio ambiente, outros sobre os processos de demarcação das terras indígenas, outros preferem temas como os cantos e danças, enquanto alguns preferem falar sobre as histórias da comunidade, sobre os males e doenças que atingem nosso povo e assim vão, cada pequeno grupo escrevendo os seus textos para apresentarem à professora e a toda a classe, os preás e as formigas escrevem de tudo. Mydzé como sempre inquieta e intrigada, resolve escrever sobre um tal **marco**.

A professora pede para que a turma se organize para fazer a apresentação de seus textos. O grupo de Mydzé a havia escolhido para fazer a leitura e apresentar o tema, assim Mydzé inicia sua apresentação:



Denizia Kawany Fulkaxó

O MARCO

Pois é, marco é como uma marca no tempo, um marco, um ponto, um início, um momento marcante e pode ter tudo isso, pois é, o marco a tudo pode marcar, só não pode marcar um tempo inexistente, uma mentira, uma história que prejudique as pessoas, que nos prejudique.

Que é esse tal marco temporal criado como uma teoria para desqualificar a estada dos povos indígenas em seus territórios? Será que todos aqueles que deveriam cuidar do nosso bem-estar, do nosso bem viver, que devem nos respeitar, pois quando aqui chegaram já nos encontraram, acham mesmo que esse tal de marco temporal vai nos limitar ao ano de 1988?

Bom, se eu soubesse que esse marco fazia tão bem ou tão mal para alguém, não precisaríamos existir e sim resistir para viver aqui constantemente.

Minha questão é: se querem marcar, se querem um marco, pois bem, que seja o marco de 1500, quando nossas terras foram invadidas, nosso povo foi escravizado e assassinado, vamos sim colocar o marco lá e, assim, devolver o que a nós pertence por direito originário, muito bem, assim podemos resolver e aceitar esse tal de marco temporal.

A professora com os olhos cheios de lágrimas fica admirada com o tamanho da sabedoria, precocidade e clareza com que Mydzé apresentou seu tema. E juntos, todos batem palmas para a pequena!



Elis Mura

E-mail: elisidp@gmail.com

Instagram: [@elisalberta](https://www.instagram.com/elisalberta)

Me chamo Elis Alberta Ribeiro dos Santos, sou indígena escritora, pertencente ao povo Mura. Graduada em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional, pela Universidade Católica de Brasília, e Mestra em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integro o movimento e o grupo de pesquisa plurinacional de indígenas mulheres/Wayrakuna e o coletivo das mulheres Mura.

Nasci e cresci na periferia da cidade de Manaus, território fragilizado pelas marcas da desigualdade social, como consequência, também, dos projetos coloniais. O Zumbi dos Palmares 2, que é o bairro que eu moro, foi ocupado, em 1989, por moradores que vinham principalmente de regiões que eram afetadas pelo período das cheias do Rio Amazonas. Famílias perdiam tudo e viviam em uma situação de calamidade.

Os deslocamentos, tanto dos meus antepassados quanto dos meus pais, foram por sobrevivência, a fim de melhorarem a qualidade de vida que era e ainda é estabelecida por esse sistema de morte, que é o capitalismo. Sobrevive aqueles e aquelas que ele comanda.

Encaro a vida na cidade como um grande, em todos os sentidos, principalmente do apagamento histórico-cultural, do direito de nos reconhecermos como indígenas, mas também aqui é possível encontrar possibilidades, de ocupar espaços que foram historicamente nos negado, para lutar pela defesa dos nossos territórios e direitos, instâncias institucionais que são necessárias para nos manter vivos/as.



Elis Mura

DESCOLONIZANDO O IMAGINÁRIO COLONIZADO: RELATOS DE UMA INDÍGENA MULHER URBANA

Desci o Rio Madeira para encontrar-me com o conhecido-desconhecido, essa estranha contradição cultural, do meu mundo interior, me fez retornar, retornar para casa dos meus ancestrais e fazer um processo de retomada daquilo que me foi roubado, roubado do meu clã familiar, roubado de meus parentes vizinhos. Nos roubaram o direito de *SER*.

Cresci na “ausência”, ausência entre aspas, porque mesmo na cidade cultivamos nossos modos de ser indígena, os rezos e banhos de folhas sempre fizeram parte do nosso cotidiano, assim como as práticas de colocar tudo em comum. No entanto, a estranha ausência ligada às memórias dos meus ancestrais me conduziu à retomada de minha ancestralidade Mura.

Portanto, teço esse trecho reflexivo, a partir das experiências que vem fazendo parte da minha história de vida. Vida perdida pelo assalto colonizador, que nos retirou o direito de ser e se reconhecer como Indígena.

Com um histórico de despossessão da terra dos meus ancestrais Mura, desde a região do Médio Amazonas, no Município de Itacoatiara, às margens do Rio Urubu, passando a viverem nas regiões periféricas da Cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, região Norte do atual Brasil, no qual fomos, aos poucos, sendo engolidos pela política de integração e assimilação, prevista no Estatuto do “Índio”, de 1973. De “índios” selvagens, nos tornamos os brasileiros “civilizados”.

Neste movimento de retomada, fui a Porto Velho, porque a primeira Mura que tive contato e que me acolheu, como se já me conhecesse há anos, foi a guerreira Márcia Mura. Sua tese de doutorado defendida na USP, de reconhecimento do território de Porto Velho e redondezas como território Mura, contribuiu para acordar o que estava adormecido dentro de mim, contudo, ainda estou nesse processo de ir ao encontro, de reconhecimento, de fortalecimento junto ao povo Mura.

Nasci e cresci dentro da periferia de Manaus. A capital do estado do Amazonas é uma cidade puramente indígena, ao caminhar por suas ruas, avenidas e becos, encontramos os rostos estampados dos povos que tombaram pela defesa dos nossos territórios originários.



Elis Mura

A construção da cidade demarca os processos coloniais vividos em diferentes momentos da história, no qual, a colonização foi tão impactante que tornou seus filhos desconhecedores da própria cultura. No entanto, desde a infância, meus irmãos e eu, carregamos a singularidade das trocas, das partilhas, dos banhos de ervas, da cosmologia indígena. Adormeceram nossos corpos, mas jamais conseguiram adormecer nossas almas e memórias indígenas.

A periferia que nasci e cresci tornou-se símbolo de resistência, e fez com que eu desenvolvesse um corpo político, para lutar e ocupar espaços que nos foram historicamente negados, uma luta que é coletiva, conectada aos nossos territórios ancestrais.

Posso afirmar que o caminho de volta não tem sido nada fácil, há quem te aceite, há quem te rejeite, mas o importante é não deixar de retomar, uma retomada que fortalece, que unifica nossa luta e valoriza a diversidade étnica que nós somos!

Portanto, nossa essência é luta, sempre foi. Então fazer esse retorno e me juntar às parentas e parentes indígenas me fortifica para fazer frente aos projetos coloniais que continuam matando nossos corpos, sequestrando nossas culturas, saqueando nossos territórios. Tecer nossas histórias e epistemologias indígenas tornam-se extremamente necessárias, para dar visibilidade à sabedoria dos nossos povos, dos nossos ancestrais. Contar nossas histórias, para que elas continuem vivas e atuantes.



Ellen Lima

E-mail: limaellen@gmail.com

Instagram: @ellenlimawassu

Antes de mim, vem nós, então por nós começo. Nosso território presente e ancestral se encontra na Zona da Mata de Alagoas. Lá, nos arredores do rio Camaragibe habita secularmente um povo de muita resistência, força e coragem, o povo Wassu Cocal.

Wassu é uma variação da palavra ûasu (tupi antigo) e significa grande. Essa palavra tem relação tanto com a Serra da Torre de Camaragibe, (local sagrado para nosso povo), quanto com a grandeza do rio Camaragibe, que corta os territórios da aldeia, e Cocal é pela abundância de palmeiras que havia na região.

Nesse território, em meio à desafios e lutas, nasceram e cresceram meus ancestrais, avós, tios, primos e pai. Eu, folha (a)voada de nascença, cheguei ao mundo, como muitos de meus parentes, uma Wassu em diáspora. Nasci no Rio de Janeiro, morei em um curto espaço de tempo no território e cresci, por fim, no subúrbio da tal “cidade maravilhosa”, que como bem diz a canção tem: “braços abertos no cartão postal, com os punhos fechados da vida real”. Saber-se indígena numa cidade e país determinados a apagar sua história é um desafio e tanto. Na escola, tudo que estudava sobre indígenas não falava do meu pai, nem de mim. Eram sempre seres do passado, encerrados e extintos, exibidos em livros de história. Precisar afirmar que está vivo e que existe não deveria ser normal. Pessoas brancas não precisam afirmar que estão vivas. Eu precisei durante muitos anos. Eu até cheguei a duvidar de mim.



Ellen Lima

Nesse caminho, voltei várias vezes ao território, voltei várias vezes para quem eu sou. Me reencontrei com meus parentes, com as histórias, com os rios e cachoeiras, com a nossa gente. Me reencontrei com uma parte enorme de mim. Em meados de 2020 comecei, junto com os parentes, a estudar a língua ancestral do nosso povo, o Tupi. Essa língua foi proibida no século XVIII por Marquês de Pombal. Nossa língua foi calada, mas não morreu. Línguas não morrem. Elas se escondem debaixo da terra.

A partir desse estudo saiu o meu primeiro livro publicado em 2021 pela editora Uru-tau “Ixé ygara voltando pra ‘y’kûá”, em língua portuguesa e tupi antigo. Integrei, entre outras coletâneas, a obra “Volta pra tua terra”, uma antologia de poetas antifascistas e antirracistas em Portugal. Atualmente moro em Portugal, onde faço doutorado em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Cultura. Por aqui, tenho andado por esse país a falar de literatura indígena, do apagamento indígena que empreenderam as imagens, de poesia, de posicionamento contra colonial, e claro, ando a dizer palavras em nossa língua ancestral, para lembrá-los que estamos vivos e que existimos no presente.



Ellen Lima

SY

Meu corpo tem a firmeza
e maleabilidade da terra.
Acomoda raízes ancestrais
e permite que árvores me movam
que pássaros me aninhem,
que o rio me curse.

Germino mesmo com chuva ou seca,
porque existo por debaixo de mim.
Meu corpo é animado por Kûarasy ,
E converso em línguas que não aprendi,
Porque xe sy me ri animada
quando falo palavras de terra.

Broto sempre do arubatã decepado
Porque o que está por baixo dela é ventre
que gesta todos os dias novos mundos.
Dentro e fora de mim.
O mesmo todo.

DESAPRENDÊNCIAS

Esquecer o aprendido
Aprender de novo
O que se pensava saber.
A verdade não é ocidental
E a ideia de normal
É um deserto de ausências
A desaprendição,
Distraída ou com atenção,
Pode acordar o ser.



Emelin Frances

E-mail: emelinjung@gmail.com

Instagram: [@emelinfrances](https://www.instagram.com/emelinfrances)

Meu nome é Emelin Frances, tenho 32 anos e nasci no sul da Bahia, em Itabuna. Atualmente, atuo como designer, escritora das horas silenciosas da noite e busco fazer parte de projetos indígenas. Conectar-se ao todo, para mim, é uma forma de me sentir parte de algo muito maior. Filha de pai biológico sergipano, cuja força do caboclo nordestino permeia as raízes Karirí. Filha de mãe biológica itabunense, cuja história vem dos Pataxós. Porém, também filha amada e bem-criada por Adelaide Silva Lisboa e Antônio Lisboa Neto, igualmente nordestinos. Pais guerreiros e, por mim, muito amados. Sempre encontrei na natureza, o meu lugar de equilíbrio. Quem nunca ouviu: “caminhar de pés descalços na terra, faz bem à saúde”? Tive a oportunidade de crescer próxima ao mar, na cidade de Ilhéus. O verde que dá contorno a este local, cura qualquer mal. Costumo dizer que é o meu remédio, para evitar tomar remédios. Desde que aprendi os mistérios do benzer, entendi que a minha relação com a espiritualidade era ancestral. Com amor e respeito, caminho aprendendo, pouco a pouco, os mistérios e a ciência das plantas. Para cada mal, uma solução. Com o apagamento inevitável e processo de etnocídio e genocídio dos povos indígenas, muito se perdeu na minha região. Mas, hoje, me reconheço nos pontos da Jurema Sagrada, nas histórias de encantaria e dos encantados. Sinto, antes de tudo, imensa gratidão por ter herdado essa ancestralidade que para muitos, é somente o sangue, mas para o indígena, é uma possibilidade também espiritual de uma relação com um mundo sempre em expansão.

Sou grata aos caboclos que aqui me trouxeram, aos seres de luz que aqui me encaminharam e a uma amizade que de várias vidas reencontrei, mulher, nordestina, pajé, indígena resistindo ao preconceito e a cidade, Adriana Korã, que com o seu conhecimento, muito me ensinou e ensina, todos os dias, a me afirmar como indígena. Ser indígena não é um processo fácil em nenhum lugar. Uma pergunta que li uma vez e não sai da minha cabeça é: “quem é indígena no Brasil?” Essa dolorosa vivência de encontrar e saber das raízes ancestrais, com um misto de alegria e de dor, é também de revolta, por terem sido extintas, não somente das páginas que nunca foram ensinadas nas escolas, que nunca foram lidas, mas também da sociedade, que tão pouco sabe sobre si e, dessa forma, também pouco sabe sobre o outro.



Emelin Frances

O Nordeste é o estado que mais sofre com o apagamento das histórias e afirmação dos indígenas. Nos transformaram no pardo, no negro. Por não reconhecer uma fisionomia “amazônica” nos rostos ancestrais daqui. Se afirmar indígena e nordestino é mostrar aos escritores acadêmicos que não fomos extintos. Uma nação que não compreende e respeita o seu passado, sua origem, que se derrama no rosto de cada um de nós, também não pode entender de futuro. Que esses escritos a seguir, sejam mais do que simples letras no papel. Que eles sejam um pedido de socorro, para um povo que ainda vive, resiste e tem os seus escolhidos para continuar levando sua história adiante, com resistência e dignidade.

CABER

Quando dei por mim, já não cabia.
Não cabia a mim ditar os meus passos.
Já havia buscado em todos os lados,
preencher o vazio de quem eu era.
Pra quem acha que o “passado passou”,
foi lá atrás que tive que visitar
para me reinventar outra vez.
Lá encontrei histórias, muito tristes,
sofridas, mas também cheia de amores,
que sabiam quem eu era e quem eu sempre fui.
Perguntei então ao passado, pedi a benção à minha mãe,
à avó, à bisa e com o peito escorrendo sangue,
sangue vermelho, da cor de urucum,
resolvi enfrentar o mundo.
Ao voltar ao presente,
tentei sacudir a poeira do racismo do passado,
mas vi que um tanto de poeira, mesmo sacudindo, ficou
e não há vento do tempo que retire.
E ainda tem gente que não admite,
que o passado do pobre tenha existido,
e tentam manter no abismo, a minha história nesse país.
Achei que soubesse, mas sabia nada,
ainda tem gente que não vê na minha cara,
o amor dos meus. E me chamam de pardo.
Fico pensando em quem não sabe de onde veio,
Nos amores que não disseram adeus, nem por fotos,
nem por memórias, quem é que vai contar
as suas histórias?
Mas encontro sossego, quando lembro que agora sei,
nem pardo, nem negro, indígena!



Emelin Frances

PUREZA

De todas as histórias contadas, a cada carta escrita e em cada fotografia, há uma lembrança. Lembrança ferida, recordações doídas, do que se perdeu. Recuperar o que foi, construir o que se é, sem esperar do outro, permissão para ser.

É saber se esquivar dos olhares tortos e de mãos dadas, encontrar quem faz o nosso coração bater.

Me perguntam se sou puro, como se não percebessem que o contrário de puro, é impuro. Não sou adulterada, alterada, não sou fake news. Não vejo no meu álbum, outra imagem senão a de indígena. Não tenho “restos” que sobraram de reações químicas, sou inteira, e não ando só!

No meu cachimbo, reencontro a força da natureza. E com a ajuda dos encantados, toda essa “malvadeza” desse povo vai embora. Não estou pedindo licença para passar, para existir. Não estou pedindo que me meça, nem que me impeça de ser quem eu sou.

O meu caminho é leve, mesmo que os teus gritos me acordem à noite, levantando a bandeira da humilhação.

Sou pura beleza, dos meus, dos nossos, dos que se foram, mas permanecem aqui.

Dê passagem, tire a sua carruagem daqui! Porque ando com o pé no chão.

Não me prenda, não tente me enganar, não leve um dos meus, não nos esqueça.

Nas ruas das cidades, das favelas e nas florestas. Não pedimos permissão, para nada.

Pedimos respeito e se isso for muito difícil, seguimos na luta. Leve a sua pureza daqui.

Aqui é nordeste, sangue caboclo e como diria o meu pai: “caboclo também é índio, filha.”

Entre a pureza que me pedem e aquela que eu dou, existe um abismo. Por que o branco continua branco, o negro também, mas e o “índio”?

Não somos misturas, reações e sobras. Somos o que somos e andamos nessa terra, como quem é dono. De pés descalços, cabeças erguidas e sabendo que além do que o outro espera de nós, existe o que desejamos para nós mesmos.

Dê licença para eu passar. E vou passando com mais gente. Você já ouviu dizer que a gente se chama de “parente”? Mesmo que tenha tentado nos separar. Somos força, resistência.

Nas cidades, nas aldeias e nas periferias. Pureza é coisa de branco. Aqui preferimos entoar o canto e seguir o nosso caminhar.



Emily Parintintin

E-mail: peresemilly02@gmail.com

Instagram: [@emillyperes__](https://www.instagram.com/emillyperes__)

Sou Emily Ariman Peres, pertencente ao povo Parintintin, nascida no dia 02/11/1999, em Porto Velho – RO, porém, minhas raízes se fundiram em Humaitá – AM. Sou filha de Rosineide Parintintin. Minha mãe é um exemplo muito grande de representatividade feminina para mim, ela foi representante das Mulheres Indígenas do Sul do Amazonas e, com isso, cresci vendo-a lutar por causas do nosso povo. Atualmente, ela fortalece a luta na saúde indígena. É uma mulher guerreira, forte e um exemplo para mim, portanto, ela faz parte dessa grande conquista.

No ano de 2018, entrei na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e sou finalista do curso de Pedagogia. Esse contexto de formação, essa caminhada profissional, me permitiu possibilidades de perceber que indígenas precisam ocupar espaços que querem nos negar. Estar na universidade foi um grande passo para o desenvolvimento da minha consciência, minhas reflexões e meus anseios, me abriu caminhos para ter voz ativa na universidade e na extensão de oportunidades que ela me apresentou, como a possibilidade de ser autora de um projeto científico pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), pela UFAM. Projeto intitulado como “Uma História da Mineração no Sul do Amazonas em territórios tradicionais: O Caso da Mineração Parapanema nas terras indígenas do Povo Tenharin do Igarapé Preto”, apresentado por mim no Congresso Internacional dos Povos Indígenas em Fronteiras Amazônicas. Essa experiência foi imensamente gratificante para mim como pessoa e como mulher indígena. Ressalto aqui a importância que a UFAM teve e sempre irá ter na minha vida, sou fruto da universidade pública e, também, luto por ela, e destaco a importância e gratidão aos meus queridos professores, grandes mestres que fizeram parte da minha formação.



Emily Parintintin

Atualmente, desenvolvo um novo projeto, que tem como tema “Educação Ambiental para as crianças da Educação Infantil”. A sede por esse tema surgiu ao observar o nosso mundo e, principalmente, a Região Amazônica, a qual precisa ser protegida. Essa é outra luta que nunca vai ter fim, pois, nosso inimigo não dorme. A esperança é que essa luta pela preservação do Meio Ambiente seja renovada pela escola e pelos professores, para que possamos contar com nossas crianças crescendo e se tornando Defensoras do Meio Ambiente e das nossas florestas. Esse projeto me fez entender que podemos fazer mais pelo nosso mundo.

Recentemente, participei de um encontro da Aliança Pelo Desenvolvimento Sustentável do Sul do Amazonas, em Humaitá e, nesse encontro, pude conhecer pessoas com os mesmos ideais e pensamentos em prol de um mesmo mundo. Isso permitiu que eu pudesse me tornar vice coordenadora do Coletivo Jovens Comunidades do Sul do Amazonas (COJSAM), um coletivo com o objetivo de informar as pessoas sobre questões ambientais.

Portanto, durante minha trajetória, pude perceber que existe uma luta grande, e sempre iremos e devemos firmar e afirmar que estamos aqui. Enquanto houver ameaças, destruição e preconceito, sempre haverá a luta, sempre haverá resistência.



Emilly Parintintin

UM TERÇO DE VITÓRIA

Que Tupã neste momento te dê forças para conseguir lutar, pois agora só basta um terço de fervor e vitória para mim.

As paredes do meu corpo não estão pintadas, o meu rosto está limpo, assim como a cidade que me ameaça constantemente em cada passo que eu dou em direção a ânsia que sinto em meu peito, a de me encontrar, verdadeiramente, ter e ser representatividade.

Que seu furor seja vivo, vibrante e quente, assim como nosso sangue que corre fervendo em nossas veias, e arde tanto que chega a queimar por nossa luta, a cada passo que se aproxima de nossa verdadeira, pura e autêntica vitória, que um dia há de ser grande e ensurdecadora.

Que Jurupari traga costumes e leis aos homens!

IPÊ

Em meio a escuridão
Os curumim pegaram sua sede
Sede de vingança
Queimar o branco invasor e suas armas
Suas cabeças
Os curumim pegaram sua sede
Sede de liberdade
Suas algemas se quebraram
E o canto de guerra ecoou
Ecoou e ecoa
Força e resistência
Ipê!



Eva Potiguara

E-mail: evaartern@gmail.com

Instagram: [@evapotiguara](https://www.instagram.com/evapotiguara)

Me chamo Evanir de Oliveira Pinheiro, mas prefiro ser chamada Eva Potiguara, em respeito e honra aos meus ancestrais Potiguaras do Brejo da Paraíba, por parte dos meus avós maternos e por parte dos meus avós paternos da Região Agreste do RN.

Apesar de ter nascido na capital potiguar, a minha retomada identitária não se deu de imediato, pois minhas avós raramente conversavam sobre as opressões que sofreram com suas famílias e as razões que as deslocaram de seus territórios de origem. Com o tempo, fui levantando dados de ordem familiar, fatos narrados pelos mais velhos e pesquisa no mapeamento dos ancestrais, e esses levantamentos foram me conduzindo a uma pesquisa mais amadurecida. Esse processo foi doloroso e difícil, de rupturas pessoais e sociais crescentes, que foram exigindo posicionamentos políticos e culturais cada vez mais sérios, porque implicavam assumir publicamente, ser uma mulher indígena, para honrar meus ancestrais silenciados.

Como ambientalista e contadora de histórias indígenas, foi simples manter minha retomada sem grandes conflitos, mas assumir abertamente ser indígena, mas como escritora, pesquisadora e doutora em educação numa instituição superior e vinculada em diversas instituições literárias, foi o estopim, para eu ser bastante perseguida numa sociedade tão racista como esta, mergulhada numa visão patriarcal e eurocêntrica.

Fui vítima de discursos racistas, de misoginia e de ódio nas redes sociais, julgada de maneira sórdida por pessoas que insistem em negar que o RN é terra indígena e que reproduzem narrativas coloniais do corpo e da história dessa terra pindorama chamada de Brasil. Sofri humilhações e difamações em jornais, de um site mercenário do meu estado e meu nome ficou sendo enlameado das formas mais toscas e misóginas, por homens que usam de seus espaços de escrita, para oprimir e destilar o ódio.



Eva Potiguara

Mas, foi nesse contexto, em que o medo e a morte me chamavam dias e noites para dar um fim em tudo, que encontrei a luz, que tive um encontro com as minhas ancestrais. Elas me visitavam em sonhos em que eu podia ouvir suas vozes e sentir suas bênçãos. Enquanto muitos se afastaram de mim, recebi delas e dos encantados, forças e proteção.

De modo tal, que fui me levantando e me fortalecendo. Deixei o medo partir e a vida se renovar. Hoje, eu atuo no ensino superior, priorizando os estudos e as pesquisas de extensão sobre os povos indígenas. Tornei-me escritora, poeta, artista audiovisual, ilustradora e produtora cultural. Tenho fome e sede de levar essa retomada como missão ancestral de resistência.

Assumi o desafio de ser articuladora do **Mulherio das Letras Indígenas**, lugar de servir e honrar as minhas parentas com muito orgulho e gratidão, numa atuação voluntária e mais preciosa, que qualquer academia de Letras no Brasil e na Europa, na qual eu seja membra.

Hoje, com 34 anos de sala de aula, com vários prêmios nacionais e internacionais nas áreas de Artes, Educação e Cultura, sinto-me uma aprendiz de meu caminhar ancestral, ouvindo as vozes do eu/nós numa marcha com as minhas manas, em prol das causas indígenas e ambientais, como **Aby Ayala membyra** (Filha da Terra).



Eva Potiguara

O NORDESTE É TERRA INDÍGENA

Nós, indígenas do Nordeste, em retomada, temos vivido dias difíceis há mais de 500 anos. Os parentes aldeados lutando pela homologação de suas terras, os não aldeados, buscando o respeito e o reconhecimento de sua identidade ancestral, muitas vezes, humilhados, discriminados e perseguidos, juntamente com os parentes do contexto rural e urbano.

Um dos entraves que temos enfrentado é o racismo dos estereótipos. A diversidade fenotípica dos povos originários de mais de 304 etnias necessita ser compreendida numa perspectiva histórico-social, como diferenças físicas relacionadas à crimes de estupro e abusos seculares sofridos por nossas mulheres, especialmente, do nordeste brasileiro.

Fomos a primeira região a ser explorada e massacrada, no início do século XVI, pelos portugueses e holandeses e, se nossa gente tem cabelos enrolados, peles mais retintas, outras peles muito claras e olhos claros, é porque somos povos vítimas de usurações criminosas. Não deixamos de ser indígena por isso, pois a nossa identidade vai além das aparências.

A nossa corporeidade confronta-se diariamente com o racismo estrutural, com as desigualdades sociais e as injustiças seculares, que nos sufocam e nos rotulam de pardos, negros e/ou mestiços.

Somos indígenas de corpo e espírito, filhas, netas, bisnetas, trinetas e tetranetas, de mulheres silenciadas e abusadas, que enfrentaram muitas aflições, para que as suas raízes ancestrais vingassem até esse século XXI.

Respeitando a nossa diversidade, repararão mais de quatro séculos de racismo e de apagamentos que somos vítimas, darão um basta na opressão que sofremos até hoje.

Então, parem de nos matar! Chega de etnocídio! O Nordeste é Terra Indígena!



Eva Potiguara

SER INDÍGENA

Ser indígena não é folclore
É honrar os ancestrais
Retornar à terra Mãe
Como sementes essenciais
Renascer todas as manhãs
Como o sol nos milharais
É recriar o amor à vida
Em novas leis matriarcais

Sou indígena além do tempo
Meu presente está no passado
Meu passado está no presente
Em cada ciclo vital sagrado
No fogo, na pedra, fruto e mar
Em cada irmão encantado
Meu futuro jaz na memória
Do meu povo Tupi amado

Não luto por dinheiro e fama
Não sou indígena por tradição
Tenho no sangue as memórias
Das dores e crimes da invasão
Pelas florestas que agonizam
Pela justiça da demarcação
Enfrento o algoz patriarcado
Exijo a descolonização



Fabi Guarani Mbya

E-mail: fabiana.mesquita@yahoo.com.br

Sou Fabi Guarani Mbya. Alguns me chamam de fada, de estrela. Venho de uma história cheia de vácuos, “apagamentos” e névoas. Tenho uma ancestralidade indígena, herdada de minha bisavó paterna, uma herança forte. Meu pai me disse que ela era artesã e vendia seus artefatos na Rio-Santos, perto de Bertioga, onde ficava seu povo. Foi lá que encontrou meu bisavô, um libanês, caixeiro viajante, que como ela, vendia seus cacarecos pelo caminho.

Na versão romanceada, eu diria, poetizando, que a improbabilidade não venceu o amor, mas no mundo real sabemos que, muitas vezes, miscigenação é genocídio, silenciamento cultural e branqueamento. Mulheres conhecidas por serem “pegas no laço”.

Eu não sei mais nada sobre ela e é justamente o que não sei que me fala tão alto! Não sei que sobrenome minha avó sustentava. Afinal, no casamento, as mulheres perdiam o seu nome. É como se o fio que me liga à ancestralidade tivesse sido cortado e o fluxo do rio interrompido, mas como disse a cunhã Vanessa Truká: “o sangue fala alto” e o meu sempre gritou.

Por algum tempo, temi estar me apropriando de algo que não me pertencia, tinha medo de buscar o caminho de volta. Mas, quando algo nos é tomado, é nosso direito retomar.

O peso da minha ascendência eu já havia provado. Passei a infância amargando diversas formas de bullying. Pelos traços negros era chamada de macaca branca, beiju-da... pelos traços faciais e o cabelo liso, era chamada de índia da selva, ou mais tarde, de juruna. A ideia era me identificar pejorativamente como uma pessoa indígena.

Juruna era diferente, eu era diferente. Para um padrão de beleza europeu éramos feios. Alguns diziam: Ficaria menos feia se operasse o nariz para deixar fino! E esse bôcão? Às vezes elogiavam ofendendo: Não fica triste! Ao menos seu cabelo não é “ruim” como o da sua mãe! Tudo que me restava era escrever. E, foi escrevendo sozinha no meu quarto, que me fortaleci para lutar. Virei jornalista, artista e ativista.



Fabi Guarani Mbya

Já adulta, fui morar no sudeste da Ásia, e, por mais estranho que pareça, foi lá que eu comecei a voltar. De algum modo, eu acabava sempre me envolvendo com as minorias étnicas dos lugares onde vivia. Conheci indígenas de muitas nações e quanto mais me sentia próxima deles, menos eu me sentia brasileira. Um vazio, uma sensação de exílio me perseguiram e eu percebia que nenhum território me possuía. Eu era a dona de uma alma livre e indômita, e por mais que eu tentasse caber nas caixinhas da sociedade, eu, simplesmente, não me adequava.

Na simplicidade de países como Mianmar e Vietnã, fui ficando cada vez mais cabeça solto e pé no chão. A luta das minorias indígenas nesses lugares me chamava e eu sentia prazer imenso a cada minuto com eles. A vida no ocidente passou a ser cada vez mais difícil e diversas pessoas me acusaram de estar perdendo o patriotismo, mas como perder algo que nem sei se tive? A ideia internacionalista sempre me seduziu muito mais do que um conceito bairrista das coisas. Não por acaso, passei parte da adolescência cantarolando Titãs: “não sou de Brasília, não sou do Brasil, nenhuma pátria me pariu!”.

O conceito de pátria é branco, como também foi branca a ideia de se criar fronteiras, inventar países, delimitar seus confins e estabelecer os seus donos. Minha pátria é o mundo todo!

Criou-se em mim um sentimento de cidadania planetária, que já era a chama do sagrado feminino, da Terra e da Lua, me chamando para dançar a vida. A conexão ancestral, tão presente na vida de nossos irmãos asiáticos, despertou a minha. Eu nem imaginava que meu vazio era saudade “de casa”. Casa que me foi negada desde o nascimento. Então me engajei em várias frentes mundo afora. Aprendi a resistência como gesto necessário à sobrevivência e fiz dela poesia.



Fabi Guarani Mbya

RE-EXISTIR

Na resistência eu re-existo
Finco estacas, construo um porto
Um barco, uma lança e parto
Livre, nômade e libertária
Rumo à Palestina, Xingu ou Nárnia
Longe dos que nos fazem odiar as nossas raízes
E, depois, as ostentam no pescoço como adorno...

Fadas brasileiras, derrubem o patriarcado!
Teçam em mim, a bailarina e a curandeira!
Brotem em mim os frutos da floresta
O canto e o rezo dos encantados
Que o sagrado libanês, caiçara e africano

Se emaranhem nos rios de sangue
Que correm em minhas veias...
Meu mundo nunca foi fácil
Carrego muitas minorias em mim
O que poucos sabem
É que essas minorias são gigantes
E tenho orgulho de vivê-las assim.



Gleice Ferreira

E-mail: gleiceferreira73@gmail.com

Instagram: @gferreirart

Eu nasci em Jequié, município de Salvador, na Bahia. Sou nascida e criada na Terra do Sol. Logo que fui me entendendo como um ser em transformação, e que também pode transformar, mudar as coisas, vieram juntas as dúvidas e as inquietações.

Minha referência cabocla é da figura do meu pai e minha avó materna, Dona Alcina, mulher de muita garra. Lembro de meu pai levando toda família para o mato. Era alegria garantida! Pescar, tomar banho de rio, caçar, assar batata doce na fogueira, montar a barraca, acender o fogo, pescar camarão, pitu...

Eu sempre observei o jeito diferente de ser de meu pai. Pés no chão, cabelos compridos, brincos de pena, penas na cabeça, casinha no quintal e muita força espiritual.

Comecei a frequentar a escola e aprender a cultura eurocêntrica, as pinturas, quadros, histórias. Eu não me via ali. Iniciei a escrever em forma de diário aos 13 anos, pois sempre gostei dessa forma de escrita.

Aos 18 anos, me tornei mulher e mãe e os sonhos foram ficando pelo caminho. A maternidade é um processo um tanto doloroso. Aos 22 anos, mais uma vez mãe e outros tantos sonhos se perderam...

Meu pai me acompanhava de perto e ao desistir do curso de magistério, estando para concluir, ele chorou, pois sonhava ver todos os filhos formados. Ele, agora encantado, pode ver que estamos aqui graduados e pós-graduados.

Em 2010, entrei para um grupo de teatro na região periférica de Salvador. Me tornei atriz, atuava e seguia escrevendo. O mundo da iluminação é fascinante! Fiz os cursos possíveis para ser uma boa profissional, cursei Comunicação Social e sou agente cultural. A vida e a paixão pela arte foi seguindo o seu curso como um rio. A arte tem seu fascínio e desilusão, é um duo de sentimentos. Foi muito chão e eu seguia escrevendo.



Gleice Ferreira

Sempre havia me declarado negra, pois se falasse que era indígena teria que provar com todos os documentos possíveis. Até que um dia lembrei do meu pai, dos meus traços, de quem era a minha avó paterna, da minha bisa, de mamãe... O processo de retomada e pertencimento é dando um passo de cada vez.

Veio a pandemia e nos forçou a parar, olhar para dentro. Comecei a participar de oficinas de escrita ministradas por pessoas brancas. Fui traída, roubada, mas aprendi muito. Me dei um tempo! Foi preciso silenciar... Depois fui estabelecendo laços com mulheres incríveis, iguais e diferentes, assim como eu sou. A escrita flui, jorra sem parar. A poesia é algo pulsando em minhas veias, o vermelho é presente!



Gleice Ferreira

ANCESTRALIDADE

Atravessaram o mar
E defloraram as matas
As mulheres
A terra
Pindorama.
Jaci escureceu
Entristeceu
E chorou.
Dominaram os nativos
Extinguiram a sua fé
E a bíblia goela abaixo os enfiou.
Yby virou um mar de sangue.
O nosso sangue.
Arrancaram os negros de seus países de origem
E os arrastaram em correntes.
Paraná em sangue se tornou.
Negreiros navios.
Só esqueceram que somos raízes.
Resistimos.
Existimos.
Lutamos.
Mesmo nos dias mais sombrios.

ANA

Sou anciã de pele acobreada
Roceira, com os pés fincados no chão
Acocorada no meio do terreiro
Parindo o tempo.
No meu patuá carrego alho
Contra-egum que
Me protege de quebranto
Sem preconceito brado o meu canto ancestral.
Sou mulher que carrega água de poço na lata enferrujada.
Sobre a cabeça uma rodilha de chita
Gotas d'água caem pelo caminho
No rebento de mim
Derramo vida em solo fértil.

(In memoriam de minha avó paterna, Ana, cabocla indígena)



Glicéria Tupinambá

E-mail: gliceliatupinamba@gmail.com

Sou Glicéria Jesus da Silva, também conhecida como Glicéria Tupinambá ou Célia Tupinambá. Vivo na aldeia Serra do Padeiro, Terra Indígena Tupinambá, de Olivença, no sul do estado da Bahia, uma região cacaeira, bioma de mata atlântica, onde nasci, em 1982, filha de Maria da Glória de Jesus e de Rosemiro Ferreira da Silva.

Nasci por mão de parteira dentro da aldeia, no pé da serra, a morada dos Encantados. Meu nome foi escolhido pelo meu avô, o pajé João de Nó. Foi o nome de uma prima dele que foi levada grávida para o aldeamento Nossa Senhora da Escada, em Olivença. Ela não se acostumou naquele regime e fugiu logo que ganhou a criança: entre o aceiro da roça de milho e a mata, a onça comeu mãe e a criança.

Criada em território Tupinambá, estou profundamente envolvida com a vida de meu povo, no meu cotidiano, em minhas estratégias políticas, em consonância com a perspectiva do bem viver.

Participo da vida política e religiosa de meu povo e me envolvo, principalmente, em questões relacionadas à educação, à organização produtiva, a serviços sociais e aos direitos das mulheres.

Ingressei no movimento indígena, no final dos anos 90, quando começou o estudo de reconhecimento étnico e delimitação do território Tupinambá. E, com muito sofrimento e dificuldade, consegui terminar o magistério. Nesta época, quando ainda estudava em escola pública, fui convidada pelas lideranças de Olivença para ajudar na discussão e construção do projeto da escola indígena Tupinambá de Olivença. Contribuí tanto na questão da educação diferenciada como no plano pedagógico e, com isso, conseguimos montar salas de aula na Serra do Padeiro, ligada à escola indígena Tupinambá de Olivença.



Glicéria Tupinambá

Em 2002, iniciei a carreira de professora na prática, mas bem antes, já era envolvida na questão da educação. Quando ainda estava na escola, um mês depois do início do período letivo, a minha sala de aula foi transferida para área de conflito para uma retomada, pois todos os alunos estavam envolvidos naquele evento.

Entre 2004 e 2019, fui presidente da Associação dos Índios Tupinambá da Serra do Padeiro. Hoje sou parte de sua diretoria. Em 2015, representei o povo Tupinambá da Serra do Padeiro, na ONU Mulheres, órgão das Nações Unidas para promoção da igualdade de gênero e empoderamento das mulheres. No mesmo ano produzi o documentário “Voz das Mulheres Indígenas”, com a participação de mulheres indígenas da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas, sobre as trajetórias das mulheres no movimento indígena brasileiro.

Em 2010, depois de participar de uma audiência do CNPI, em Brasília, na qual denunciei ações violentas da Polícia Federal contra meu povo, fui presa com Erúthawã, meu filho, que tinha apenas dois meses. Este episódio, suscitou críticas veementes de entidades de defesa de direitos no Brasil e no exterior. Depois de minha libertação, eu fui incluída no Programa de Proteção dos Defensores dos Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Em 2010, a comunidade estava sob o ataque da polícia federal, meus irmãos já estavam presos, fui convidada para participar da reunião do CNPI, em Brasília, levei os documentos denunciando o que estava acontecendo na Serra do Padeiro. Na volta, quando cheguei ao aeroporto de Ilhéus, com meu filho de dois meses, a Polícia Federal já me esperava. Fui levada no dia seguinte, às seis horas da manhã, para o presídio de Jequié junto com meu filho, com as acusações de sequestro, formação de quadrilha, e tantas outras coisas. Passei dois meses e quinze dias na prisão, e neste período, meu filho e eu ficamos doentes pelas más condições do presídio. Como ia ter uma rebelião lá, o Secretário de Justiça e de Direitos Humanos intercedeu, para que me liberassem e não corresse o risco de acontecer alguma coisa comigo e meu filho.

Em 2009 e 2010, me afastei da sala de aula para trabalhar na coordenação escolar indígena na DIREC, de Itabuna, mas como lá não dá condição nenhuma, em uma reunião do Fórum de Educação nos Tumbalalá, na presença do Secretário de Educação do Estado, entreguei o cargo e voltei para comunidade para o quadro de professores.



Glicéria Tupinambá

QUANDO UMA CUNHÃ SE SENTE FRACA

Cunhã guerreira

Cunhã mãe

Cunhã forte

Coberta pelo manto da coragem

Dando os passos da certeza

Quebrando as barreiras

A sabedoria é seu guia

A Memória seu caminho

Ao chegar no topo do tempo

Veja com os olhos da pele

Sinta as estrelas do universo

Sua arma, o arco

Sua missão, o maracá dirá

Os obstáculos, os rios contornar

Cunhã forte

Cunhã guerreira

Cunhã mãe

Seu colo segurança

Pulsação na roda

Saberes ancestrais

Ao curso do rio

Pulsa a liberdade

Gliceria Jesus Da Silva

Pensilvânia, 20/04/2022



Hellen Kariú

E-mail: carlahellentorres@gmail.com

Instagram: @paruunakariu

Meu nome é Hellen Kariú, sou jovem mulher indígena da nação Kariri, meu povo se chama Kariú. Estudo a língua Dzubukuá que é falada por nós. Minha ancestralidade vem do interior do Ceará, uma região antiga chamada Sertão de Figueiredo. Minha família é migrante e já passou pelo RN e, atualmente, estamos no Distrito Federal e Goiás.

Reconheço meu povo, por intermédio dos ensinamentos de minha irmã, avó, tias-avós, bisavó, a maior parte são mulheres cuja vida e as histórias permitem contar um pouco do que sou, pois cresci com elas até os 16 anos.

Sou estudante de Pedagogia do Instituto Federal, acredito na educação libertadora das amarras sociais e burocráticas, que nos impedem de ser e viver.

Estou no mundo das artes desde os oito anos de idade, quando tive acesso e apoio financeiro para fazer aulas de balé clássico. Apresentei poesias junto a minha irmã mais velha e irmãos, logo após, fiz aulas de ginástica rítmica e, então, aprendi um pouco sobre o mundo de infinitas possibilidades do circo sob uma vivência periférica.

Me percebi aos 21 anos uma mulher que ama ler e escrever poesias, como forma de luta diária por sobrevivência e é através do Mulherio da Letras Indígenas que me lanço ao mundo da escrita pela primeira vez na vida.



Hellen Kariú

TIDZ PARU UNÁ

“Mulher que reparte flores”

Os sonhos transbordam na realidade, o rio deságua no mar e nos amálgama. Sonhem com o futuro de nossas crianças geradas por Pachamama.

O Mulherio sempre esteve aqui, desde nossas antigas, mas bem sabemos que, hoje, temos poder e onde há poder, a sabedoria anda lado a lado, às vezes, em silêncio, sozinha ou com sua companheira fala. Não desistiremos de nossa luta, de nossos lugares que já estão aqui há anos.

A Terra é livre, a força da natureza nos guia todos os dias, pois semeamos, colhemos e queimamos diariamente. Somos fortes como chuva e chuva também é sereno, goteira, rio, mar e infinitas possibilidades de vida. Somos fortes como o barro que se molda a cada passo, e num suspiro de vida abrimos o sorriso, seguramos na mão das ancestrais, avós, mães, tias, irmãs.

Não estamos sozinhas, jamais estaremos, pois nascemos, crescemos, semeamos e morremos. Somos úteros que falam umas às outras palavras de resistência, nós somos fortes mulheres que repartem flores.

Aymodoá Kayácu

(Lua da Colheita)

E foi, na lua de julho, que vim ao mundo, lua crescente que olha para trás e sente.

Foi na lua que faz crescer o mato, que a colheita chega e traz chuvas fortes. Foi no ventre de minha mãe que nasci e no ventre de minha avó estavam as sementes do que sou hoje.

A lua de julho me acompanha para todo o sempre, pois até no sertão, brotam sementes, até na caatinga do barro vem o Baião, Lampião e Xaxado.

A força do maracá, do pito e do roçado, estará para sempre em meu legado: tão jovem mulher a ter jeito e fé.

Januário: respeita Ela

“De norte a sul, Januário é o maior”, já dizia nosso mestre Luiz. Nosso contador de histórias que não morre. Mas me pergunto: o que seria de Luiz Gonzaga sem sua mãe Ana Batista de Jesus?

— *É pergunta pra mais de metro e metro pra mais de eu.*



Iasypitã Potiguara

E-mail: iasypitapotiguara@gmail.com

Instagram: [@iasypotiguara](https://www.instagram.com/iasypotiguara)

Sou a Iasypitã Potiguara, nome recebido no movimento indígena, que traz como significado: “*Lua Vermelha*”, mas nos meus documentos da cultura branca, trago a marca da colonização do meu povo, registrada com o nome de Josiclaudia Izequiel, da família Ezequiel. Mulher cis, indígena, bissexual, caçula de cinco irmãs, criada com pais separados, neta de indígenas do litoral norte com ciganos do brejo paraibano, fruto de relação parental entre primos de primeiro grau, nascida e criada em território Potiguara, residente na aldeia São Miguel, Baía da Traição, Paraíba.

Senti o que é a fome e o quão a sociedade pode não ser justa com as famílias compostas só por mulheres. Das coisas que pude ouvir na infância, uma delas é que teríamos o mesmo destino que a nossa mãe (para os moradores da aldeia, a minha mãe era uma má influência, por ter se separado do meu pai). Eram frases e fases dolorosas de uma criança compreender.

Dentro de todas as dificuldades, concluímos nossos estudos, mesmo sendo necessário escrever de grafite para aproveitar os cadernos no ano seguinte. Das cinco filhas, duas concluíram o ensino superior e uma o curso técnico. Consegui aprovação para o curso de Bacharelado em Ecologia, e foi, a partir desse passo, que conheci a potência que sempre fui, no entanto, ignorava. Tornei-me, então, o que aspirava ser quando criança e ouvia sobre a importância da manifestação cultural do meu povo para nossa afirmação, enquanto indígenas. Sou uma adulta que tem responsabilidade com seu povo.

Durante a graduação, fiz parte do Programa de Educação Tutorial (PET) - Indígena, onde aprendi não só sobre o mundo acadêmico, mas também, sobre o meu próprio povo. Junto com o PET Indígena pude ocupar espaços e lugares de fala. Pude falar por mim e pelos meus. Envolvi-me com a escrita. Embora já escrevesse, desde criança, não eram escritas relacionadas às pautas indígenas, foi na universidade que pude aflorar para essas temáticas. Até antes da universidade eu não tinha acesso às tecnologias, não sabia usar o computador, foi na UFPB que tive os primeiros contatos e, no PET Indígena, fui ensinada a utilizar essa ferramenta para falar sobre a história do povo Potiguara. Criei um perfil no facebook e passei a usá-lo para contar as versões dos indígenas sobre os fatos históricos.



Jasypitã Potiguara

Para que mais jovens indígenas tivessem as mesmas oportunidades de aprendizados e pudessem concluir os estudos e ingressar no ensino superior, criamos a Associação dos Universitários Potiguara (AUP) e garantimos o direito à Bolsa Permanência. Nessa trajetória acadêmica conheci a Organização dos Jovens Indígenas Potiguara (OJIP), da qual faço parte até os dias atuais. Nessa organização encontrei um lugar de empoderamento da juventude, decidindo e desenvolvendo políticas, exigindo nossos direitos constitucionais e cumprindo os deveres que nos são designados. Na OJIP, nós mulheres somos ouvidas, pois aprendemos a exigir nossos espaços.

Dos movimentos e articulações que a graduação me permitiu conhecer, conheci e sou integrante da Articulação das Mulheres Indígenas da Paraíba (AMIP), onde tenho contato com as mulheres Potiguara, Tabajara e Cariri.

Em 2020, devido às minhas publicações nas redes sociais fui convidada para ocupar um cargo como servidora pública. O convite veio por meio de uma secretária de estado, para que eu ocupasse o cargo de Gerente Operacional de Políticas de Apoio à Comunidades Tradicionais, na Gerência Executiva de Equidade Racial da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana - SEMDH. Prontamente, aceitei o convite e hoje tenho contato com os povos indígenas da Paraíba; indígenas venezuelanos Warao; ciganos; quilombolas; e povos de terreiro e descobri que posso fazer a diferença na vida de alguém.

Escrever a história real do meu povo e como é ser indígena na atualidade em meio a tantos estereótipos romantizados, não é só sobre sentar e digitar palavras que resumem nossas trajetórias, é sobre reconhecer que eu não estaria aqui sendo livre, se lá no passado os/as indígenas não tivessem lutado. Dar retorno para o meu povo Potiguara e para os outros povos que represento, na atualidade, continuar abrindo caminhos e portas, construindo trilhas para que meus/minhas parentes/as possam passar, é fazer valer a resistência daqueles/as que vieram antes de mim.



Jasypitã Potiguara

SE VAI DE ÍNDIO, VAI DIREITO

Se vai se “fantasiar de índio”, vai direito.

Vai com as marcas de balas dos Guarani Kaiowá.

Vai fantasiado com o desespero dos Potiguara do Katu, tendo suas casas derrubadas.

Vai como os Tapuia do Tapará, vendo suas terras em chamas.

Então se vai de “índio”, vai direito.

Se vai de índio, vai com a corda no pescoço, como muitos jovens Indígenas que cometem suicídio por falta de oportunidades.

Se vai de “índio”, vai como o índio culto que aprendeu a conjugar os verbos e usar os pronomes. Não desmereça nossos esforços para aprendermos o vosso português.

Nos alfabetizamos.

Mesmo não sendo algo fácil para nós, temos escolas nas nossas aldeias, que nos ensinam muito bem.

Então se vai de “índio”, vai com a consciência de que nós mulheres indígenas, não somos fetiches de colonizadores. Não nos hipersexualizem!

Se vai de “índio”, vai sabendo que não somos fantasias, somos realidade, sangramos sobre a terra todos os dias.

Então vai lá, vai na nossa forma mais real. Vai sangrando!



Idiane Cruzá

E-mail: idianecruz5@gmail.com

Instagram: [@idianecruzda](https://www.instagram.com/@idianecruzda)

Meu nome é Idiane Cruzá e sou indígena Kariri-Xocó, nascida em Porto Real do Colégio- AL. Hoje tenho 35 anos e, durante toda essa minha trajetória, eu compartilho de vivências semelhantes às de meus parentes, os quais tenho todo o orgulho por ser originária. Também resisto às dores e às violências, causadas pelo colonialismo, que infelizmente persiste até os dias atuais.

Cada um de meus dias junto à minha comunidade, carrego toda a força da nossa tradição, nossos costumes e espiritualidade. Lembro de quando eu era criança e brincava no nosso Rio Opará com meus parentes, as mulheres faziam potes de barro para trocar por alimentos.

Eu também costumava acompanhar o meu avô na roça e cantar com ele os rojões, que era para nos dar força e trazer alegria durante o trabalho. Às vezes, eu também o acompanhava nos rituais de benzimento que ele fazia. Muitas vezes presenciei a chegada de algum parente adoecido, que precisou ser carregado no colo e que saiu andando sozinho, depois de ser benzido por ele.

Hoje, juntamente com minha família, lutamos para resgatar e fortalecer a nossa cultura, por meio das atividades no nosso espaço Swbatekerá, principalmente do nosso idioma Dzubukuá Kipeá, que já chegou, equivocadamente, a ser definido como uma língua morta pelos antropólogos. Porém, permanece vivo e guardado, protegido graças à sabedoria dos nossos anciãos.

Assim como fizeram nossos antepassados, seguimos amparados pelo Grande Espírito nessa luta, para preservar a nossa tradição e fortalecer a cultura do meu povo. Essa é a minha principal causa como guerreira e escritora indígena, embora eu não siga os padrões da escrita acadêmica, mas as narrativas das memórias do meu povo e de minha ancestralidade singular e plural.



Idiane Crudzã

A VERDADE DO AMOR

Sou uma pequena flor
Que nasceu de uma delicadeza da natureza
Mas não aceito que maltrate minhas
Pétalas tampouco os beija-flores
Assim como a beleza de todas as rosas
Também sei espinhar quando percebo
Que a única coisa que queres são
Minhas pétalas arrancar
Nasci de um amor
Amor verdadeiro daquele que um dia
Amou o mundo inteiro
Mas também pune aquele que
Lhe foi traiçoeiro
Amor tenho para dar e vender
Mas também sei me recolher
Quando não fazem por merecer
As flores são delicadas e doces
É assim que as abelhas tiram
O seu mel tendo conhecimento
que ou se tem
Delicadeza ou se produz o fel



Indiana Lima

E-mail: indianafreitaslima@gmail.com

Instagram: @indiana.lima

“Sou” Txerery ma Indiana Lima, mamõ redju São Paulo py aikó, naturalizada na Bahia. Viajei por mais de dez anos por Pindorama “Brasil”, Paraguay, Argentina, Bolívia e Chile. Sou aprendiz da língua e filosofia Tupi guarani nhandewa. Cocriadora do projeto “Histórias de Colheita”, no qual facilito Círculos de Arte Ritual e Constelação Familiar para canalização das histórias ancestrais. Na cidade onde moro, atuo como coordenadora de Moda e Identidade em um projeto social com e para mulheres, principalmente negras, indígenas e afro/indígenas, com foco na educação através da oralidade e da prática em coletivo.

Também cantadeira, rezadeira, escutadora e contadora de histórias. Enfrento uma jornada de Mulher-mãe, artista, em processo de descolonização, retomada e cura de traumas, buscando conectar os fios que tecem a teia da minha ancestralidade originária e afrodescendente através do estudo da árvore genealógica.

Luto pela paz das mulheres em estado de vulnerabilidade e abusos, pela autonomia e autogestão da vida e da saúde, através da escuta empática e acompanhamento de processos.

Agwydjewete! “Muito obrigada!”

“Resistimos juntas com um propósito em comum!”

Aweté katu “Sou grata”



Índiana Líma

A FLECHA E A VELA

Enquanto me escondia na mata, atenta a cada som e movimento, vi, pela primeira vez, olhos que brilhavam como os meus, mas, ao mesmo tempo, nunca havia visto nada igual. Traziam a cor da água do rio em que a gente se banhava antes da invasão.

Me juntei aos homens do meu povo mata adentro, éramos guerreiros, mas não conseguimos lutar, tínhamos que fugir. As armas daquele povo, que chegou pelos mares, perfuravam a ponto de mutilar nossos corpos, era impossível lutar contra isso, o barulho era ensurdecedor e uma nuvem de terror e pânico se instalou em nossas vidas. Estar junto aos homens, na luta e na caça, seria improvável para uma mulher de acordo com nossa cultura, éramos preservadas e ao mesmo tempo limitadas às funções femininas do grupo. Se eu não fosse das poucas mulheres sobreviventes, não carregaria arco e flecha e não estaria na mata naquele momento. Vimos nossas crianças e anciões morrerem, vimos nosso passado e futuro desaparecerem num rio de sangue. Aqueles bichos homens eram os mais perigosos e assustadores que havíamos visto, até as onças deles corriam.

Nossos olhos se encontraram e em um olhar profundo nos reconhecemos, todo meu corpo reagiu àquele encontro. Quando pisquei, soltei a flecha. Ele caiu, em silêncio. Não havia mais ninguém, ele estava sozinho e eu precisava recuperar minha flecha, não tínhamos tempo para produzir, não tínhamos mais território, não tínhamos orientação dos mais velhos, cada um agia de acordo com seus instintos de sobrevivência. Nos unimos em grupos com diferentes etnias e adentramos a mata rumo às montanhas, sem nenhuma expectativa, nosso Nhandereko se desfazia pelo caminho junto à nossa dor.

Retirei a flecha de sua costela e ele abriu os olhos, mergulhei na imensidão daquele olhar, uma tremenda força nos uniu e não pude deixá-lo agonizando no chão. Ele seria comido por um animal, ou morto pela próxima pessoa que o visse. Sua pele era branca, encardida pela sujeira, fedia, estava ferido e com várias infecções, ele não tinha nada além das vestes, também estava fugindo do mesmo mal. O carreguei até a beira do rio, onde os parentes me aguardavam para retornar com a caça. Pensaram que aquele homem era minha caça, mas na verdade, eu o trazia para receber cuidados, mesmo num tempo em que mal conseguíamos cuidar de nós mesmos.



Índiana Lima

Do outro lado do oceano, todos os dias, a menina mulher, de pele branca e olhos azuis, acendia uma vela ao pôr do sol, com as mãos trêmulas, segurava seu rosário e fervorosamente rezava pela vida de seu amado. As embarcações iam e voltavam a cada nova estação, e seu amado não desembarcava como combinado. Aflita, ela jurou esperar pelo seu retorno, acreditava que se casariam e teriam filhos, viveriam uma vida longa juntos, vendo seus filhos crescerem felizes, trabalhando próximo a casa, ou até mesmo terem o próprio negócio depois que ele voltasse rico da jornada de descoberta das novas terras. Ele nunca voltou, mas ela acendeu a vela e fez suas orações, até seu corpo desfalecer na velhice solitária e se entregar aos mistérios da morte.

Ele se curou rapidamente com o benefício das nossas medicinas, e de tão agradecido se juntou ao nosso povo como se fosse um de nós. Não tínhamos palavras em comum, mas tínhamos a mesma intenção. Cruzamos a floresta e chegamos nas montanhas, encontramos água doce, e um grupo de parentes, que vivia na região, nos ajudou a construir nossas Oky. Não tardaria muito, a pólvora chegaria ali também.

Nós nos olhávamos pelo tempo que fosse preciso, essa era nossa conexão, às vezes, eu até sorria. Todos os dias, quando o sol se escondia atrás das montanhas, ele olhava para o céu como se escutasse um chamado, observava atento a chegada da noite, respirava profundo, parecia se transportar para outro lugar. Quando a morte me visitou, foram aqueles olhos, minha última visão.

A flecha e a vela faz parte da coleção de contos **A lenda de Auê** de Índiana Lima.



Jama Wapichana

E-mail: jima.wapichana@gmail.com

Instagram: @jamawapichana

Sou Jama Peres Pereira - Jama Wapichana, mulher indígena do povo wapichana, vivo na Fronteira Brasil e Guyana. Tenho 25 anos, sou filha de um grande contador de histórias e pescador e da Pandi-Turuaba.

Atuo no movimento indígena, coordeno a Repam Juventudes de Roraima. Tenho graduação em Gestão Territorial Indígena, mestrado em Letras e Literatura Indígena, ambas pela Universidade Federal de Roraima.

Atualmente, estou em processo de admissão para o doutorado em políticas públicas pelo programa Oportunidade Acadêmica. Sou voluntária e mentora no Projeto Escola Comum, um projeto de educação cidadã e participei do programa Prolíder, um dos maiores programas de liderança no Brasil. Sou Fellow do Instituto Four, cuja função é a de mobilizadora da região norte, com a missão de democratizar os acessos à educação de qualidade das juventudes indígenas e periféricas.

A escrita tem um poder libertador dos medos, violências, dos traumas que carregamos em nós. Em alguns momentos, provocar a memória pode ser um perigo. Comigo a escrita literária despertou o movimento de pensar sobre essas memórias, e fez emergir lembranças obscuras. Vieram à tona memórias que quando criança eu pensei que tinha enterrado vivas. Essas não eram boas lembranças e eu sinto que ainda doem em mim. As lágrimas rolam dos meus olhos ao recordar, talvez a literatura e a escrita possam ser libertadoras, sendo muito mais que somente expressão acadêmica e artística.



Jama Wapichana

A gente nunca está preparado para recordar acontecimentos que um dia nos feriram. Houve muito bloqueio de pensamento que vivi quando criança, bloqueios que foram jogados no mar do esquecimento, segundo a prática cristã que me foi imposta, para não lembrar de algumas violações em meu corpo. Talvez falar disso seja libertador, não carrego culpa e não posso mudar o que me aconteceu, hoje são marcas em minha mente e no meu corpo, tentei camuflar por muito tempo, até ter essas lembranças que, de algumas formas, foram provocadas.

Lembro-me que quando criança, na idade de sete anos, eu gostava de ir à igreja dos crentes, era na assembleia. Íamos eu e meus irmãos porque lá tinha merenda, suco com bolacha. Eu me lembro dos detalhes e dos cultos. Eu até aceitei Jesus lá, gostava de cantar lá com as outras crianças, eu era criança.

Foi uma tarde, estava na igreja com outros, e um homem da igreja me chamou, eu já o conhecia, para ver uns cavalos e pegar um saco de esterco lá em um sítio, ele me convenceu porque eu queria ver os cavalos e fui, mas não tinha cavalo, fomos para um lugar lavrado pegar esterco, quando estávamos voltando de carro, ele começou a tocar em mim, eu achei estranho, tocava nos meus peitos, que ainda nem tinha, e nas minhas partes íntimas, ele me acariciava e dizia que não era para contar pra ninguém. E me perguntava o que eu queria. Eu fiquei confusa, sem saber o que estava acontecendo. Ele me deixou na igreja com outros, eu fui para casa cabisbaixa triste, porque aquele homem havia tocado em mim. Assim, acredito que lembrar disso ainda dói, depois eu comecei a não frequentar a igreja dos crentes, porque pensava que lá tem muita gente com o coração mau.

Outra vez, eu estava voltando de um sítio, tinha um amigo bem velho do papai que me deu uma carona. Ele me levava para casa de bicicleta. Ele tocava nos meus peitinhos que não tinha nem caroço. Não sei o que essas pessoas pensavam. Mas, de qualquer forma, escrever e lembrar dessas pessoas e momentos dói. São marcas do passado em mim. E essas lembranças não vieram por acaso, elas foram provocadas em duas situações - as primeiras provocações foram através da obra de Eliane Potiguara, *Metade Cara, Metade Máscara*, na qual ela faz uma rápida referência à violência sofrida em forma de abusos sexuais.

Como disse Conceição Evaristo, “Escrever certamente é uma maneira de sangrar”. Narrar nossas memórias não é tão simples, mas é tão vivo. Essas experiências de lembrar da minha infância me trouxeram também alegrias, cheiros, sabores, coisas gostosas que eu gostaria de experimentar mil vezes e sentir o meu passado vivo em mim novamente.



Jama Wapichana

MEU SAGRADO VIOLADO

Meu Sagrado foi tocado

Ele me tocou, ela foi tocada e as outras também foram tocadas

Nós mulheres fomos tocadas

Meu território Sagrado foi tocado

Eu chorei, eu sangrei eu sofri

Nós sofremos.

Meu território sagrado foi tocado

Meu território sagrado não será mais tocado.



Joana Chagas

E-mail: joaninhacontahistorias@gmail.com

Instagram: @joana_chagasdasilva

Eu me chamo Joana Chagas da Silva. Nasci nas águas escuras do Rio Oyapok, mais exatamente em Clevelândia do Norte (colônia militar), município de Oyapok - AP.

Cresci em meio às vivências coletivas, brincadeiras, almoços e festejos. Meus pais eram os organizadores disso tudo. Enquanto era só festa estava tudo certo, mas quando minha mãe assumiu a organização dos povos Indígenas da região, tudo começou a mudar.

Certo dia, meus pais receberam um “convite”: mandar os filhos para estudarem em Mairi (Belém). Começavam ali, os meus processos de compreensão desse mundo nefasto em que vivemos.

Muitos anos depois, em meio à busca do caminho de volta para casa, realizei pesquisas, li muito, assisti documentários, perguntei à família inteira, até um dia ouvir uma velha senhora que dizia que minha mãe, avó e bisa, todas nasceram e foram criadas na aldeia do povo Palikur.

A conversa durou ainda muito tempo. Ela não tinha noção que, aquilo que me soprou aos ouvidos, era como um canto, uma voz antiga que nunca silenciou dentro de mim. A velha senhora é minha tia Regina, que, assim como minha mãe Raimunda, além de tias e tios, são filhas de mãe indígena com pai preto (meu avô Chagão era um homem preto) e, como minha avó Filó e minha bisa Esmerinda, eles traziam, sobretudo nos corpos, o verdadeiro sentido de um povo indígena: a relação do bem viver exercida na partilha da caça, do pescado, do pirão, de reunir, cuidar dos parentes, de fazer uso da medicina ancestral e, sobretudo, de respeitar a natureza se entendendo como parte dela. Com elas/ eles aprendi a gostar de carne de caça, aprendi a pescar, nadar, a amar as águas, andar de canoa, a ler as nuvens, as estrelas no céu, a admirar a beleza dos pássaros, seus cantos. Aprendi o gosto de sentir a terra massageando meus pés e o silêncio das matas.



Joana Chagas

Palikur... Palikur... Palikur... é o nome que tem pulsado aqui dentro. E nesse pulsar me junto com outras mulheres que, da mesma forma, buscam dar um fim nesta orfanda-de ancestral.

Sempre gostei de ler e escrever, desde menina. O tempo passou e foi na relação com as Bibliotecas Comunitárias que me autodenominei “rabiscadora da palavra poética”, revelando ainda uma certa timidez. Minhas leituras, vivências e o exercício como mediadora de leitura e contadora de histórias aumentaram meu repertório literário e me impulsionaram a publicar meus textos nas redes sociais, sempre acompanhadas de uma boa fotografia (amo fotos).

Trago na minha escrita, o grito de dor e revolta pelos anos de apagamentos sofridos. Volto minhas palavras para a necessidade da luta e respeito para com as mulheres (todas elas), enquanto centro do poder sagrado da fertilidade, de força e resistência, que brota feito árvore capaz de nascer em qualquer lugar.



Joana Chagas

MULHER DO POVO DE PEDRA

Me autobiografo mulher do tempo
Um tempo inicial tomado pela igreja
Que inquisita meus corpos
para negar a presença ancestral,
me peiando em espartilhos e saltos Luiz XV.

Não sou um “saco de ossos” que a sociedade nega
Tampouco um corpo oprimido e desnudado,
à mostra como carne no mercado a ser apregoado,
exposto aos olhos e gulas de machos famintos e segregadores.
Insisto em compreender os meus modos de andar

Meus pés nasceram para pisar o chão
Sentir a terra, vibrar energia
Meus corpos gritam a necessidade de ritos,
os meus ritos de passagem, julgados como
transgressores, insanos, vulgares.

Sou mulher do Povo de Pedra, filha da Mãe Terra, nascida das águas
que oram e banham a pele lisa do couro (des)cabeludo,
águas que trazem a maturidade cerzida na pele e nos fios de cabelos brancos que
rolam ralo abaixo.

Trago a embriaguez de gestos simples e fortes que alteram a ordem

Nem magra nem gorda, feia ou bonita
Não importam os (pré)conceitos
que insistem em cravar em minha mentalidade.

Tenho apetite voraz e boca sedenta
pela palavra que veste os meus corpos de resistência
e mastiga longamente a comida, não dispensa nada.
Tenho fome canina, que só cessa quando avisto os cristais xamânicos de cura,
as pedras, as ervas, os musgos e as plantas
que mantém acesa e jorrante a grande fonte do conhecimento e Sabedoria.

Tragam-me a canoa!
Preciso subir o rio...



Joana Truká

E-mail: trukajoana2@gmail.com

Instagram: @joana_truka

Sou Joana da Conceição Santos, nascida e criada na ilha de Assunção, território indígena truká. Resido na aldeia Jatobazeiro, estudo na escola indígena Capitão Dena, tenho 16 e sou a mais nova de quatro irmãos.

Faço parte da escolinha de conselhos (PE), e sou representante de Pernambuco no Comitê de Participação Adolescente (CPA), dentro do CONANDA. Em ambos os espaços, represento as infâncias indígenas e suas diversidades.

Eu tinha 11 anos quando comecei a escrever. Escrevia sobre tudo: plantas medicinais, pássaros, sobre meu povo, sobre a caatinga, tudo que eu achava interessante. Minha primeira poesia foi sobre miscigenação, já que a minha identidade enquanto indígena sempre foi questionada, por conta dos meus traços. Nunca pensei que fosse mostrar minha poesia e escrita pro mundo, mas quando a pandemia começou, e a gente não podia ir às ruas, comecei usar minha habilidade para escrever, como forma de protesto.

Percebi que a minha poesia não foi feita para ficar guardada em uma caixa, e sim, para levar o nome e a ancestralidade do meu povo para dentro de todos os espaços.



Joana Truká

SOU TRUKÁ

Sou truká, nascida da jurema
A minha alma corre livre nas matas,
Sobrevivi em meio a tantas injustiças
E pessoas caladas.

Foi pra isso que nasci, pra falar por
Todas as minhas gerações que foram silenciadas.
Sou a herança de toda uma luta que foi travada,
Sou a herança de toda uma cultura que foi violada,
Sou a herança de toda uma nação que lutou contra a invasão,
Sou a herança de toda uma nação que lutou contra a catequização,
Sou a herança de quem teve seu sangue derramado, porque os jesuítas disseram que
Deus não aceitava pessoas sem roupa e de pé no chão.

Sou eu a sobrevivente da escravidão,
Sou eu a que nasceu de um estupro e da miscigenação,
Sou eu a que até hoje sofre as consequências da colonização.
Sim, essa sou eu, em corpo alma, jenipapo e urucum.
Em diversas etnias, truká, kapinawá, xukueu e atikum,
E sim esses são exemplos de povos que foram violados um a um.

E aí? O que você tem pra me falar?
Será que é mi?

Ou necessidade de descolonizar?!



Ju Cassou Aruã

E-mail: contato@jucassou.com.br

Site: www.jucassou.com.br

Aparentemente, aos olhos do mundo, não sou indígena, não tenho o “estereótipo” que a sociedade construiu, não nasci na aldeia, não convivi com os meus em comunidade, não cresci falando nossa língua sagrada, porém, a chama interna, que vibra com o todo, já estava aqui dentro.

Morando na capital Curitiba (“Kuriximba”) PR e vivendo a educação formal em família, recebia as “visitas” da avó paterna que vinha do interior passar pequenas temporadas conosco. Era um encantamento, uma alegria, uma “onda” diferente que pairava na casa com a vinda da sua cuia e de seu mate (ka’ayu), do seu fumo de rolo, seu enfeitar-se, sua calma e observação das plantas.

E, sobretudo, de seu sorriso pleno que me transportava para outro lugar naquelas temporadas inesquecíveis. Apesar de todo carinho, ela sempre queria logo voltar para a sua casa e eu não compreendia! Brotavam então inúmeras perguntas sem respostas que me acompanharam por muitos anos, visto que meu pai nunca tocou no assunto indígena, fruto de um preconceito implícito na nossa sociedade colonialista.

Minha alma Guarani estava lá: da infância até a universidade, estive com a mão na terra, cultivando alimentos, flores, vivenciando a natureza, nas marcantes viagens ao interior realizadas apenas por mim e meu pai, até decidir estudar agronomia e música, pois fui musicalizada antes de ser alfabetizada.

As raízes de nosso povo Guarani Nhandewa lanaiwe são estruturalmente agrícolas e os cantos, a música, são partes integrantes do nosso cotidiano, do nosso “Nhandereko” - nossa forma de ser/viver guarani.

Ao ingressar na faculdade de música, encontrei um professor que veio a ser então meu pajé, meu “mboe’jara”, que me abriu o caminho de reencontro às minhas Raízes Guarani Nhandewa, podendo, então, entrar na tradição: receber meu nome “Aruã Karai”, aprender a língua sagrada, os cantos e integrar o grupo de guardiões da semente sagrada (“awaxy”).



Ju Cassou Aruã

Suavemente, comecei a perceber que apenas estive longe, desgarrada de meu clã, de algo maior que habitava em mim desde sempre. A cada encontro no Tekowa Xinguy reconhecia gestos, práticas, pensamentos, astral que vivi com minha avó em tão poucos momentos. Abriam-se as conexões e veio chegando o entendimento não só de quem sou, mas do que é a essência da vida e do meu país continental, plural, colonial, com sua história complexa e mal contada à população.

O desconforto que senti dentro dos estudos da Agronomia, onde já atuava em grupos de agricultura ecológica (anos 80), me levou a preservar “Nhandexy Ywy Retã” (nossa mãe terra) não compactuando com uma atividade química e predatória. Estava claro que meu caminho era a Música: tocar, cantar, compor, escrever, gravar/registrar, produzir, compartilhando minha postura engajada com o meio ambiente, com os povos originários, com a vida. A chama do “Tataporã” (fogo sagrado) começou a me fortalecer a trilhar um novo caminho: levar com responsabilidade a narrativa da cultura indígena, inclusiva e ambiental em meu trabalho artístico-musical.

Uma inquietação, hoje, me mobiliza a provocar reflexões, a ser porta-voz da realidade indígena de nosso território, através de minha atuação como educadora artística e como cantora/pianista/compositora, pelos palcos do mundo por onde passo. Colaborar, integrar, realizar projetos com povo guarani me coloca num lugar de “pertencimento”.

KORATÃ

Canto que encanto pulsando pra ti
Ritmando o amor bem ali
Só venho cantar aqui se você abrir seu Koratã

Trago o frescor, alegria da alma
Livre cantar, Koratã ta em festa, Koratã

Canto que encanto pulsando pra ti
Ritmando o amor bem ali
Só venho cantar aqui se você abrir seu Koratã

Venho saudar, um a um com doçura
Prá celebrar, Koratã ta em festa, Koratã

Canto que encanto pulsando pra ti
Ritmando o amor bem ali
Só venho cantar aqui se você abrir seu Koratã

Glossário

Koratã: coração na língua guarani

Clipe de Koratã

<https://bit.ly/3HCBK1e>



Ju Cassou Aruã

TEMA DA JU (ARUÃ)

Xe amba'e Aruã
Jerape apu porã
Aruã Karai
Aruã Karai, Aruã

Xe amba'e Aruã, Aruã
Aruã

Jerape apu porã, porã
Aruã

Xe amborai aywu porã
Aywu porã

Orero mborayu nhande
Retã owy

TEMA DA JU (ARUÃ)

Eu sou Aruã
Eu crio música sagrada
Aruã Karai
Aruã Karai

Eu sou Aruã
Eu crio música sagrada
Eu canto a língua sagrada

Nós amamos nosso
Planeta azul

Ouçã Tema da Ju – Aruã: <https://bit.ly/3zRZsoC>



Karollen Potyguara

E-mail: karollen.gomes@gmail.com

Instagram: @_poeyra_cosmyca_

Desde cedo, fui tendo contato com minhas raízes indígenas, graças à minha mãe e ao meu avô materno, quando ia visitar ele na praia de Zumbi-RN. Essa praia já é bem famosa e tem um incrível sítio arqueológico Tupi-Guarani, onde pesquisadores (as) encontraram vasto material do meu povo enterrado nas areias. Meu avô era pescador, também plantava e tinha muita comida disponível na mata.

Por isso, muitas vezes não precisava plantar e cultivar manualmente, porque a natureza é generosa e basta sermos gentis com ela, para continuarmos esse ciclo de amor e gratidão.

Mas, depois que as terras começaram a ser invadidas e vendidas pelos “doutores”, como eram conhecidos na região, meu avô, assim como outros nativos, acabamos por nos tornarmos apenas cuidadores das terras desses “doutores”, sendo vítimas involuntárias da invasão das terras e, posteriormente, tendo dependência tutelada dos próprios invasores.

Meu avô também era um grande contador de histórias, fossem de pescador ou das tradições do nosso povo. Em noite de lua cheia, o nosso núcleo familiar se reunia para ouvi-lo falar. Ele era um pajé com uma fé enorme (graças a Tupã e Nhandecy) e, também, muito querido e solicitado pelos habitantes da praia. Foi assim que me desprendi das amarras colonialistas e tive consciência de quem sou hoje, mulher indígena da nação Potiguara.

Comecei a escrever como necessidade do espírito. Desde criança fui ensinada a falar menos e ouvir mais, mas quando essas características se uniram com a fase da adolescência, brotou em mim uma timidez exacerbada que me impedia de me expressar exteriormente através da fala, por isso, passei a me expressar por palavras escritas, sejam elas em forma de poesia, conto, crônica, prosa etc.

Hoje em dia, tenho até um singelo reconhecimento público pelo que faço, participo de diversas antologias e entrevistas, além de estar organizando o meu primeiro livro solo. Tudo me instiga a escrever, gosto de estudar vários temas, mas tenho dado prioridade ao universo indígena, às minhas raízes potiguaras, às pautas indígenas urgentes, aos nossos costumes e espiritualidades.



Karollen Potyguara

Quero que os (as) leitores (as) dos meus escritos e escritos dos meus parentes (as) respeitem nossas diversidades, que se emocionem e que nos apoiem nas causas indígenas.

Meus objetivos para os indígenas do RN são: que as terras indígenas daqui do RN sejam demarcadas, pois ainda somos o único estado do Brasil que tem apenas uma terra demarcada.

Nacionalmente e mundialmente, queremos o respeito pelas nossas diversidades, espiritualidades e costumes. Que parem de assassinar nossos parentes, de violar as mulheres e crianças, de violarem a terra, a água e o ar com venenos. A humanidade precisa viver em harmonia com a natureza!

YVYRA

Virá o dia em que reencontraremos Yvy Maraey!
Maravilhosa terra “demarcada” pelos próprios ancestrais Tupis-Guaranis!
E não mais nos marcarão pelos ferros da ganância e truculência.
E não mais nos violentarão por falsos moldes do “fazer ciência”.
Pois nossos maracás ressoam com vibrações harmoniosas
E nos deixam fortes como as profundas marés tempestuosas!
E nunca mais irão penetrar em nossas veias, pois somos veios de rios fluentes
E nosso sangue se une a água e nutre todo nosso povo em ciclos recorrentes!
E nunca mais irão torar nossas árvores
Pois caminhamos com os pés delas, sendo flores...
E germinaremos tudo de novo com sementes de amores.
Somos árvores e nosso tronco é largo e comprido, enraizado nos tempos
Assim como nosso toré, ao dançarmos, conectados com os elementos!
virá o dia em que nos libertaremos!
Yvyra... O dia em que renasceremos!
E virá o dia em que nos reencontraremos!
Yvyra... Em todos os dias de nossos momentos!
E virá sim...
Vi-Veremos
Yvy Maraey
Arvorejado!
E virá sim...
Yvyrakuéra
Os encantados!



Kayah Namãpura Mura

E-mail: rayane.belem.mura@gmail.com

Instagram: @kayah_namapura

Sou Kayah Namãpura Mura, pertencço ao povo Mura Harabagadys. Nasci em Humaitá (AM) e cresci na aldeia Itaparanã sul do Amazonas. Aprendi a ler e a escrever aos cinco anos de idade. Minha mãe foi quem me ensinou a desvendar e a lidar com as palavras, ela também é professora na aldeia.

Despertei para leitura através dos livros que chegavam para a escola de minha aldeia. Meu interesse pelos livros era tamanho que os lia feito onça, quando espreita uma caça. Com o tempo, passei a escrever versos e quando me dei conta poemas ganhavam vida em meio às palavras lidas e escritas.

Escrevo desde criança. Eu tinha um caderno que carregava sempre comigo para deflagrar meus versos. Hoje meu caderno ainda existe, mas meus poemas viajam para longe, em minhas redes sociais. Meus poemas trazem minhas experiências vivenciadas em contato com a natureza e os saberes de meus antepassados.



Kayah Namãpura Mura

A CONEXÃO

A floresta a chama
O canto dos pássaros chama ela
A pintura de urucum do corpo nu chama ela
O banho no rio chama ela
A energia dos seus ancestrais chama ela
A vontade de resistir chama ela
O grito Mura chama ela

ACREDITO

Acredito nas minhas proteções
Acredito na força que emana da natureza
Acredito na energia da floresta e dos rios
Acredito no meu natural

A ANCIÃ

A anciã carrega traços
Traços de sabedoria
Traços de luta
Traços de quem carrega uma vida no olhar
Traços de ensinamento
Traços de acolhimento
Traços de força
Traços de resistência
Traços de uma guerreira Mura



Kelly Potiguara

E-mail: kellynascimento2788@gmail.com

Instagram: [@kellypotiguara](https://www.instagram.com/kellypotiguara)

Me chamo Kelly Nascimento, moro na comunidade de Ponta do Mato e sou natural de Ceará-Mirim, tenho 34 anos e sou Potiguara de Ibirapi.

Na minha infância fui cuidada por minha avó Hilda e por minha bisavó, Mãezinha, nome que recebeu da comunidade, por exercer o ofício de parteira. Foi também a última de sua linhagem neste ofício. Além disso, ela era curandeira, benzedeira e passou seus ensinamentos para minha avó Hilda, seguindo seus passos.

Era uma época difícil e meu pai não tinha condições financeiras para me criar, e me entregou aos cuidados de minhas avós. Como ele morava perto, estava também sempre ao meu lado. Tive uma infância muito feliz e lembro da água no pote de Barro, do almoço servido no chão batido, dos momentos das refeições, quando nos sentávamos no chão para comer e ouvir as muitas histórias contadas pelo padrinho Manoel, irmão de minha avó Hilda.

Minhas avós faziam artesanato de palha de agave e eu as ajudava nas pinturas das vassouras e dos chapéus. Trabalhavam também na roça e na casa de farinha que tínhamos no quintal. Eu adorava ir ao roçado plantar feijão, milho e macaxeira. Com essas mulheres aprendi valores imensuráveis sobre a vida e sobre a simplicidade.

Aprendi que a verdadeira cura vem da terra, da nossa fé. Aprendi sobre a força que carrega a fumaça do cachimbo, como ser guerreira e nunca duvidar da força ancestral que carrego no peito, e quanta força tem uma cabocla Potiguara. Quando faço uma poesia, um rezo ou um canto é esse o sentimento que emerge, a força da conexão com minhas ancestrais e do poder da cura que vem da mãe natureza.



Kelly Potiguara

Sou artista, poetisa, produtora cultural e pesquisadora dos saberes ancestrais e da medicina tradicional popular. Como minhas avós paternas, pratico a arte das curandeiras, auxiliando pessoas nos seus processos de cura e resgatando esta sabedoria milenar. Realizo ações sociais, através do círculo feminino “Mulheres de Gaia”, no qual sou cocriadora, tendo este a missão de oferecer um caminho de transformação, cura e despertar cada mulher que busca adentrar na jornada do autoconhecimento. Desenvolvo projetos socio-culturais e artísticos no Sol & Lua Café Espaço Gastronômico e Cultural, onde também sou chefe de cozinha. Minha culinária é caracterizada por conter elementos da cultura indígena, regional e do interior. Hoje resgato a riqueza da culinária do meu povo, buscando unir em meus pratos, a sabedoria ancestral, os elementos da terra e meu amor pela culinária.

MINHAS RAÍZES

O avô sol me convida para dançar,
de pés descalços eu danço com o vento.
Na terra batida me firmo, despida do mundo
E das dores do tempo e dos medos que cegam a alma.
A vó lua cheia me pede uma fogueira,
Canto, danço e balanço meu maracá.
Nessa terra eu sou filha e mãe,
Curo e por ela sou curada.
Descalça, nua, vestida de mim
Danço e canto, meu canto é vida, meu canto é alma.
Portais de cura e de conexões.
Desde os primeiros tempos, desde que o mundo é mundo.
Dançando e cantando,
No mesmo brilho do sol,
Na mesma luz do luar,
São preces e celebrações.
Meu caminhar vem do povo sagrado.
Vem das mãos que curam a terra,
das mulheres que cantam e dançam na mata,
do povo de pele vermelha e de cara pintada.
Eu sou neta, mãe e filha,
sou água, terra, fogo e ar,
Sou mata e bicho.
Pertencemos, existimos!



Kelly Potiguara

CANTO DOS PÁSSAROS

Eu venho de muitos úteros sagrados
Carrego uma força ancestral em meu peito.
Sou o que vivo, o que mantenho e o que liberto.
Minhas palavras são cantos que ecoam no vento
E viajam no tempo.
Assim como a terra, me transformo e renasço
Em cada lua, em cada sol.
Sigo o canto dos pássaros
O som dos rios e das cachoeiras.
Sou da tribo do amor
Das bruxas, feiticeiras e curandeiras.



Lidiane Kariú

E-mail: paxialves@gmail.com

Instagram: @poetivista_kariu

Sou Lidiane da Conceição Alves, também conhecida por Lidiane Kariú, pertencço ao povo originário Kariú Kariri do Maranhão/Brasil.

Sou mulher da terra, das raízes e das sementes. Filha das águas, criatura dos rios. Sou uma artista em construção, forjada na luta e das movências de meu povo, aprendiz das artes e dos saberes ancestrais de cura. Sou liderança política do meu povo, atuo na linha de frente das articulações de acesso aos direitos indígenas e nas estratégias de luta contra a Covid-19, em minha comunidade.

Sou integrante da Coletiva de Mulheres Indígenas e Negras Quilombolas (Goiânia/GO) e da Associação Brasileira de Antropólogos Indígenas (ABIA), além de articuladora da coletiva de mulheres artesãs Kariú Kariri.

Faço parte do movimento indígena, na luta por uma educação contra colonial e antirracista. Sou doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFG), atuando em pesquisas relacionadas à educação, gênero, etnologia indígena, mulher indígena, descolonização, democratização do conhecimento, acesso à universidade e trajetórias acadêmicas.



Lidiane Kariú

MARIARCA

Mariarca é Maria, mulher e mulheria.

Maria é mulher de sabedoria,
Mulher de muitas vias,
Que protege e alimenta as crias,
Que dá aconchego,
E os braços para onde voltar.

Maria é mulher de valentia,
Que protege o lar, o chão de viver, andar e amar.

Maria é mulher de encantaria,
Que canta o conto, que marca o ponto
De andar e arrancar.

Maria é mulher do brotar.
Brota amor, alimento e o lutar.
Brota das pedras, do chão e no teu olhar.

Maria é mulher de firmeza,
Quando cai é cachoeira,
E quando corre é correnteza,
Carregando a certeza do desejo de se juntar.

Maria é mulher de andanças,
Que sabe a importância de ter o chão de pisar.
Andar não é somente saber partir,
É também saber chegar.
A andança não é sobre se apartar da terra.
É sobre carregar o chão no andar.



Luana Guarani

E-mail: indialuanaleite@gmail.com

Instagram: [@indialuanaleite](https://www.instagram.com/indialuanaleite)

Eu sou Luana da etnia Guarani e respondo pelo nome de Cunhã Pará Poty. Venho de uma família de quatro filhos, tendo sido a escolhida por Nhanderu para ser a caçula e a única mulher.

Nasci e fui criada, até os dezessete anos, na cidade de Mongaguá (Água pegajosa), que fica localizada na Baixada Santista do Estado de São Paulo.

Com essa idade, eu tinha um diploma de atendente de enfermagem (extinto) e, por infelicidade, havia acabado de perder a minha mãe, então, vim morar em Araçatuba (território dos parentes Terenas e Caingangues), que faz parte do interior de São Paulo.

Nada mais me prendia em Mongaguá, já que aos meus sete anos, papai encantou-se. Eu estava órfã e pouco sabia de mim mesma. Tive que me agarrar com todas as minhas forças para me encontrar na rica herança cultural que a minha avó Ana me deixou.

Por sermos caiçaras, minha avó foi quem me ensinou tudo o que hoje sei, como: pegar as peguavas, mariscos, tatuí, sarnambi e outros frutos do mar (tudo com os pés) para poder me alimentar.

O *meu chamado* aconteceu por volta dos oito anos, após um ano que eu perdi papai, daí em diante, eu passei a frequentar a aldeia que lá existia, até que um dia, eles foram transferidos (convidados a se retirarem do Morro da Pedreira) e foram para Peruíbe, deixando para trás a cachoeira mais linda da cidade chamada Poço-das-Antas. Foi nesse lugar que eu senti toda a minha energia fluir sobre meus poros e foi ali também que tive o contato com meu povo, quando ainda por lá estava, já que meus pais quando estavam vivos, já moravam em contexto urbano.



Luana Guarani

Trabalhei na cidade de Santos, como atendente de enfermagem, num prédio chamado “Araçatuba” e logo conheci um rapaz pelo qual me apaixonei. E, acreditando no destino, foi essa cidade que escolhi para constituir a minha família (esposo in memoriam) e é nessa cidade em que resido, atualmente, com as minhas duas filhas.

Tive várias crises existenciais, mas o empoderamento e bagagem que adquiri com as parentas e com a minha ancestralidade, me tornaram mais forte.

Hoje canto e escrevo. Tenho quatro livros em coautoria, com poesias diversas pela Academia Araçatubense de Letras. Fiz do conhecimento a minha defesa, a força vital que me conduz ao caminho de chegar no coração das pessoas e ser respeitada. Se eu não chegasse pelo amor, seria pela dor, mas o amor venceu.

INDÍGENA NO CONTEXTO URBANO

Sou uma indígena do contexto urbano
E nascida em Mongaguá,
Terra de água pegajosa,
Cidade caiçara maravilhosa,
Onde cresci, correndo entre as ondas do mar.
Aprendi que ser indígena é ser em qualquer lugar!
Mesmo que insistam em nos dizer o contrário,
Pois sou resistência na luta diária pelo meu território,
Não legitimada pela constituição de uma nação silenciada.
Há quem diga que ainda será demarcada.
Meu povo aldeado clama pelos direitos já adquiridos,
Direito a terra e a defesa da vida que não são cumpridos.
Quanto a mim na zona urbana, grito para os quatro cantos
Nas lacunas deixadas pela educação:
– *Somos nós os povos originários, donos dessa nação!*
Em um contexto ampliado, nossa ancestralidade se firma.
Nas matas, aldeias, cachoeiras, cimento, estradas e notícias,
Somos a história na sua face verdadeira,
Ainda pouco contada e escrita
Pelos principais protagonistas!



Luana Guarani

ARMADURAS

O laço
Que faço
Que enlaça
O meu eu?

É uma fina linha de aço!
Disfarçando o pacote fechado
Com discretas pontas ocultas,
Que meu alicate torceu!
No interior deste embrulho
Contém tudo que um dia conheci
Tem amores... dissabores
Alegrias, desafios e dores
Experiências vividas, que das vezes chorei, noutras sorri!
Eu tenho meus laços!
Meus pedaços, minha aldeia
Que me torna guerreira... em fogo
Aquecendo essa alma liberta,
Que me desperta, alerta ao mundo
Na divisão, do melhor que eu posso oferecer!



Lucia Tucuju

E-mail: luciamoraisartes@gmail.com

Instagram: [@luciamoraistucuju](https://www.instagram.com/luciamoraistucuju)

Eu sou Lucia MoraisTucuju. Nasci no Amapá, do útero de Maria de Fátima, sou do povo Galibi Marworno. Sou pedagoga, fiz duas pós-graduações, uma em Psicopedagogia e outra em Literatura Infantil Juvenil.

Tive uma infância feliz correndo livremente no chão, tomando banho de chuva, sentindo o cheiro do mato. Uma infância recheada de cantigas alegres e histórias de seres encantados que eram narradas pela maior contadora de histórias que conheci: vovó!

Me tornei contadora de histórias inspirada na vovó e, quando fui trabalhar como professora, foi a forma que usei para trabalhar com as crianças, contando histórias e lendo os livros.

Vim de uma tradição oral, isso explica essa paixão em narrar histórias, amo mediar leitura, me atrevo como escritora e acabei me tornando Membro da Academia Internacional de Letras do Brasil. Sou professora de pós-graduação em Literatura Étnico-Raciais e Estudos Afros Brasileiro e Indígena.

Ministro palestras e pesquiso a Cultura/Literatura Indígena. Sou ativista de Bibliotecas Comunitárias no RJ e idealizadora de projetos de Leituras como: “*O Livro Bate à sua Porta*” e “*A Leitura Bate à sua Porta*”. A literatura me faz acreditar num mundo melhor.

Creio que a arte, a cultura e a literatura promovem transformações e invisto nessa caminhada, como atriz, atuando em monólogos e em espetáculos como o *Arandu* “*Len-das Amazônicas*”, que ficou em cartaz nos CCBBs do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Brasília, de 2018 a 2019, e em oficinas de contação de histórias.

Sempre gostei de escrever e a escrita como mulher indígena é a maneira de expor meu pensamento, poder gritar que existimos, deixar a marca no mundo e que podemos escrever sobre tudo e o que quisermos e, acima de tudo, honrar minha ancestralidade.



Lucia Tucuju

AFIRMAÇÃO

Quem sou eu?
Quem disse que não sou?
Por que preciso viver no mato?
Pintar minha pele com urucum?
Desenhar traços com jenipapo?
Por que não posso ser inteligente?
Não preciso provar quem sou
A aldeia está em mim
Para onde eu for

ENTRANHADA

Forte como a Pororoca
Sou vara forte
Envergo mas não quebro
Pisoteio o espinheiral
Rompendo mata braba
Atravesso o temporal
Ressurjo forte e gigante
Como a sumaúma
Minha escrita é meu grito
Para marcar a história
Relatar com fidelidade
Crença, costume e tradição
Poder reverberar
Com orgulho dizer
Sou indígena, sim!



Madú

E-mail: dudexfreire@gmail.com
Instagram: @semeandobemviver

Sou Maria Eduarda Marinho Freire de Andrade. A escrita e a necessidade de expressão sempre foram partes necessárias da minha trajetória. Comecei a conceber narrativas já na infância, lembro que gostava de escrevê-las em papel, desenhar as personagens e organizar, a partir dessas histórias, brincadeiras nas calçadas da rua onde cresci. Nasci em Mossoró, numa noite de lua cheia, em Capricórnio, do dia 09 de julho, de 1998.

Aqui, no Rio Grande do Norte, até pouco tempo era disseminada fortemente a falácia de que já não existiam populações e identidades indígenas e não é por acaso que até então, apenas um território tenha sido demarcado no RN.

Pois bem, nós existimos. Sou descendente de povos indígenas Tapuya do Apodi e da Serra do Pereiro no Vale do Jaguaribe. Sempre soube que existia alguma lacuna imensa na minha identidade e, por um tempo, deixei esse assunto adormecido dentro de mim.

Porém os traços, a cor, a ancestralidade, a forma como fui e sou “lida” socialmente, enfim, o conjunto da minha vivência me colocou em períodos de tensionamento sobre a ausência de significados presentes na definição “mulher parda” - que para mim sempre soou como algo vazio ou um convite para lugar nenhum.

Hoje estou bem próxima do fim da graduação em Filosofia e venho me dedicando a pesquisa da Decolonialidade e das possibilidades que ela traz de resgate dos saberes dos povos originários como uma forma de se repensar a história, a economia, a ecologia, os afetos e a própria noção do que é vida.

Também passeio de forma independente e intuitiva por outras expressões artísticas, tais como pintura, percussão, artesanato, bambolê, lambe, zine e performance. Sigo sempre assim, me reinventando, por meio da arte.



DECOMPOR PARA COMPOR

As guerras dos homens disseminando valores de violência & competitividade.
Eu só queria viver em paz aqui em Abya Yala.
As crenças em narrativas alternativas de bilionários sobre colonização espacial nunca
nos levarão a nada.
Eu não quero entrar nesse jogo.
Eu não quero ser submissa neste jogo desigual onde apenas você pode ganhar.
Democracia colonial é mais uma forma de docilizar nossos corpos não brancos.
É preciso decompor para compor.
Até onde o ultra individualismo nos levará?
Até quando terei o meu tempo vendido para enriquecer os produtores de montanhas
artificiais de plástico?
Eu já tenho o equivalente a um cartão de crédito espalhado pelo meu corpo.
Seria esse o chip dos conspiracionistas? – microplástico, a mais nova invenção da mo-
dernidade/colonialidade.
Um amigo meu me tensiona a pensar:
Revolução ou terapia?
E a única coisa que me vem à cabeça é que tenho medo de perder a fé na vida que
ainda virá.

DENTRO DE VOCÊ

o oxigênio que preenche os pulmões de ar.
a água que sai de dentro da terra para saciar a sede.
o jerimum e a mandioca, que sustentam firme os ossos,
e que antes de chegar à boca
brotam vigorosos do solo escuro.
a rede de ligações íntimas e ocultas que afirmam a cada instante a existência.
o princípio esquecido e ainda assim presente em tudo:
não existe dentro ou fora
você é a natureza
a natureza já está em você.
não precisa ter medo,
apenas se permita deixar envolver
pelo pulsar originário de vida
que habita a memória de tudo o que existe.
há memória em tudo o que é vivo.



Márcia Mura

Instagram: @muramarcia

Ixe Márcia Mura, eu sou Márcia Mura do Paranã Madeira. Escrevo para resistir e existir. Embora tenha escrito uma monografia de bacharelado em História na UNIR/RO em colaboração com o Povo Indígena Cassupá, uma dissertação com as quatro mulheres do seringal no mestrado em sociedade e cultura pela UFAM/AM e tenha puxado os fios das memórias ancestrais na escrita da tese de doutorado em História Social pela USP, sou mulher das matas, da oralidade, gosto de ouvir e contar histórias onde o povo das nações indígenas caminham pela floresta com os encantados, sem medo de se perder no mundo dos Homens Brancos.

Quando eu era criança as histórias dos encantados, contados pelos caciques e pelos meus pais, me “mundiavam” os olhos e a mente e a música da floresta trazida pelos pássaros e, muitas vezes, produzida por nós, com os caroços de tucumã batendo uns nos outros ou esfregando um pauzinho no ouriço de castanha, entorpeciam também os meus sentidos. Tudo isso sempre me acompanhou como força de minha ancestralidade.

E essa ligação com a floresta e o meu povo me fez o que eu sou hoje: uma contadora de história de meu povo, resistência e ativista dos direitos dos povos originários. Trazer os mundos das encantarias indígenas, para o mundo visível em contextos ribeirinhos, aldeias, vilarejos e cidades, tornou-se uma missão para mim, é uma forma de dar visibilidade à cultura das nações indígenas, pois é urgente o reconhecimento e valorização dos saberes dos povos originários, por todos que a desconhecem. Coloco-me a caminhar por esse mundo para compartilhar saberes, sabores e fazeres tradicionais do povo que habita em meu corpo indígena.



Márcia Mura

O GRITO MURA ECOA

Desde o século XVII, MURA ecoa seu grito para dizer que existe e resiste.

Quando viu o colonizador querer entrar na Amazônia, pelo rio Iruri, pegou arco e flecha, se camuflou de lama, destruiu as plantações dos colonos enviados pela coroa portuguesa... Guerreou 100 anos com todas as estratégias próprias de guerra e os soldados portugueses e espanhóis enfrentou...

MURA não negociou...

A coroa Portuguesa decretou: MORTE aos MURA! Que antes de receberem esse nome MURA se entendiam e continuam se entendendo BUHUARE, que significa senhor das águas...

Kunhãs com suas cunhantães e curumins entregaram seus corpos espíritos às águas... Guerreiros guerrearam até a morte... Uns adentraram com suas famílias em suas ubás, nos igapós; outros passaram a viver sem mais dizer que eram Mura, nas barrancas dos rios, em suas moradas de palha; outros ainda foram para os lagos mais inacessíveis pelos invasores e, ali ficaram, mas o invasor lá também chegou... Arrancou os olhos dos guerreiros, invadiu os territórios...

Quando o colonizador pensou que o Povo MURA se acabou, ele se levantou e cabano se tornou... Mais uma vez guerreou junto com outros cabanos e cabanas.

Muito tempo os MURA se aquietaram e passaram a viver no seringal, por causa disso, acabaram deixando que outros dissessem que os MURA haviam se tornado cabocos e, assim, muitos dizem: “sou do mato... Caboco sou”. Mas somos BUHUAREN – senhores e senhoras das águas.

Desde as primeiras barreiras, que nossas e nossos antepassados e antepassadas fizeram para impedir a passagem do invasor, até neste exato momento, ainda nos colocam como empecilhos ao tal desenvolvimento que, para nós, são projetos de mortes...

Mura grita! Luta! Resiste!

Glossário

Caboco: variação de caboclo, comum na Amazônia; mistura de branco com indígena.

*Há uma convenção de usar Mura no singular.



Mariana Cambirimba

E-mail: mcambirimba@gmail.com

Instagram: @marianacambirimba

Xe rera Mariana Cambirimba, filha de Irene e Martins. São meus exemplos e sou muito grata por tudo o que fizeram e fazem por mim. Se hoje fortaleço nossa ancestralidade, é porque me ensinaram que nosso maior amor é a nossa família.

Cambirimba, nome do nosso clã materno, é herança preciosa deixada pelos meus ancestrais da Serra Quebrada, como minha bisavó Gonçala Cambirimba. Ela e meu avô, Francisco Jorge da Costa, guardaram o nosso nome. E como Cambirimba, sou também a força de todas as nossas raízes.

Tenho múltiplas origens e minha família caminhou, migrou. Foi urbanizada, até que nasci em Teresina, Piauí.

Cresci com algumas angústias internas, mas fazia questão de enterrar. Porém, chega um tempo em que é preciso encarar nossas ausências ou o nosso espírito morre. Dessa forma, comecei a tecer memórias. Quanto mais eu tecia, mais nossas memórias indígenas brotavam da terra. Foi, então, que, pela primeira vez, eu vi o meu rosto.

Sou indígena Potyguara e da Nação Kariri. Somos peixes e os pássaros e os sonhos nunca deixaram de nos trazer os sussurros dos ancestrais.

Nesse processo, voltei a tecer poesia-memórias com o passado-presente. Com os sons do ranger da rede do meu avô, com suas memórias da aldeia e com o seu olhar riscado como uma flecha.

Com as lembranças das pescarias que escutei, das migrações da minha família materna e paterna. Com o sabor e sentimento das nossas comidas, da piaba, do caju e assar castanhas, do beiju, do cuscuz e do buriti. Da pele escura e outrora cabelos negros e lisos da minha mãe, dos remédios da terra do meu pai.



Mariana Cambirimba

Teço poesia-memória, também, com as vivências, com os rezos, com as bênçãos dos mais velhos e do pajé. Com o abraço dos parentes. Quanto mais eu teço, mais vou deixando de ser gente que sobrevive para me tornar peixe novamente. É isso o que somos: peixes marinhos de água doce.

A escrita é meu refúgio, desde a infância, e algumas das minhas poesias já foram publicadas em antologias. O primeiro poema que escrevi falava sobre como deveríamos cuidar e proteger a Natureza. Contar histórias é uma herança originária. Seja através da nossa própria fala, das escritas ancestrais que deixamos em rochas, ou do alfabeto ocidental, não importa: escrever é ser presente-memória.

Retornei ao território de origem do meu avô materno, em Crateús, hoje, Ceará. Fui acolhida pelo querido pajé Cícero Potyguara, por tia Fátima e outros parentes. Ouvi suas lembranças sobre a minha família e juntos me ajudam a reencontrar os que ainda estão por lá.

Essa é uma parte da minha história e vou caminhando e tecendo nossas poesias-memórias em honra a toda família e povos.

SEJA UMA BOA ANCESTRAL

Na rede silenciosa,
no cômodo escuro da memória,
perguntas não pronunciadas.

Estamos vivas,
exatamente porque nos calamos.

Agora,
jogue para fora.

Quando você diz que apenas seus ancestrais eram,
você corta sua árvore,
mata suas raízes.

Teus parentes hoje te lembram:
seja uma boa ancestral.



Mariana Cambirimba

NOVA HISTÓRIA SOBRE OS RIOS

Yara chorou por toda kunhã que foi assassinada.
Yara então encheu a terra com rios de lágrimas.

a cada dia, menos uma.
a cada dia,
a terra manchada de vermelho.
continuamos sangrando:
todas juntas.

TEMPO DAS CHUVAS I (INVERNO)

Somos corredeiras que deságuam no oceano.
Imensidão de torrentes profundas sobre nossas cabeças.
Peixes flutuando em infinitos marinhos e transparentes rios.

o pequi,
já encheu o chão de amarelo.
o buriti,
já coloriu o topo do céu de vermelho.
bacuri ácido e doce:
fertilidade.



Maurille Jeritz Kukama

E-mail: jeritzjg@gmail.com

Eu nasci em 13 de junho de 1975, em Tefé, no Amazonas, eu sou a segunda filha de quatro irmãos do primeiro casamento de meu pai. Meu pai tem muitas histórias que eu sempre admirei e, talvez, por este motivo muitos acham que me pareço mais com meu pai do que com minha mãe, não somente em fisionomia, mas também, no jeito de ser, agir e se comportar.

Da minha infância mesmo não tenho quase nenhuma lembrança. Existe um bloqueio, talvez uma proteção, que eu criei para não me sentir tão machucada, como me sinto, sim... me sinto... uns especialistas, como psicólogos e psiquiatras, me disseram que esta depressão não é caso de apenas 20 anos como imaginava, provavelmente um acúmulo de agressões e silenciamentos que na visão de uma sociedade, é mais que natural.

Tento me explicar para mim mesma e, talvez, com ajuda de vocês, eu me liberte dessa prisão que eu criei pensando em me proteger. Assim, tipo... rrsrrs... brincadeira, é que gosto da linguagem dos adolescentes. Sou professora do ensino fundamental e médio da rede pública, desde 1993 (se não fosse o atual governo eu estaria próxima de me aposentar).

Sim, sigamos. Lembro que meu pai foi enfermeiro, depois que se casou com a minha mãe e, logo depois, de uns anos, passou em um concurso da Sefaz, em primeiro lugar, sem acreditar que conseguiria porque se achava um menino pobre, que veio da comunidade. Minha mãe pensava diferente, apesar de passar a infância e adolescência dela carregando latões de água na beira de um barranco para fazer café para vovô e outros trabalhadores na época, hoje, chamados de soldados da borracha. A minha mãe jamais quis aquela vida para ela e era afoita para morar na cidade, em cantos diferentes. Ela e o meu pai se conheceram quando começaram a estudar num colégio de freira e num seminário, os dois com 19 anos, pela primeira vez, em uma escola. Estudaram, cresceram, formaram uma família. Meu pai, já concursado, começou novas aventuras pelas cidades e comunidades do Amazonas.



Maurille Jeritz Kukama

Eu e meus irmãos éramos inseparáveis, e uma coisa que nos marcou muito, era que chegávamos num porto para mudar de cidade e papai e mamãe, às vezes, nos deixavam no barco e saíam para comprar algo fora do chamado Recreio (barco à motor grande, de passageiros e cargas) e, quando o barco começava a funcionar, toda vez entrávamos em desespero e, algumas vezes, saímos do barco, com aquele medo de ser deixado como “João e Maria”.

Uma coisa que nunca expus para não magoar minha mãe, mas talvez, por causa de nossa cultura patriarcal, machista, que nunca contei é... que... eu... fui... estuprada aos 4 pra 5 anos por um primo de 12 anos que foi passar uns dias com minha avó Júlia. Eu confiei nele quando disse que íamos nos esconder no banheiro, sabe, aquele banheiro do interior, que é no quintal e tem um buraco no meio e uma fossa aberta? Uma casinha? E o que eu me lembro é ele em cima de mim e que quando eu ia gritar, olhei para o lado e vi meus primos olhando pelas frestas e quando olhei para o outro lado em direção ao portal, vi meus pais e minha avó chegando da Igreja. Vovó usava uma medalha do Sagrado Coração de Maria. É isto... só lembro disso da minha infância.

Somente me percebi porque comecei a me enxergar em meus filhos, eu comecei a me sentir pelos meus filhos, somente depois de ser abandonada eu comecei a me sentir, não em mim, mas pelos meus filhos, e me vi o quanto eu me violentei e o quanto violentei minhas crianças.

Hoje, em 2022, estou cultivando um novo relacionamento, aprendendo a nos cuidar e sermos saudáveis, mutuamente. Faço parte de um conselho, chamado de Conselho Indígena Kokama da Amazônia, estou na Diretoria das Mulheres e na Assessoria Lgbtqiap+, aprendendo e repassando meios para aqueles que sofrem e não tem voz e nem forças. Estou aprendendo e olhando a sociedade com mais maturidade, na luta por um caminho melhor para as mulheres, crianças, adolescentes e aprendendo a sair de caixas que eu não me encaixo mais.



Maurille Jeritz Kukama

COMO NASCEU O POVO KUKAMA?

Contam os ancestrais que um certo dia, um homem pescava num rio, quando uma presença chamou muito a sua atenção. Ele pensou que se tratava de uma visão, mas era algo que ele não podia acreditar, era uma mulher cobra que pairava sobre a superfície da água.

Porém, ele não se assustou, mas ficou encantado por sua beleza. Decidido a se aproximar, o homem pediu para que a mulher saísse do rio. E a mulher muito triste lhe disse: “Eu sou Ipira mama, não posso sair, a menos que tu me tires das águas e me leve para a terra.”

Ao dizer essas palavras, a correnteza começou a arrastá-la e o homem desesperado debruçou-se retirando-a das águas e, quando ela estava sendo retirada das águas, a mulher passou a se transformar em diferentes animais. Finalmente, com toda a sua força, resolveu soltar a sua amada.

Ao entrar novamente na água, a mulher transformou-se numa imensa cobra gigante. Sem desistir e sem perder a confiança, o homem passou olhando-a com todo o seu amor e, assim, conseguiu libertar a sua amada, dando origem ao povo Kukama.



Mell Pury

E-mail: muxxicamell@gmail.com

Instagram: @mell_pury

Sou Marilene Meirelles da Silva, indígena de etnia Puri, nascida em Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil. Mell Pury é como gosto de ser tratada, pois fala de mim em ciclos totalmente distintos. Marilene Meirelles da Silva, nome dado pelos meus pais Rosa Correa Meirelles e Alcyone Pinho da Silva, que honro em nome dos meus ancestrais.

Fui tratada por minha mãe com muito amor, zelo, severidade e admiração. Ela me trouxe o pouco conhecimento necessário para viver com ervas medicinais, raízes comestíveis, ferramentas de caça e pesca, construção das ocas, algumas práticas orais e verbais, pois encontrava-me fora da aldeia em Stº Antônio de Pádua, onde nasci.

Curiosa como sou, aos 8 anos comecei a criar instrumentos com latas, arco e flecha com todo o material possível de tirar som, inclusive, vocalizando. Aos 16 anos a vida me empoderou e fui mãe, obtendo a consciência da discriminação.

Com 17, “cortei o cordão umbilical” e saí sem lenço, nem documento, estrada afora em busca do meu legado, minha história. Levada pela arte, com meus companheiros, criei pulseiras de macramê, para que não faltasse nem água nem pão e, na maioria das vezes, de carona com os caminhoneiros, que nunca sequer me desrespeitaram.

Comecei por Ouro Preto - MG, Recife, Fortaleza, cheguei à Bahia, me instalei, fiz artes plásticas na UFBA. Cooperei nos projetos com crianças em situação de rua em parceria com *Olodum*, *Carlinhos Brown*; criei o Projeto Mãos Bordadeiras; expus na Casa de Benin, Bordados em Rechilieu; e, nesse período, nasceu minha caçula baiana.



Com percussão e voz, estive em aparições culturais e voltei ao Rio de Janeiro cantando no Festival de Angra dos Reis, onde atuei como atriz amadora na peça *Galileu Galilei*, no papel principal como Galileu.

Na Argentina, por três anos, estive nas TVs com o Grupo *Beleza Negra, Castings*. Também criei Odara, grupo que atuei solo, com voz e percussão, saindo o primeiro Cd, *ODARA*, no qual fiz percussão para Maru La Negra.

Radicada em Portugal, há 08 anos, atuo como cantora, percussionista em Festivais, como o *BOOM. Obrigada Portugal!* Já trabalhei como Fitoterapeuta na fabricação de remédios com ervas medicinais e cosméticas; fiz instrumentos com material natural; fui locutora (audiobook, outros) nas escolas com o Projeto Som D'corpo e no resgate de crianças em vulnerabilidade, que acolhi também na Espanha.

Recentemente, no mundo da Literatura, participo de coletâneas. Sigo atuante na música, entendendo que fui chamada para o mundo das artes e agradecida aos meus ancestrais por essa oportunidade e as do legado que entram no meu caminho para somar de alguma maneira, parceiros, parentes indígenas todos e de todas as culturas.

ROSA FLOR, ANCESTRAL PURI

(homenagem à matriarca)

Quando senti que estava para ser concebida por ela, minha Rosa matriarca por aqui, terráqueos, olhei pelo canal com uma lupa, a minha lupa (o terceiro olho) e tentei retratar, mudar de ideia, infringir o contrato com o Universo e retornar, mas na corrida do DNA, ganhei e sozinha... mesmo que eu quisesse, direitos nem seriam adquiridos. Tentei, acredito piamente nisso pelo meu perfil como terráquea, indígena que sou hum... Tive a impressão de que recebi um pontapé na minha humilde bundinha que resmunguei e me parece fiz cara feia, ao ponto da minha Puri (intimidade com a matriarca), sentir o rebuliço e conflito que, já antes mesmo de nascer, lhe envolvi e teve que encarar para não nos perdemos na conexão aqui na terra.

Ai mamita... me perdoa o conflito, mas é que quando de fato percebi, sem mesmo entender o que me vinha pela frente, tentei desistir... já era tarde.

Foi então, que você teve Eclampsia, que vem a ser uma super complicação e, sendo no momento de parir, então, nem se fala. Acredito que nesse momento comecei as minhas preces aos nossos guias e deuses, caciques, enfim... todos(as) foram solicitados e nada, nem ninguém teria o direito de interferir no que Deus tinha programado. Sim, tanto que ficamos juntinhas (mesmo nas minhas viagens, sempre que necessitava, e eu podia, me fazia presente), desde sempre até os seus 78 anos quando, não por mim, resolveram comungar na volta de Jadi.



Mell Pury

Mãe, minha anja Puri, tudo o que te agradeço nas minhas escritas, mesmo emanando, verbalizando, o que sinto, todavia é ainda insuficiente para ter obtido de você e agradecer tudo o que tivestes a me oferecer como sua Curumim, a que cuidastes com fervor.

Sou e serei eternamente grata ao seu espírito indígena, obstinado, coerente, sábio, evoluído de quem soube conceber com todos os imprevistos emocionais, de saúde que seguramente te trouxeram sequelas, mas, em nenhum momento, foi suficiente para te fazer desistir, nem da sua vida, do seu legado como mãe e tão pouco da minha.

Ao contrário, assumiste tudo o que veio para a sua vida com muita garra e convicção do que queria e deveria concretizar. Tu foste humilhada dentro da família por seu pai, meu avô, pelo falecimento de minha avó, ele não admitir que teria que criar os filhos, aí deu partida a saga. Foi, então, que resolvestes também sair mundo afora e conquistar sua independência ainda sendo jovem como eras, sem nenhuma instrução, sem estudos, nem sequer um norte. Simplesmente, um querer, uma força obstinada e foi mesmo o suficiente para te guiar, para você ter partido mundo à fora, assim como eu, sem lenço e sem documento, literalmente.

A vida tem dessas e, hoje, te sigo valorizando a mãe Rosa, minha ancestral Puri, por tudo e algo mais que deixei de mencionar, em se tratando do seu legado.

Sua Benção, de sua Curumim Mell Pury.



Miguelina Tupinambá

E-mail: meguelopessocial@gmail.com

Instagram: @meguelopes

Sou Maria Miguelina Cardoso Lopes, mais conhecida como Megue Tupinambá. Nasci no ano de 1965, em plena ditadura militar, na Terra Indígena Uruitá, conhecida, atualmente, como Vigia de Nazaré, no interior do Estado do Pará. Pertencço às Nações indígenas: *Tupinambá* de Vigia de Nazaré e *Aymara* do Peru.

Desde muito jovem, precisei trabalhar fora. Aos 14 anos de idade, encarei a realidade do trabalho doméstico, assim como a minha mãe havia feito em casas de família, para ajudar nas despesas domésticas. Algumas vezes, trabalhei madrugadas adentro, sem receber absolutamente nada a mais por isso. Além de serviços domésticos, também fazia bonecas de patchouli. Eram lindas, tinham saias floridas de chita, e suas cabeças eram de pripioca, mas não podia ter nenhuma, pois eram encomendas que minha patroa precisava dar conta.

Enquanto eu trabalhava fora, meu pai fazia bico em um hotel na praça da Bandeira, e minha mãe fazia cuscuz aos domingos. Tive a honra de ter nascido filha de dois grandes seres da resistência originária. Meu pai, Luiz Alberto Lopes, um homem, Aymara, que aos 12 anos de idade, precisou vir para o Brasil com sua mãe e irmãos; e minha mãe, Avelina Cardoso Lopes, uma guerreira Tupinambá convicta e conhecedora das rezas de cura, cantorias e pajelanças de encantaria, em cada lua específica, preparava seus compostos às diversas curas.

Na minha infância, a maioria dos remédios usados por mim eram feitos por minha mãe e avó, e os resultados eram as infusões mais diversas, com plantas, animais e casca de árvores, que eram colocadas em grandes potes de vidro, e ficavam na casa do fundo do quintal, a “barraca”, um lugar onde ela costumava passar a maioria das tardes.



Miguelina Tupinambá

Mamãe não sabia ler, nem escrever, não teve essa oportunidade. Com nove anos, minha tia Rosa, irmã do meu pai, me matriculou em uma escola chamada Santa Terezi-
nha, uma escola de padres e freiras, onde estudei até a 4ª série. Por não ter o suporte em casa, encontrei muita dificuldade em aprender a língua portuguesa.

Em 2005, conquistei minha vaga na Universidade Federal do Pará, no curso de Serviço Social e, em 2020, fiz pós-graduação Lato Sensu em Serviço Social e Práticas em Saúde Básica e Hospitalar pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ), uma área que tenho afinidade. Hoje, eu atuo como assistente social pela Secretaria Municipal de Saúde de Belém (SESMA), vinculada à Unidade Básica de Saúde da Cabanagem, Equipe Núcleo de Saúde da Família- Atenção Básica (E-NASF- AB).

MEMÓRIAS DE INDÍGENAS - MULHERES: AS OLEIRAS DO FOGO

Em minha família, a maioria é de mulheres marisqueiras, pescadores, fazedores de barcos e canoas, contadores de histórias, parteiras, benzedeiras, rezadeiras, ceramistas e cesteiras que, cotidianamente, resistem naquele local. Durante muito tempo, minha família viveu da pesca e da prática artesanal, tinham a autogestão de seus modos próprios de vida. Observavam tudo ao seu redor e, do resultado de suas contemplações, criavam utensílios que usavam no dia a dia, como matapis para pegar camarão; peconha para apanhar açai; tipiti para espremer a massa da mandioca; pilão para triturar a maniva; peneiras para coar o açai e a massa da mandioca, além de utensílios em cerâmica para muitas coisas, dentre elas o ritual do feitio da andiroba e copaíba.

A tradição do feitio da cerâmica foi se perdendo na minha família. Mesmo assim, lembro que minha mãe contava com riqueza de detalhes que minha avó, fazia lindos utensílios, como panelas de barro e trocava por sacos de açúcar, para fazer roupas costuradas à mão e tingidas por ela mesma, para minha mãe e para os seus irmãos.

Pertenço a uma longa geração de ceramistas. Minha bisá, Maria Estefânia Cardoso, minha avó, Maria Silvéria, minha mãe, Avelina Cardoso Lopes. Não costumava ver minha mãe no preparo do feitio da cerâmica, inclusive, porque na cidade, tais práticas ancestrais, não encontram um pouso seguro, pois as pessoas do entorno se incomodam com o cheiro de fumaça. Então, essas lembranças muito dolorosas me dão forças para dar continuidade nessa prática ancestral, que foi interrompida por esse triste episódio, resignificando tudo isso em nossa família.



Miguelina Tupinambá

Essa retomada no feitiço da cerâmica, tem unido cada vez mais as mulheres da nossa família. Os homens são responsáveis pela coleta da argila. Se for no período das chuvas, no inverno, colhem as argilas nas luas novas e crescentes. Já no verão, o período da coleta pode ser nas luas cheias e minguantes. Se a argila coletada for para fazer objetos de adorno para o corpo, deverá ser única e exclusivamente coletada nas luas cheias de verão, assim tem se mantido nossa tradição ancestral.

As vivências com minha avó foram muito marcantes para o que eu sou hoje. Tenho fortes memórias de quando a visitávamos em sua casa, com telhado de palha e paredes de pau a pique, forradas com as mais brilhantes panelas, que mais pareciam espelhos reluzentes. Panelas areadas com areia da praia, que se formou bem na frente da sua casa, que ficava às margens do rio Tucumandeua que, no verão, tem suas águas salgadas e no inverno se tornam doces.

No final das tardes de verão, minha avó queimava a cerâmica no areial, ela dizia que no inverno não se queimava panela. Hoje em dia com o advento dos fornos elétricos e a gás, tudo isso tem mudado. Estejamos muito atentas e atentos aos sinais deixados por nossos ancestrais e não nos desviemos do nosso propósito que é resistir. Porque, de silêncio em silêncio, vamos sendo apagados e invisibilizados. Não podemos nos calar frente a esse Estado negacionista que, historicamente, não tem respeitado a dignidade da nossa existência.



Nora Pimentel

E-mail: aldenorapimentel2014@gmail.com

Instagram: [@aldenorapimentel_](https://www.instagram.com/aldenorapimentel_)

Sou Aldenora Pimentel Batista da Silva, nasci em um povoado indígena Wapichana, hoje conhecido como Serra Grande I, Município de Cantá/RR. Filha de pai nascido na capital Boa Vista, mas de raízes nordestinas dos estados da Paraíba e Ceará, e de mãe amazonense, afro-indígena. Ainda, minha mãe teve seus laços familiares cortados na infância, com sua ancestralidade indígena paterna do Peru. Essa sou Eu: mistura de histórias não contadas, porém que os rastros da memória não apagaram a força de meus ancestrais, que fez de mim semente da vida, herdeira da resistência dos povos originários, e faz de mim quem sou. Por isso, hoje, meu presente quer encontrar meu passado e em retomada busco minha ancestralidade.

Passei boa parte da minha infância nas aldeias, onde meu pai era designado para ser professor no antigo território de Roraima, hoje Estado. Comunidade Indígena Olho D'água na Região da TI Raposa Serra do Sol, foi minha maior acolhida e fonte das grandes aprendizagens da tradição e do respeito à ancestralidade. Há 26 anos sou casada com um parente Wapichana e temos 7 filhos. Uma família onde a diversidade artística é ferramenta de luta. E é por eles e por mim que continuo em retomada ancestral.

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Roraima (UERR) e Especialista em Residência Agrária com Habilitação em Cultura, Arte e Comunicação pela Universidade de Brasília, onde moro atualmente desde 2008, sou pesquisadora na área de literatura indígena contemporânea com foco no suporte pedagógico e formação de profissionais da educação sobre a temática indígena em sala de aula. Estudiosa dos saberes tradicionais, com dedicação ao conhecimento das plantas medicinais e seus diversos usos terapêuticos e aromáticos.



Nora Pimentel

Tomei como fonte de pesquisa os saberes de minha gente na certeza de que a força dos espíritos da terra estão entre nós para nos curar e nos salvar. Como ativista em retomada ancestral, procuro fazer ecoar a cultura, o direito de querer continuar sendo diferentes, mas, principalmente, de manter nosso vínculo de pertencimento aos nossos territórios independentemente de onde estivermos.

Portanto, acredito que como guerreira da terra, tenho a força de meus ancestrais em meu corpo, como energia, que me ajuda a consolidar a luta pela sobrevivência de nossas nações indígenas, pois nós também temos o direito de emanar a nossa vida neste chão do Brasil.

OS GUARDIÕES

Em um lugar distante de nossa origem, existe um lugar misterioso. Olhando de fora nos remete a uma floresta, mas, ao se aproximar, temos a sensação de uma calma intrigante. É um período chuvoso de fim de ano e 2021 já quase se despede do céu avermelhado ao entardecer do Planalto Central.

Numa manhã de domingo, dois dos meus três netos amados, Terra Tulipa de dois anos e Adan Sud de três, me levaram a uma experiência inigualável, quando os levei para passear naquele “jardim encantado”. Há muito tempo tinha curiosidade de conhecer aquele lugar que já ouvi tantas histórias e a companhia daqueles pequenos comigo, me parecia a oportunidade perfeita. A ansiedade estava perceptível, mesmo antes de chegar ao local e, para nossa sorte, naquele dia fazia um dia agradável e sem chuva.

Passar pelo portão de entrada foi o primeiro passo para nossa aventura, pois no alto do ipê amarelo, ao lado, um belo pássaro azul cantarolava sem parar. As crianças ficaram a admirar por um instante. Continuamos a adentrar por entre as árvores e logo avistamos um gramado na beira de um lago em formato circular. Nos aproximamos e ali montamos nosso pequeno refúgio com todas as iguarias e brinquedos que havíamos levado. Curiosamente, de repente as crianças saíram correndo para a beira do lago. Assustada fui ao encontro deles preocupada que se machucassem, mas ao chegar perto vi algo fascinante. Do meio do lago saía uma luz brilhante que ofuscava os olhos. Depois de muito tempo consegui mirar aquela cena e enxergar realmente o que acontecia. Misteriosamente, voava sobre as águas uma criatura com asas coloridas, cabelos pretos longos e encaracolados e vestida com um longo vestido azul da cor do céu. Era como uma menina borboleta muito pequenina que cabia na palma da mão. Terra Tulipa parecia estar totalmente à vontade quando aquele maravilhoso ser se aproximou dela. Graciosamente, tocou em seu rosto e a beijou.



Nora Pimentel

Eu observava de perto sem interferir, pois senti que não havia nenhum perigo. Adan Sud, aos poucos, foi se aproximando e logo se rendeu ao encanto daquela, que mais tarde, diria o porquê de estar ali. Foi um momento místico! Sentei-me ao lado deles e logo senti um toque em meu ombro e, como num passe mágico, fomos transportados para outro lugar. Mesmo assim senti como se não tivéssemos longe. Foi quando várias imagens começaram a passar em nossa frente como se fossem pinturas. Aquela belíssima pequenina começou a falar de como nosso planeta precisa de ajuda e que a Mãe Terra está adoecendo por causa das ações das pessoas que a maltratam todos os dias. Por isso ela estava ali para buscar pessoas que pudessem ser os guardiões de um tesouro precioso e que em todos os continentes estavam se formando imensos grupos desses guardiões.

Ela abriu sua delicada mão e ali estavam algumas sementes... nos olhamos e ela explicou que aquelas sementes são de uma árvore muito importante para o mundo. É a árvore do vovô ancestral, Makunaimã, o espírito sábio que garantirá os frutos para a humanidade. Essa herança é do Povo Wapichana ao qual meus netos pertencem e sabemos que ao recebermos esse chamado é porque fomos escolhidos com muito cuidado.

Minha tarefa será proteger os pequenos guardiões para que possam compreender e cumprir suas missões, e retornar para casa no fim do dia será só o começo de nosso longo caminho!



Pacha Carbo

E-mail: pachacarrancas@gmail.com

Instagram: @pachacarbo

Meu nome é Pacha Quíchua/Pacha Carbo, de Otavalo/Imbaburra/Ecuador. Nasci em 23 de outubro do ano de 1985. Sou filha de Roger Romeu Requena Fuentes (filha biológica) quíchua, registrada por Hector Alejandro Carbo, também filha de Cintia da Luz Junqueira.

Nascida com corpo não típico, com necessidades especiais, a referência na comunidade de Imbaburra comunidade Andina, e Muisni litoral do Ecuador, tenho em memória momentos de cuidados em comunidade onde tenho esse sentimento presente, cuidado em flores, plantas toque dos encantados.

Na família materna houve sempre o distanciamento (pra mim um marcador importante) de me reconhecer, enquanto indígena em família branca e na sociedade muitas violências, por não ser uma pessoa branca e, também, devido a ser uma pessoa com deficiência. Outra relação forte é com meu nome, Pacha, nome que estou em vida, traz a força do meu povo originário, e na juventude o teatro de luta, proporcionou grandes encontros com parentes na defesa da diversidade e preservação de nossos corpos e territórios. Hoje, sou mãe de Francisco, atuadora (atriz), formada no teatro popular/teatro Ritual e Teatro de Rua/pela Escola de Formação de Atores da Terreira da Tribo do Ói Nós aqui Traveiz.

Em 2006, iniciei o trabalho com Teatro junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Em 2008, fundei, em Porto Alegre, a Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela, trabalhando junto aos movimentos ambientais, aos povos originários e às comunidades de luta.

Em 2010, nasceu Francisco, meu filho. No estado do Rio Grande do Norte. Assim, logo retorno para o Rio Grande do Sul, trabalhando com teatro em CRAS, CAPS I e II na saúde mental e, também, com a população em situação de rua.



Pacha Carbo

Durante 2020, realizei algumas produções áudio visuais, a mais atual é o filme Ritual Ancestral, autorreferência, com música autoral. Hoje, vivo em Natal, sigo em movimento de retomada com as parentas do Mulherio das Letras Indígenas e INDURN, trabalhando com dança contemporânea, GiraDança e Manifestadas, Teatro com o Coletivo Nacional de Teatro do MST, e estou fazendo graduação em Geografia (Licenciatura) pelo Pronera.

Sou educadora social eicineira do Hospital Universitário, no Centro de Atenção Psicossocial, atuei com pacientes usuários de álcool e drogas no CAPS III, em Travesias Canoas, no Rio Grande do Sul. Também fui educadora social no Centro de Atenção Psicossocial CAPS II do Hospital Universitário Canoas no Rio Grande do Sul e, atualmente, integrante do Coletivo de Cultura do MST no Rio Grande do Norte.

Atuo como atriz na Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré. Sou fundadora do grupo Cambada de Teatro “Ação Direta Levanta Favela” e já fiz parte do grupo de teatro “Tá na Rua”, do RJ, que tem intercâmbio com o grupo de teatro União e Olho Vivo-SP.

PACHA

Nasce, na linha imaginária
vinga, nas entranhas da terra
viva, na alvorada
pipa solta, matriz,
o-r-g-u-l-h-o-s-a-m-e-n-t-e TORTA!
Olhos acesos em estado de alerta
repleta de dor... feridas concretas.
Moro em mim... e assim atravesso!
Reconheço confesso... meu salto do avesso. Ter floresta feroz.
Nascer... narrativa agressiva.
Brotar no sangue, florescer na saliva.
Riso que é flora.
Meu corpo é a raiz doce.
Dança, lança, lama, vento, punhal.
Mar... Luta!
E não arrego pra nenhum dentro da gruta.
Mergulhada nas nascentes não. espero as despedidas
Onde habito
Transito
Dou licença ao desconhecido
Sigo forte
Me valido
Sou capaz e intimido
Não tô aqui pra te agradar
Quero muito mais
Tudo o que me foi negado
Trazer o meu Povo manifestado
E a bravura de meus ancestrais



Perpétua Suni Kukama

E-mail: perpetua.cerqueira@hotmail.com
Instagram: @perpetuasuni

Sou Perpétua Pereira Cerqueira, do povo kukama. Nasci na aldeia Recreio, no Alto Solimões, no Amazonas. Sou neta de curaca (pajé) de pai e mãe. Sou a única filha mulher da senhora Claudina Pinto e do Senhor Cristovão Cavalcante. Quando eu era criança, brincava muito com meu irmão, ao redor do fogo, feito pelo meu avô Ricardo, enquanto ele contava vários relatos da sua vida.

Depois, fomos morar na aldeia Maria José, no Rio Iça. Trabalhei com meus pais na roça, pesquei e cacei com meu irmão. Fiquei lá até meus 20 anos. Por ser filha mulher, eu não podia sair da aldeia, mas o desejo de estudar era grande. Eu queria morar na cidade para poder me dedicar aos estudos. Por isso, fui morar e trabalhar na casa de uma família na cidade para ver se conseguia estudar.

Com 21 anos, ainda não sabia ler, mas cursei o Ensino Médio e, depois, a faculdade. Sou liderança do meu povo, mulher ativista na causa, meu nome indígena é SUNI. Tenho formação de bacharel em Biblioteconomia (2010), Especialização em Biblioteca Escolar e sou mestranda em Antropologia Social, tudo cursado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



Perpétua Suní Kukama

LIBERDADE

Estou na Praça da Liberdade e fico a me perguntar: liberdade dada ou conquistada? Há sim liberdade de coisas bonitas para eles lucrarem. “**cunhã poranga**” é o encontro das águas, espetáculo da natureza. Mas, tento focar no que quero falar: dos massacres dos capacetes ou do encontro das águas, espetáculos da natureza.

Vou aproveitar para falar sobre os assassinos dos indígenas, Pedro Teixeira, Pizarro e o Santo Inácio de Loyola.

A Amazônia é linda, cheia de beleza, mas há séculos, os brancos roubam as nossas riquezas e matam os povos originários. Eles se chamam de civilizados, mas praticam racismos e fascismos, movidos pelo capitalismo. Em vez de preservarem a natureza, prepararam a colônia para ser saqueada, humilhando e roubando nosso povo.

Por isso, vou usar o microfone para lembrar do sangue indígena e de nossa caminhada pelo Amazonas, da luta de Dandara e de Zumbi, que também estão vivos por aqui.

Nossa liberdade foi roubada pelos europeus e, depois, pelos americanos. Por isso, vou lembrar: Ajuricaba Siepé tiaraju, Pedro Inácio e a cacique saterê e a imortal Bacu.

Assim, a retomada indígena define que devemos ler e estudar, mas não os autores de livros da moda. Precisamos nos formar, informar, buscar, observar e analisar tudo para termos uma consciência crítica, e não ingênua, sobre a realidade da nossa nação indígena. Precisamos usar a liberdade para lembrarmos do baiano, filho de Italiano com negra, que por ela morreu: Marighella.

Uê, vixi! Não me tiraram o microfone? Então, vou falar: Aqui já existia o quíchua, o tupy, entre tantas outras línguas. Hoje querem enfiar o inglês. Podem matar alguns mapuches, podem matar alguns pataxós, “pero nunca deteran La lucha de libertacion de Aby Ayala”.



Potyra Terena

E-mail: potyraterena@gmail.com

Instagram: [@potyra_terena](https://www.instagram.com/potyra_terena)

Desde meus tempos de menina sempre soube que pertencia a uma etnia, a um povo com história de luta e resistência que, primeiramente habitavam o Paraguai, e depois ocuparam o estado de Mato Grosso. Minhas raízes advêm de lá!

Mesmo nascida em Brasília, sempre tive alguns ensinamentos, pois meu pai escolheu essa cidade para viver, mas recebia a visita dos meus avós e fazia viagens juntamente com os missionários da igreja, que prestavam apoio, levando roupas e alimentos e o convívio fortaleceu os laços sanguíneos. Só depois de muitos anos de luta é que o território indígena de Mato Grosso foi reintegrado ao povo Terena, onde alguns já haviam morrido e outros se deslocaram para outros estados.

Eu sempre escrevi desde os primeiros rabiscos. Na minha adolescência participava dos concursos de redação e lia muitos livros de diversos assuntos. Tenho muitos poemas e histórias escritas no meu acervo pessoal, mas que nunca foram publicados. O que me motiva a escrever é poder relatar histórias que ouvia oralmente, pôr a minha essência nos escritos com o meu “toque”. A escrita me fortalece nos vários contextos sociais e político, porque através da leitura há um alcance nos diferentes espaços territoriais e vários leitores se apropriam do conhecimento ancestral.

Por muito tempo as mulheres tinham outras tarefas, pouco espaço para expor e falar das várias violências sofridas. Mulher é território que gera, que frutifica. Assim podemos registrar inicialmente muitos assuntos como forma de luta, principalmente pela demarcação de nossas terras que é essencial para nós, porque não existe território se não existir um povo. Somos território porque somos povo, mesmo não estando nas aldeias, porque origem não se apaga!



Potyra Terena

Mesmo morando em Brasília, contemplo os desafios enfrentados, bem como as vitórias, as garantias na educação e na saúde. Compreendo a importância da minha contribuição em tudo isso, por isso para superar algumas dificuldades me esforcei para vencer através dos estudos. Hoje sou formada em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar, Letras-Libras, Artes, Gestão Ambiental e pós-graduada em Ensino Especial, Psicopedagogia Clínica e Institucional, Gestão Pública e atuando como professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, há 22 anos.

Atuo ainda no Conselho Indígena do Distrito Federal, em conjunto com outros parentes de diversos povos, como representação das demandas e busca de melhorias, também na Associação Cultural Manuru Paunary, organização fundada por um mutirão de amigos com o objetivo de fortalecer e dar mais visibilidade para as diversidades indígenas no DF e suas contribuições para esta sociedade.

Aqui assino como Potyra Terena, que significa flor na língua Tupi Guarani, pois é assim que me identifico e prefiro ser reconhecida.

ANCESTRALIDADE PRESENTES NOS BIOMAS

Somos mulheres originárias
Estamos na Amazônia, Caatinga,
Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal,
A nossa cultura ancestral.
Em nós existe terra, água, ar e fogo,
São elementos de nossa essência
Porque desde o tempo da coroa já vivíamos em resistência.
O cocar e a tiara enfeitam nossas cabeças
Adereços de grande beleza que compõem todo o cenário da natureza.
Nossos nomes de etnias e costumes diferentes,
Nossas danças e pinturas reforçam a nossa identidade
Única e sem igual porque não tem idade essa brasilidade.
Onde quer que vivamos somos território nacional
Um patrimônio cultura anticolonial



Rosinha Kapinawá

E-mail: rosa.s.antunes70@gmail.com

Instagram: [rosangela.antunes520](https://www.instagram.com/rosangela.antunes520)

Meu nome é Rosângela Antunes Silva, sou filha de Otacílio Antunes Silva e de Aguida Silva. Sou neta de Quitéria, por parte de mãe e Maria Rosa, por parte de pai. Essas são as mulheres que me antecederam e que são as minhas mentoras, e o exemplo de mulher da minha família. A minha vó Quitéria era uma mulher centenária, com mais de 102 anos, quando partiu de forma lúcida. Minha avó Maria Rosa, na qual falarei neste livro, era uma guerreira Kapinawá da cidade de Buíque – Pernambuco.

Grande parte dos meus familiares ainda permanecem nessa região, na serra do Catimbaú. Nasci na cidade de Arcoverde, a 10 km dali.

As tradições da minha ancestralidade indígena se concentram na minha infância. Com um ano de idade, fomos morar em Paulo Afonso, na Bahia, mas sempre retornávamos à casa da minha avó Maria Rosa Kapinawá.

Dançávamos o Toré, conheci os Encantados. Minha avó usava cachimbo e havia muitas rodas de conversa ao redor da árvore sagrada. Minha avó era raizeira e até hoje eu passo essa tradição para os meus filhos e amigos.

Eu tenho três filhos, Giann Augusto, que mora comigo, tem 18 anos. A mais velha se chama Irmã Andressa, de 27 anos. O meu filho do meio, Anderson, tem 23 anos. Tenho 52 anos e me sinto uma mulher urbana indígena. Hoje tenho como bandeira o ativismo social e o ativismo político.

Sou formada em Secretariado e fiz dois anos de Ciências Contábeis. Já fui assessora de prefeito no estado de São Paulo. Aos 19 anos, fui escritã na Bahia e no estado de São Paulo. E foi daí que veio essa vocação para a escrita. Tenho muitos textos guardados, mas nunca publicados.

Sofri 26 anos de violência doméstica pelo meu ex-marido e, se estou viva hoje, é porque como guerreira indígena também lutei contra essa opressão, e vivo a defender nossos costumes e nossa sobrevivência, nesta terra que pertence ao povo originário deste País.



Rosinha Kapinawá

A SERRA DA MINHA EXISTÊNCIA

Serra do Catimbau no meu Buíque, cidade acolhedora em um dos mais belos estados do nosso Nordeste brasileiro. Nasci em Arcoverde – PE e minha vovó paterna, guerreira MARIA ROSA, me mostrou na infância, o quanto a união familiar é importante para manter as tradições e o respeito à nossa ancestralidade.

Lembro de vê-la contando as histórias de inúmeras situações que ocorreram dentro do Catimbau onde os encantados, na dança do TORÉ, avisavam da importância de preservação das nossas terras, e que aquele lugar é sagrado para a nossa existência espiritual e da transição de centenas e milhares de povos, que aqui existem até hoje.

Vovó com seu cachimbo tradicional pitando, e eu na rede me balançando, ela dizia “o seu pai Otacílio Antunes, trouxe à terra somente você de filha para que os nossos parentes saibam que a Força da existência começa pela mulher e o quanto você é Sagrada para todos nós, como prova de que mesmo ele querendo muitos filhos, DEUS (TUPÃ) permaneceu fiel, nos ensinando que de uma única menina iríamos ser reconhecidos fora de Buíque, pelo mundo afora”.

Me emociono, porque as palavras de vovó se cumpriram e hoje sou uma ativista, lutando para que nossos povos sejam de fato respeitados e que nossas terras sejam demarcadas.

Faço minha homenagem à minha vovó MARIA ROSA, querida e eterna, que me ensinou a amar mesmo na dor e a ter esperança de um futuro melhor para todos os povos originários deste país.

Buíque e Serra do Catimbau, local em que meu povo tem o sangue derramado na terra, como prova de resistência.

MULHER ANCESTRAL!

Mulher Indígena Ancestral que nos traz conhecimento e resistência.

Somos divindade na conjunção do amor com a força do universo.

Extraordinária em tudo que fazemos com nossa Mãe Terra.

Nossa cultura é fascinante Fácil de aprender, apenas se desprenda de tudo que aprendeu e mergulhe no infinito do conhecimento Indígena.

Vivemos festejando a vida e com muita fé que somos parte da natureza divina. Nascemos jardineiras desta terra, com as mãos cuidamos da essência planetária. Sou mulher majestosa Kapinawa, enviada pelos Encantados para exercer o poder neste planeta incrível e exuberante.

Me orgulho de ser Indígena e com minhas parentas, mantemos a energia do amor que sustenta a vida.



Sineide France

E-mail: sineidealbuquerque7@gmail.com
Instagram: @sineidefrance

Sou Sineide Albuquerque do Nascimento France – Kapoí pa Makuusi, pertença ao Povo Macuxi de Roraima norte do país. Nasci na Unidade Mista da cidade de Carpina, no estado de Pernambuco.

Desde criança, sempre gostei muito de ler e escrever sobre tudo o que inquietava. A vida na cidade de Igarassu, onde residimos por sete anos, era desafiadora. Nessa época essas eram minhas preocupações como menina. Ajudávamos minha mãe em todos os afazeres, com quatro filhos e muitas obrigações, ela nunca nos deixava sozinhos. Aos 11 anos de idade retornamos para a cidade de Carpina, fui deixando de escrever em meus pequenos cadernos, devido a tantas demandas da vida.

Com 17 anos ingressei na Universidade no curso de Pedagogia, o desejo de ser professora prevaleceu. Passaram-se anos, como profissional de educação, o destino colocou-me com os parentes Fulni-ô, em um evento na escola que trabalhava, em 2007, senti algo estranho naquele momento - a vontade de estar com os meus, repassar a cultura no meu ambiente de trabalho, iniciar a desconstrução de que os povos indígenas vivem nas florestas, sem contato com o mundo. Iniciei o trabalho com textos indígenas até os dias atuais, desperto a vontade do saber, do conhecer os povos originários e tenho alcançado bons resultados na sala de aula.

O encontro com meu povo aconteceu no ano de 2020, em meio à pandemia do Covid-19, recebi no celular a mensagem sobre o curso de língua materna macuxi, fiquei inquieta e fui procurar o tio Severino, sabia que a vó que encantou é indígena, mas não tinha ideia da etnia, sempre silenciosa, a vó não falava do seu povo, nem da língua macuxi. Quando recebi a confirmação do tio, foi como flecha certa lançada no meu coração. Realizei a inscrição, contei minha história para a organizadora do curso e junto com as professoras indígenas, começaram a procurar pelos parentes.

Apenas a vó havia saído da comunidade em Roraima, se distanciando do nosso povo, das origens. Poder fazer esse resgate na família me deixou com o coração apertado, ansioso, com vontade de buscar pela ancestralidade. O coração só parou de arder, no momento que pisei em terra indígena e aprendi com as manas a sabedoria dos ancestrais, o registro da escrita em meus pequenos cadernos reacendeu. Desde então tenho escrito para acalmar o coração e sentir-me mais perto dos parentes.

Atualmente, sou professora de língua portuguesa, coordenadora pedagógica, pesquisadora de literatura indígena, autora participante de coletânea, mestranda pela UPE.



Sineide France

SOU INDÍGENA, NATIVA, ORIGINÁRIA

Sou indígena, nativa, originária
Tenho a ancestralidade dentro de mim
Sinto o pulsar dos encantados
Da maama natureza
Do grande amooko, percorrerem
Em minhas veias

Sou indígena, não sou índia
Esse nome foi me dado
Pelo karaiwa, que se apoderou
Das riquezas da terra
dos meus ancestrais
Meu povo é do lavrado
Das serras
E domina uma sabedoria
sem fim!

Sou das histórias da kaikusi
E do wayamuri.
Dos cantos, dos ritos
Do parixara e do tukui
Sou das pimentas
Da damurida
Do pajuaru
Da piaba com farinha
E do caxiri

Sou indígena, nativa, originária
Wanî Kapoi'pa Makuusi !

Glossário

Amooko: avô

Kaikusi: onça

Kapoi'pa: lua

Karaiwa: não indígena

Makuusi: macuxi

Wanî: sou

Wayamuri: jabuti



Sônia Wajãpi

E-mail: ainosmoyrama@gmail.com

Instagram: @soniamoyrama.44

Sou Kauacy Wajãpi, conhecida como Sônia Miranda, filha de Maria Célia Cardoso e Cauã Moiyrama Wyampi. Nasci em Mairi território indígena, invadido e urbanizado, chamada de Belém do Pará.

Tenho 45 anos, sou divorciada, Técnica em Enfermagem, atriz, arte educadora e recriadora cultural.

Me reconheço como afro e indígena, filha de descendentes negros e indígenas, militante há mais de dez anos, luto pela causa indígena e negra que são minhas bases de existência nessa sociedade.

Traduzo, na escrita, as minhas dores, descontentamentos e dissabores da vida, que vivi até hoje. Reconheço a minha escrita como poesias militantes, que expressam como se sente uma guerreira urbana, perante a luta contra a colonização e o preconceito da população ao nosso conhecimento ancestral de cura pelas ervas.

Percebo o quanto as mulheres indígenas são discriminadas pelas características físicas, pelos costumes e cantos e pajelança. E ainda, não são respeitadas no direito de se declararem indígenas, por viverem na cidade.

Principalmente, no que se trata de ser mulher que, para muitos, é um sinal de fraqueza, é um estigma de fragilidade e exclusão de oportunidades. O que fere profundamente e insulta a capacidade de toda mulher, que é tão inteligente e capaz como qualquer homem, é que eles acham que podem calar e manter a mulher subordinada.



Sônia Wajãpi

Também sinto na pele que o colonialismo deixou o câncer patriarcal nesta sociedade, que enquadra as mulheres sem direitos de pensar, de decidir e de comandar ou de opinar sobre si e sobre o seu corpo.

A minha escrita é um refúgio, meu divã e uma forma de resistência sobre as imposições que me violentam todos os dias a todo momento. É na escrita que consumo todos os meus medos, os meus gritos e realizo os meus voos como guerreira destemida que pode alcançar lugares e espaços, que as minhas ancestrais não conseguiram.

Estou ciente que sempre haverá alguém para me subestimar e me desqualificar, por ser mulher, mas terá que me aceitar em todos os lugares de destaque, porque sou filha da Mãe Natureza e sou parte dos meus ancestrais, que lutaram para que eu estivesse aqui escrevendo uma nova história.

Apropriar-se do direito de ser quem sou, de estar onde eu conquistar, é meu direito social e histórico e ninguém está fazendo favor por isso.



Sônia Wajãpi

A DOR DO PORQUÊ

No encontro comigo mesma, busco desesperadamente
uma resposta.

Só não sei se ao ouvi-la ficarei feliz ou triste.

Minhas dúvidas e incertezas.

Minha certeza é evasiva.

Será que ao encontrar comigo, me reconheceria?

Num tempo, espaço ou lugar,

A história seria a mesma?

As dúvidas existiriam?

O tempo seria meu inimigo ou meu aliado?

Não busco respostas difíceis, nem riquezas escondidas.

Busco o direito a resenha do passado escondido;

Do direito roubado,

Do sorriso sem sentido,

Do choro da saudade,

Do ensinamento inibido.

Sinto-me uma lenda dentro do meu mundo.

Onde construo minhas respostas fundadas nas saudades

De algo que não sei o que é.

Sinto uma fúria dentro de mim, um choro contido.

Um grito engasgado;

Uma ferida sangrando no meu abismo de dúvidas.

Buscas e desejos.

Então um desespero se faz. Uma lágrima rola.

E no sussurro ecoa a dor, de uma linha tênue entre.

O que foi, o que é ou que será

Não te peço que me devolvas o que me roubastes.

Mais te aviso que não me impeças de ir buscar,

O que preciso.



Taí Tuwi'xawã

E-mail: taiza.nunes@academico.ufpb.br

Instagram: @tai_tuwixawa

Meu nome é Taíza Nunes, meu nome indígena é Taí Tuwi'xawã, uma EtnoPoetisa, que nasceu no Cariri Paraibano, mais precisamente na comunidade do Picos, situada no município de Taperoá - PB.

Sou professora, arte-educadora, pesquisadora, mestranda em Ciências Sociais pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

A minha pesquisa gira em torno dos temas: etnicidade, saúde indígena, decolonialidade, gênero, política, cartografias afetivas, espiritualidade indígena, línguas nativas, etnopoiesia, território, memória, patrimônios culturais, corporalidade e feminismo comunitário.

Faço parte do grupo de pesquisa RERUMOS (Religião, Realidades e Movimentos Sociais), da UFCG e do grupo de pesquisa, ensino e extensão Devires-UFCG. Também sou coordenadora do grupo de Literatura Indígena da Paraíba, onde desenvolvo a arte etnopoética.

DO ALTO DA SERRA AVISTO O CÉU DO SER CARIRI

Do alto da serra, onde agora piso e onde é plantada a raiz da minha ancestralidade, desde os tempos memoriais, avisto o céu, horizonte da nossa indomável alma sertaneja...

Avisto, também, águias que rodopiam o céu, e lá dançam com o vento calmante, desta tarde de verão no cariri.

Agora as árvores perdem as folhas, e daqui de cima, se avista o branco da mata da caatinga, que de tão forte e resistente, muda a cor, a casca do tronco da jurema se engrossa com mais firmeza, e os rios e riachos secam, para esperar as águas que não demoram a chegar, trazendo vida para o semiárido sagrado na próxima estação.



Tai Juwixawã

Sob as asas das encantadas águias toronto, o dourado dos raios solares, se faz presente e colore a plumagem daquelas mensageiras divinas.

Elas dançam no horizonte sem fim, sem fronteiras ou cercas. Desafiam o rodopio dos ventos e a altura imensa da serra, para povoar minha existência de sutileza. Coisa rara para quem nasce na força de um chão rachado, que vive pisando sob as pedras e lajedos espinhosos da caatinga.

Nós não temos a opção de fragilidade. Pisamos com esperança na folha sagrada da mãe Jurema. Somos a semente que germina na terra seca, somos o umbuzeiro que guarda água na raiz para sobreviver ao tempo seco.

Nossa pele tem profundas cicatrizes, as invasões, a violência de uma terra invadida pelos currais e pelo coronelismo, o genocídio do nosso povo acontece todo dia, quando meu avô tinha que dividir, a colheita de milho e feijão para o “dono da fazenda”. A frenética colonização dói, o epistemicídio mata nossa cultura, nosso espírito.

A nossa ancestralidade não se agrada com a proibição dos nossos ritos sagrados, que empata a manifestação divina da nossa espiritualidade. O arame farpado tenta nos impedir de chegar perto do cumarú, do jenipapo e do urucum, mas nossa alma é imortal e não se dobra às ameaças de garimpo ilegal.

Nossa alma é ancestral, e decide transformar a dor em resistência. A nossa fúria é valentia de caboclo, pé na terra e coração em sintonia com o céu. Muitos de nossos ancestrais tombaram na luta, se ancestralizaram, mas nunca desistiram de lutar pela terra prometida de são saruê, que cria, alimenta e cura.

Diante do medo, coragem! Seguimos sendo um povo valente, de luta e presença ancestral. Vivemos cantando nossos toré e chacoalhando o maracá para convocar a força dos encantados, que está em todo lugar, nos protege e guia nesse território, corpo, alma e natureza. Cada partícula da mata nos habita e nos convoca, somos ela também, vestidas de penas e palhas de karuá, seguimos os antigos ensinamentos.

Sonhamos em poder viver e existir com dignidade nessa terra, que hoje chamam de Brasil, mas sempre foi Pindorama. Nossa gente sonha em poder cantar, dançar, e ritualizar a existência, como a águia que sobrevoa o céu da serra, perto da pedra furada. Queremos que as dores se dissipem e a ferida cicatrize, o horizonte se abra dentro e fora de nossos corações.

Que a terra que é nossa por direito seja reconhecida, demarcada, preservada e respeitada, como uma entidade de força viva e atuante.

Que nossas palavras sejam ouvidas como rezos, para quem possa ouvir. Que possamos florescer para brotar, dentro e fora de nós, força, ancestralidade e amor.

A NATUREZA GRITA, PAREM E OUÇA! RESPEITE A VOZ DA NOSSA ANCESTRALIDADE.



Tayná Cá Arfer Tuxá

E-mail: tuxatoide@gmail.com

Instagram: @taynatuxa

Me chamo Tayná Cá Arfer Tuxá, indígena do Povo Tuxá Aldeia-mãe de Rodelas-BA, nascida em maio de 2007, estudante do Colégio Estadual Indígena Capitão Francisco Rodelas. Sou filha de uma raiz matriarca forte, o meu corpo e espiritualidade carregam a ancestralidade e o pertencimento de uma identidade de um povo originário.

Na aldeia aprendi as formas de expressão, a participação ativa na nossa luta diária. Encontrei na escrita uma maneira de levantar a voz, de gritar e assumir essa responsabilidade. Num mergulho nos saberes de nossa história, que a escrita me surge como ferramenta de luta, onde nasce um projeto de minha autoria intitulado como “Tuxá Toidé”, que em dzubukuá, língua ancestral do meu povo, significa “Tuxá resiste”.

Em meio a essa necessidade, publico minhas produções nas redes sociais, tentando nesse espaço trazer em versos, saberes de resistência e vivências como uma das raízes desta terra. O meu objetivo é promover, a partir dessa ferramenta, a representatividade da juventude indígena, lutando por meio da arte.

BUYEHOHO ANATSE (CORPO NATUREZA)

Corpo maltratado, sem socorro, violado.

Ainda repetem o inventado,

“Pega no laço”, eles disseram com orgulho do sofrimento,

Assistindo a dor e lamento.

Se sua descendência não lhe mostra a verdade,

Então repete mentiras que apagam minha identidade.

A descoberta do já habitado, um cenário estereotipado, caricato.

Me escondem em meio a espelhos, barcos e selvagens.



Tayná Cá Arfer Tuxá

Reproduzindo o que Cabral dizia, fez estátua pra quem morrendo me via,
Enquanto meu povo lamentava, você ria.

Nos banhos de lágrimas, minha floresta caiu diante de suas máquinas.
Pelo seu capital, seu pacto colonial, seu marco temporal.

Um folclore que me demoniza, uma política que não me valoriza, um livro de história
que não me visibiliza.

O que minha cara diz sobre mim? Se não tenho tom de pele avermelhado, nem meu
olho é puxado, se meu cabelo é cacheado?

Se me chamam de “índia branca”, “invenção”, “incutimento”,
Refazendo o seu encobrimento.

Se minha existência não conta como vida valiosa, então destrói minhas raízes,
demoniza minhas matrizes.

Karái poñubuctu widé tayu (não indígena ignorante busca por dinheiro),
Anli uide coto hiradda, dehen netso liedse umah (aquele que rouba minha terra, tam-
bém assiste a floresta queimar).

Se seu ouro vale mais do que meu sangue derramado, então me assiste sofrer
pensado no lucro gerado.

O que sou para você então, colonizador? Se tentou me salvar com sua catequização e
matou milhares pelo seu “bem cristão”.

Meu rio já não é mais o mesmo, porque sua barragem não deixa que lhe corram ondas
vivas.

Mas a natureza que me habita, não se mata, não se dizima.

Não se apaga o que a terra guarda, nem aquilo que A Grande-Mãe ensina.

Não pode me tirar aquilo que meu povo me ensinou, tudo que minha avó me contou.

Sua intimidação não vai parar a minha revolução, a minha voz é demarcação.

Glossário

Tetsi crodse, buyehoho anátse (mulher forte, corpo natureza),

Nuñe do bucleke deho me (protegida por urucum e jenipapo).

Hiba katsiho (eu estou aqui),

Tuxá toidé ani tsoho (Tuxá resistir para existir)



Jayná Cá Arfer Juxá

PENEHO HABIHAN

(Diante da verdade)

Quem sou eu se já me inventaram tantas vezes que esqueceram da minha história?

Em que águas me banho se represaram minha memória?

Essa terra pisada por força ancestral

Eles encobrem com tudo que é colonial

Demonizam e calam meu tradicional

Usam meu cocar de decoração

Dizendo que eu entrei em extinção

Me exigem pureza desmatando minha natureza

Me expulsam de meu próprio chão

E eu resisto exigindo em cada suspiro por demarcação

Se orgulham de um falso Brasil

Escondendo a verdade que você não viu

Apagam, invalidam, matam de novo

Perseguem nosso povo

Me esquecem no passado como se o presente não nos pertencesse

E o futuro que nos negam, como se semente não florescesse

E eu questiono até quando nos negam o direito de viver

Até quando ditam o que eu posso e não posso ser?

Tem território sendo invadido nesse momento

E ainda disfarçam com descobrimento

Tentam nos salvar com etnocídio

E ainda não enxergam o genocídio

Meu povo diz “avance!” e nós avançaremos

Com a força dos encantados, resistiremos

Floresta respondendo, rio manifestando, terra absorvendo, fogo iluminando.

Que seja revolução, fumaça de orientação, parte da mata vivendo na urbanização.



Tayra Kambeba

E-mail: larissacruz314111@gmail.com

Instagram: @taissakambeba

Me chamo Taissa Silva da Costa, nasci no ano de 2010, na comunidade indígena tururukari-uka, localizada na estrada metropolitana de Manaus, Amazonas, no município de Manacapuru. Pertencço ao povo Omagua/Kambeba, com o qual eu busco a manutenção em registro das tradições da cultura do nosso povo.

Comecei a escrever poemas com apenas sete anos de idade com o apoio de meus pais, que são os maiores influenciadores de minha trajetória.

Sou muito conhecida nas escolas da região por me destacar nos campeonatos de leituras e comecei a recitar poemas da Márcia Wayna Kambeba, no ano de 2019, onde ela escreveu o seu primeiro livro de poemas voltado ao seu trabalho na aldeia, desde então, ela se tornou uma grande inspiração para eu fazer os meus próprios poemas, sobre a luta dos povos indígenas do Brasil e o futuro do meio ambiente.

Onde eu puder recitar os meus poemas, sinto-me muito orgulhosa, apesar de ser tão pequena ainda, tenho um sentimento de compromisso e responsabilidade voltados para a manutenção da natureza em pé.



Jayra Kambeba

MINHA ORIGEM KAMBEBA

Sou filha de mapiri-tua, filha da mãe da mata, trago em minhas veias o sangue do povo Omagua.

Não tenho vergonha das minhas raízes e tenho muito orgulho de ser do povo Kambeba, descendente de um único povo das águas.

Sou kambeba, sou guerreira do povo Omagua, carrego meu arco e minha flecha para lutar contra o may tini.

Que Tupã me deu a força de erguer minha cabeça e agradecer, porque sou uma criança guerreira!

Glossário

May Tini: homem branco. (Tronco tupi amazônico. Língua Omagua/Kambeba)

INDÍGENA KAMBEBA

Sou indígena kambeba,
Os meus traços são de um povo que sempre lutou pela união.
O meu arco e a minha flecha sempre carrego como missão
De garantir ao homem branco,
Que em minha terra só entra com a minha permissão.
Sou pequena, mas sou guerreira!
Tenho uma missão de lutar pelo meu povo dessa nação,
Com o som do meu maracá invoco os espíritos da mata,
Para proteger o povo da cabeça chata!

POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Passe o tempo que passar
Porém nunca vamos nos calar
Seguimos os nossos antepassados
Que nunca deixaram de lutar
Todos os anos no mês de abril
Arrumamos as nossas delegações
Para chegarmos em Brasília
Num propósito e uma só missão
Com os nossos Maracás, arcos, flechas,
Tambores e lanças, fazemos a nossa manifestação.
Na luta pelos nossos direitos
Através de nossas danças e clamores
Falamos de uma só voz:
Demarcação já!
E ao garimpo dizemos *não!*



Telma Tremembé

E-mail: telmatremembeescritora@gmail.com

Instagram: @telmapch

Eu, Antonia Telma Pacheco de Oliveira, nascida em 06 de julho do ano de 1972, em Fortaleza – CE, sou filha de Francisco Pacheco de Oliveira e Bernadete Pacheco Martins, mãe de Beatriz Pacheco Augusto Aristoteles, e casada com Anderson Branger, conhecida por Telma Tremembé/ Tãmba Tremembé, sou indígena do Povo Tremembé do Ceará. Sou escritora de dois livros: o primeiro, publicado em setembro de 2018, pela editora Aprender, e o segundo, em 2021, pela editora Caixeiro Viajante de Leitura.

A obra “Raízes do Meu Ser: Meu Passado - Presente Indígena”, é uma auto pesquisa biográfica, tendo dois textos retirados e adaptados pelo sistema master de ensino, para um livro didático da 2º ano do ensino fundamental, com o título “Na casa da vó “. O mesmo conta com a coautoria de minha filha, Beatriz.

O segundo é o Livro sem Letras, uma obra inclusiva para idosos que não sabem ler e pessoas com dificuldades cognitivas para a leitura, contando novamente com a coautoria de Beatriz. Os dois livros foram publicados com recursos próprios.

Também sou formada no Curso Técnico em Contabilidade, em 1993, pela Escola Normal Justiniano de Serpa, Formação em Patrimônio Cultural e Alfabetização Museológica, pelo Instituto Intervalo, em 2017, com Formação de Mediadores de Leitura pela Universidade aberta Demócrito Rocha, em 2019.

Estas próximas formações fiz para enfrentar questões no sistema convencional de saúde mental, por ser paciente do CAPS e sofrer com questões relacionadas à espiritualidade, que trago comigo: Formação Bem-Viver, Saúde Mental Indígena, pelo Instituto Fio Cruz Campus-Manaus, em 2021, Formação “O fazer da saúde indígena”, pela Universidade de São Paulo (UNIFESP) e Universidade aberta do SUS (UNASUS), em 2021.

Sou contadora de história nata, como diz minha filha Beatriz. Sou, também, artesã e atleta indígena, nas modalidades arremesso de lança e arco e flecha, ministrante de palestras e oficinas, fui membra do FLLEC (Fórum de Literatura, Livro e Leitura do Ceará), de 2017 a 2018.

Pratico a agricultura familiar, sou voluntária do Greenpeace Ceará, militante da natureza, da causa indígena e da igualdade racial por uma sociedade mais justa e igualitária.



Telma Tremembé

O PAI DA MATA

Minha mãe precisava fazer uma travessia pela mata para atender um mandado de seu pai, meu avô Miguel.

Foi neste dia que ela se encontrou com o “pai da mata”, um protetor da natureza, que chamamos de encantado.

Quando ela estava passando na mata fechada, ouviu um assobio, virou a blusa pelo avesso imediatamente e subiu num pé de catingueira, se agarrou na árvore como um bicho-preguiça. Quase nem respirava de tanto medo, pedindo ao pai Tupã que o Pai da Mata ou fosse o que fosse, não a visse e nem a escutasse e que ela se tornasse invisível.

Já era noite, o que piorava a situação, embora o clarão da lua e o breu da noite ajudassem a se esconder. Cada vez mais, o som se aproximava, mais e mais. Via os galhos estalarem e as árvores a se mexerem. Ele vinha abrindo caminho entre as árvores, quase do tamanho delas, alguns parentes já tinham visto ele de longe e suas pegadas, tinham certeza de que só podia ser o pai da mata.

Quando olhou, mesmo com medo, viu um homem gigante, vermelho, de chapéu esfarrapado, os braços pareciam duas toras, ele deu um assobio como se fosse um grito, nunca ouviu nada igual. Ela estremeceu e ficou com um zumbido nos seus ouvidos.

Quando criou coragem e abriu os olhos, viu o enorme rosto dele, com um olho grande e como um espelho d’água, tinha certeza de que ele a tinha visto, sentiu seu medo em seu coração, chegou a pensar que ele se comunicou com ela, de repente ela pensou: “agora estou perdida ele vai me arrancar daqui e vai me engolir”.

Ele chegou bem perto, deu as costas, e foi se afastando. Minha mãe disse e contou que “achava que não ia conseguir se desapreguar da árvore”. Ela passou horas para conseguir descer e nunca mais viu o pai da mata.

Telma Tremembé.

Esse conto compõe as memórias da minha mãe Bernadete, saberes ancestrais e o respeito com a natureza.



Vanessa Ratton Guarani Mbya

E-mail: vanessaraton@gmail.com

Instagram: [@vanessaraton](https://www.instagram.com/vanessaraton)

Quando nasci, meu pai, Tabajara Toledo Campos, descendente de Guarani Mbya, queria que meu nome fosse Jussara, mas minha mãe Elisa Corrêa, quis o nome de uma atriz famosa, e assim eles me batizaram de Vanessa.

Eu tenho sangue indígena tanto por parte de mãe como por parte de pai. Também sou descendente de italianos e deles sei toda a história, desde a região dos meus avós até os cantos e histórias da família, que aqui chegou fugindo da guerra, mas nada sei da minha ancestralidade indígena.

Todos têm orgulho de contar a sua origem, mas como muitas outras famílias brasileiras, nada sei dos meus antepassados indígenas.

Não sei a descendência do pai da minha mãe, apenas que era do interior de São Paulo, da cidade de Laranjal Paulista, e que meu bisavô era indígena. Assim veio o nome do meu tio Athanazildo, (não sei se a grafia é correta, mas está assim na certidão) que, segundo minha avó, significa “pássaro que voa”.

O pouco que sei da família paterna, foi contado por meu pai, que dizia que nosso antepassado era da aldeia de Bertioga e foi “adotado” para não dizer roubado por portugueses da Bertioga, litoral de São Paulo, onde ainda existe uma aldeia Guarani Mbya.

Todas as vezes que eu me deparava com objetos indígenas ficava encantada. Minha mãe dizia que eu, quando pequena, falava com o mar, eu sempre gostei de pássaros livres, soltava todos das gaiolas, e estava sempre que possível, descalça. Respeito a Natureza, gosto de ouvir o vento, de sentir o sol na pele e do cheiro da chuva.

Quero saber mais sobre minha origem indígena e sofro desse silenciamento, sofro de apagamento histórico. Hoje entendo que toda a riqueza ancestral que me foi negada, tomada, me faz sofrer de identidade. Sinto um grande amor pela riqueza cultural que me foi arrancada, deixando um vazio, um sentimento de não pertencimento ao todo, como se faltasse alguma parte do quebra-cabeça de quem sou.



Vanessa Ratton Guarani Mbya

Sempre fui uma guerreira das palavras. Escrevo para resistir e existir. Em diversos textos falo das lendas indígenas, falo da importância da preservação da natureza, falo da valorização da cultura dos povos originários, como se tivesse uma necessidade de emergir a voz dos ancestrais que foram silenciados.

Estou perdida da minha aldeia, mas ouço um chamado. Vou atrás de uma parte de mim, preciso reencontrar a minha essência. Estou em retomada!

Por isso, estar neste grupo do Mulherio das Letras Indígenas é maravilhoso. Me unir à luta pela preservação das florestas, das matas, rios e mares, flora e fauna, é defender a vida de todos nós, mas, principalmente, dos povos originários, os verdadeiros donos dessas terras de Pindorama.

A todas essas mulheres guerreiras, ofereço a minha solidariedade e amor. Estamos juntas, estou aos poucos voltando para casa.

Sou escritora infantojuvenil, dramaturga e poeta. Formada em Jornalismo e Letras. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC, SP. Especialista em Psicopedagogia, Teatro Brasileiro e Justiça Restaurativa e Cultura de Paz.

Uma das articuladoras nacionais do movimento Mulherio das Letras e uma das editoras das coletâneas desse coletivo.

200 ANOS DO GRITO DO YPIRANGA

Quando nasci fui destinado a ser pequeno, pelo menos em tamanho, mas eu nunca me senti assim. Creio que todo ser tem lá no fundo uma vontade enorme de ser grande ou pelo menos reconhecido como tal. Bem, ao menos comigo, era assim.

Quero me desculpar pelos maus modos, afinal, eu nem me apresentei e fui falando de minha presunção, um pequeno defeito que tenho, dado a ser um bom tagarela, gosto de conversar conforme vou fluindo. Sou Ypiranga. Pelo menos foi assim que os povos originários desta terra chamada Pindorama me batizaram, por causa das minhas águas serem mais avermelhadas. Y de rio e piranga pela cor rubra.

Sou um corpo d'água, um riacho, outros me chamam de córrego, mas para mim, sou parte de um rio, um rio bem maior e mais sinuoso, o Rio Tamandateí, volumoso e cheio de voltas, que hoje esconde submersa a Ilha dos Amores. Esse rio, é afluente de um rio ainda mais volumoso, o Rio Tietê. As águas são assim, parte de um todo, de rio em rio até desaguar no mar. Assim fluímos o mundo inteiro.

Eu precisamente sou um afluente da pujante capital do Estado de São Paulo e tenho orgulho da minha história, que em algum momento cruzou com a história desta terra Pindorama, que os portugueses chamaram de Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, tantos outros nomes, e depois, Brasil. Graças à quantidade abundante de pau-brasil, árvore nativa que foi intensamente arrancada, explorada e comercializada por toda a Europa.



Vanessa Ratton Guarani Mbya

Lembra de quando falei que todo pequeno quer ser grande? Foi assim que me senti, no ano de 1822, quando minhas margens, por obra do acaso, receberam o Príncipe de Portugal, D. Pedro I, no sétimo dia do mês primavera. Com um mal-estar, a caminho de São Paulo, ele aqui parou e quis a graça divina que ele aqui fosse encontrado por um emissário que trazia as vozes de seu ministro José Bonifácio de Andrade e Silva, conhecido depois como o patrono da Independência, e de sua esposa, a Princesa Leopoldina, que clamavam pela liberdade da Colônia.

Ouvi seu grito de liberdade que em mim ainda ecoa: “Independência ou Morte!”. Uma nova Nação germinava naquela Primavera! Graças ao Príncipe que se tornou Imperador, estou imortalizado na história, na literatura, na pintura e na música, por um hino, que apropriadamente declama que às margens plácidas do Ypiranga testemunharam, sob o sol da liberdade em raios fúlgidos, o nascer da Pátria.

Agora, caro amigo, que já me conheces, posso confessar-lhe que eu, há muito tempo calo, guardo e tenho represado um grito. As lágrimas que já transbordam e alagam, não foram suficientemente aviso, por isso, eu agora grito, para que todos me ouçam!

Sou sim um pequeno corpo d'água, mas sou parte de um todo. E não somos todos? Sou também rio, sou vida! Alago a cidade com minhas mágoas de séculos de maus tratos, tanto a mim, quanto à mãe Natureza e aos povos originários, verdadeiros donos dessas terras, que foram escravizados, mortos e hoje sobrevivem em reservas. Sou raso, mas sou profundo desalento. Sofro de ganância, de industrialização, de descaso, mesmo estando aqui há tanto tempo, são as águas que levam o meu lamento, e já se vão 200 anos clamando aos tolos que prosperam e acreditam que haverá vida sem o meio ambiente.

Pode ser muita pretensão minha, querer que no bicentenário desta gigante pátria que também eu tanto amo, que me olhem, que lembrem de mim, tanto quanto do Rei Soldado, mas não é por mim, aceito ser apenas um corpo d'água, deixo meu sonho de grandeza, se você me emprestar sua voz para que lutemos juntos pelo futuro, para que estas terras não sofram, nem todo o povo padeça e precise clamar por um copo d'água, que não deveria ser negado a ninguém.

Aos brasileiros ficou a Independência, para os povos originários, os rios, mares e as florestas restarão a Morte? Salvem-nos! Esta é minha súplica nas mesmas margens, ouçam meu apelo, meus amigos, meu grito é de resistência, é pela vida.



Wany Tuxá

E-mail: carlaarfer@gmail.com

Instagram: @wany_tuxa

Sou Wany Tuxá indígena do povo Tuxá, da aldeia mãe localizada às margens do Rio São Francisco em Rodelas no sertão da Bahia. Estudante do curso de Fisioterapia na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

No universo acadêmico passei a integrar o projeto de ensino, Pesquisa e Extensão (PET) Comunidades Indígenas UFBA, visando promover o reconhecimento da cultura dos povos originários, faço do artesanato um meio de promover os artefatos simbólicos da nação Tuxá. A comunicação sempre se apresentou para mim como forma de liberdade, por isso tenho também a arte da palavra como fonte de expressão.

Assim, através da escrita de músicas e poesias e das redes sociais conto a história de meu povo, denuncio diversas violências sofridas pelos povos indígenas do Brasil. Vejo na escrita uma forma de luta e resistência, podendo também quebrar estereótipos sobre os povos indígenas, principalmente do Nordeste. Uso a palavra para denunciar os impactos das barragens nas terras indígenas, como também para falar a respeito da demarcação de nosso território.

Minha arte com a palavra já ecoa no colégio indígena, na comunidade Tuxá, através dos poemas. Isso fortalece e potencializa nossa cultura, como também demonstra a importância de produções indígenas para o fortalecimento da identidade de nosso povo.



Wany Tuxá

NORDESTE INDÍGENA

Indígena no Nordeste, onde já se viu?
Eu tenho certeza de que essa frase você também já ouviu.

Há 520 anos resistimos à exploração.

Direitos violados, preconceito e humilhação.

Nós servimos de barreira contra a colonização.

E depois de tantos anos estou aqui pra te falar:

Mulher, nordestina, indígena, eu me acho no lugar.

Agora guarde na memória o que eu vou te contar.

Sobre os povos indígenas do Nordeste agora eu vou falar.

De pisadas fortes e vozes a ecoar

Muita força tem o torê do povo Tuxá

O menino do rancho com os encantos a guiar.

É do povo Pankararu onde tem os Praiá.

O ritual da lua cheia, toda aldeia a dançar.

É do povo Pataxó, em patxohã sabem cantar.

A festa da menina moça, que tem lá no Maranhão.

É do povo Guajajara o ritual de uma nação.

Lá em Pernambuco muitos povos a morar.

Entre eles os Fulni-ô, o yatê é seu linguajar.

Por aqui eu vou ficar, mas ainda há muito a saber.

E antes de falar besteira venha aqui nos conhecer.

Nossa força é ancestral e nossa cultura não deixamos morrer.



Zélia Puri

@zeliabalbina

Sou produtora cultural, escritora, poeta, atriz e pesquisadora; embaixadora da Paz pelo Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix - Suisse/France. Cofundadora do Movimento de Ressurgência Puri – MRP, membro da Associação Internacional de Poetas, membro da Academia Panamericana de Letras e Artes, membro do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais (InBrasCI) e membro do Movimento de Poetas Del Mundo (Chile). Trabalha ativamente no setor de produção audiovisual, integrante do Movimento de Ressurgência Puri, atuando no resgate da cultura, através de pesquisas e produção de textos literários e poéticos, que apresenta em livros, palestras, debates, oficinas, exposições e rodas de conversas sobre literatura indígena, identidade e ancestralidade. Finalista ao Prêmio Sim à igualdade racial, na categoria intelectualidade, realizado pela ID_BR, edição de 2021.



Zélia Puri

ANCESTRALIDADE FELINA

A menina esquisitinha, que bicho queria ser... já tinha sido passarinho e galo no amanhecer macaco, urso e papagaio... falando sem parar, beija-flor e bem te vi com andorinhas a voar ela corria pro mato, brincando de se esconder, subia nas mangueiras para o fruto bom comer.

Com o tempo descobriu, qual bicho “nela” habitava... era ligeiro e caçador, do jeito que ela gostava! Esse bicho era um felino, de grande porte e beleza... não era o rei leão, mas uma linda tigresa! A vida da “esquisitinha”, fluiu sem direção... sem cara ou identidade, e sem ter uma raiz, pairava na contramão... mas o tempo foi passando, e ela não entendia, o que havia de errado na vida que ela tinha. Foi quando percebeu, que não tinha o “seu lugar”, não tinha um passado, que pudesse visitar. Não tinha sua história, que pudesse se agarrar... não tinha “raça nem cor”, nenhum lugar pra voltar! Ai a dor explodiu, rasgando o coração... lembrou, então, dos amigos, que lhe davam atenção, eram os bichos lá do mato... seus amigos e irmãos. Rebuscou pelas lembranças, guardadas no esquecimento... a sua história de vida, para lhe dar encantamento

Foi quando encontrou o “parente”, nos atalhos da cidade... falando que era Puri, e de sua ancestralidade.

Uma onda de prazer, inundou o coração... ali estava alguém, que falava com paixão, sobre o que ela não sabia, seria sua salvação!

Esse encontro caloroso, se tornou um turbilhão, pois ela descobriu, finalmente, a direção. Fazer o caminho de volta, para poder se encontrar, redescobrir sua origem, e com a paz conectar!

Assim a “esquisitinha”, todo o trajeto fez, descobriu a sua “linha”, que o tempo não desfez. Nessa “linha” encontrou, a vida que lhe faltava... era sua identidade, que o mundo lhe negava. Seu felino protetor, a tigresa guerreira, também se transmutou e na pele da onça pintada, em Ponan se tornou! Agora não mais “a esquisita”, mas, senhora do seu SER! dona do seu destino, com seu sangue a escrever. A vida ganhou alento, alegria e paixão... pois pertencem a um povo, que lutou contra extinção!

Sou fruto de guerreiros, que não queriam morrer, e como sementes enterradas, esperaram para florescer. Hoje, tenho identidade, e luto para resgatar, minha cultura ancestral, que tentaram sufocar. Ninguém calará mais o meu grito, que agora se faz ouvir... reverbera pela cidade, pois consigo nele carregar, toda minha ancestralidade!

A onça que vive em mim, está pronta para lutar... proteger nossa cultura, e lutar para preservar, nosso povo tão sofrido, não podemos esquecer, que para vivermos o “hoje”, eles tiveram que se esconder.

Então usaremos a “escrita”, como “arma” de construção, pois como “guerreiros da pena”, criamos espaço de fala, com os parentes em comunhão, saudamos a ancestralidade, escrevemos nossa história, mostramos nossa cultura e isso, hoje, é uma grande vitória!

A identidade de uma pessoa, é um registro íntimo, que vem tatuado nas entranhas do ser, mas sua codificação, algumas vezes, precisa de tempo... tempo para ser alcançado, em sua plenitude. Mas, como se trata de um registro tão íntimo, não cabe a sociedade a sua definição, e nem tão pouco, a sua “privação”. Até hoje se escreve nas certidões de nascimento que a cor é “parda”! Essa cor não existe em nenhuma palheta de cor no mundo... mas está lá, escrito, assinado e endossado pelos entes governamentais, pela sociedade. Então, entendo que, desde o nascimento, já se começa o processo de invisibilidade e privação de identidade. É necessário que busquemos por aquilo que nos pertence, por aquilo que nos define e por aquilo que somos. Sou nativa PURI e luto pelo direito de ser quem Sou!



Agradecimentos

*Agradecemos a parceria do **Instituto Ela e ao Mulheres em Movimento 2022**, que possibilitaram a impressão desta obra, sem fins lucrativos e totalmente com ênfase na disseminação das vozes das mulheres indígenas deste país.*

Agradecemos a ANMIGA, pelo apoio fraternal, à Eliane Potiguara pela sabedoria da palavra e a equipe de articulação incansável para realizar esse sonho de muitas escritoras indígenas imersas no anonimato.

Agradecemos também ao Instituto Multiverso pelo apoio cultural.

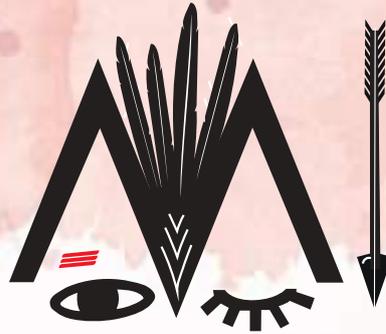
Que a nossa escrita desperte e dialogue com todas as pessoas que tenham acesso a essa obra coletiva e rompa barreiras racistas e culturais, em prol de uma sociedade mais humana e anticolonial.

Mulherio das Letras Indígenas 2022



**Mulheres em
Movimento 2022**
Fortalecendo a Solidariedade
e a Confiança





Mulherio das Letras Indígenas

Essa é a nossa Logo oficial. O resultado de um trabalho de muitos dias de pesquisa e de produção conjunta com a equipe de designer: as penas simbolizam nossa Cultura ancestral em harmonia com os 4 elementos do planeta, terra, água, fogo, vento. Os três grafismos de ponta de flecha ao centro, representam nossa luta de resistência e reexistência, pela proteção da natureza, da vida, da nossa cultura e do respeito a nossa espiritualidade. A base de grafismos traz a nossa arte e nossa diversidade como povos originários. Os olhos representam a sabedoria da mulher indígena que tem um olhar ancestral aguerrido, matriarcal, semeador e perceptível. A flecha vertical direcionada para a base, aponta nossas raízes singulares e plurais de nossas escritas originárias.

**Equipe de artes e designer do Mulherio das Letras Indígenas:
Emelin Frances, Emilly Parintintin, Eva Potiguara, Hellen Kariú,
Joana Truká e Telma Tremembé.**

ARTESANATO

TUPÃ

LUTAR

TUPI

ALDEIA

FLECHA

JUREMA

URUCUM

RESISTÊNCIA



ANCESTRAIS

**Mulherio das
Letras Indígenas**

INDÍGENA

PINDORAMA

YAMANDU

GABOCA

TORÉ

DESCOLONIZAR

COCAR

RAPE

TAPIOGA

DEMARCAÇÃO

REZOS

KURUMIM



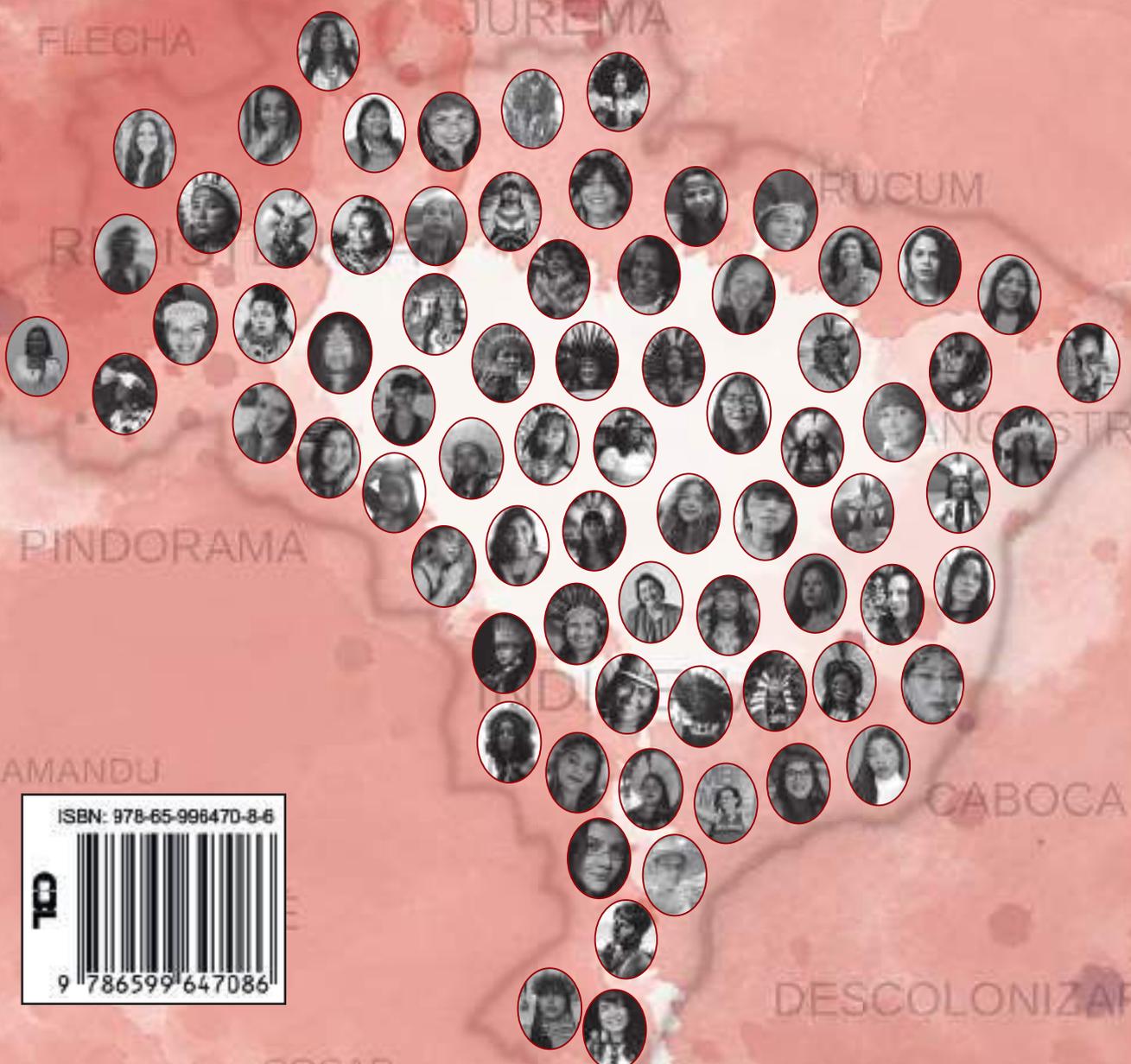
VENDA PROIBIDA

Álbum Biográfico

Guerreiras da Ancestralidade

2022





TUPI

ALDEIA

JUREMA

FLECHA

RUCUM

RUCUM

STRASIS

PINDORAMA

INDIA

YAMANDU

CABOCA

DESCOLONIZAR

COCAR

TAPIOCA

DEMARCAÇÃO

KURUMIM!
MARE

POVOS DA TERRA

ISBN: 978-65-996470-8-6

9 786599 647086



Mulheres em Movimento 2022
Fortalecendo a Solidade e a Confiança

Mulherio das Letras Indígenas 2022



mulherio das Letras

